

**UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI
BÁRBARA GAMBARÉ DOS SANTOS**

**PARQUE ESTADUAL DO JARAGUÁ: DO IMAGINADO
AO VIVENCIADO**

São Paulo
2012

BÁRBARA GAMBARÉ DOS SANTOS

**PARQUE ESTADUAL DO JARAGUÁ: DO IMAGINADO
AO VIVENCIADO**

Dissertação de Mestrado apresentada à Banca Examinadora, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Hospitalidade, área de concentração em Planejamento e Gestão Estratégica em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi, sob a orientação do Prof. Dr. Airton José Cavenaghi.

São Paulo
2012

BÁRBARA GAMBARÉ DOS SANTOS

**PARQUE ESTADUAL DO JARAGUÁ: DO IMAGINADO
AO VIVENCIADO**

Dissertação de Mestrado apresentada à Banca Examinadora, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Hospitalidade, área de concentração em Planejamento e Gestão Estratégica em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi, sob a orientação do Prof. Dr. Airton José Cavenaghi.

Aprovado em

Prof. Dr. Airton José Cavenaghi / UAM

Prof. Dr. Sidnei Raimundo / USP

Prof^a. Dra. Maria Ângela de Abreu Cabianca Marques /
UAM

Prof. Dr. Luiz Octávio de Lima Camargo / UAM

S233p Santos, Bárbara Gambaré dos
Parque Estadual do Jaraguá: do imaginado ao
vivenciado / Bárbara Gambaré dos Santos. – 2012.
112f.: il.; 30 cm.

Orientador: Airton José Cavenaghi.
Dissertação (Mestrado em Hospitalidade) -
Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2012.
Bibliografia: f. 93-97.

1. Imaginário. 2. Lazer. 3. Unidades de conservação
4. Parque Estadual do Jaraguá. I. Título.

CDD 647.94

Dedico este trabalho a minha mãe Leni (*in memoriam*) por ter me ensinado sempre lutar pelo que desejo e pelo exemplo de excelente mãe e mulher.

Aos meus tios Jayme e Tereza que sempre ajudaram em tudo que precisei.

Ao meu esposo Rafael pelo carinho, paciência, incentivo e apoio em todos os momentos.

Ao meu irmão Leandro e meu avô Osvaldo que sempre estiveram ao meu lado.

Ao Senhor dos Vales (Pico do Jaraguá) que sempre foi minha fonte de inspiração para todas as minhas pesquisas.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Leni Gambaré dos Santos (*in memorian*) e Claudio dos Santos por terem me apoiado, desde o início em meus estudos.

Ao meu irmão, Leandro Gambaré dos Santos pela paciência e contribuição com as fotos do parque.

Aos meus tios, Jayme dos Santos e Tereza Zambon pelo incentivo, carinho e paciência, além do acolhimento por semanas em sua casa durante a realização dos créditos.

Aos meus avós, Osvaldo, Sebastiana Aparecida (*in memorian*), Ana e Brasil (*in memorian*), por terem me ensinado a ser uma pessoa de caráter, da educação transferida diretamente ou mesmo indiretamente através de meus pais, mas principalmente ao meu avô Osvaldo pela paciência.

Ao meu esposo Rafael, que esteve ao meu lado nos momentos mais difíceis e sempre me incentivou, apoiou e auxiliou durante toda a realização desta dissertação. Pela ajuda nas fotos e na coleta de dados sobre o parque durante anos. O amor verdadeiro vence qualquer desafio!

Aos meus sogros Roberto e Margareth pelo incentivo e apoio nos momentos difíceis passados nesses últimos anos.

Ao Prof. Dr. Airton José Cavenaghi pela orientação e paciência durante estes dois anos de convivência.

Aos gestores do Parque Estadual do Jaraguá, Patrícia Ferreira Fellipe e Vladimir Arrais de Almeida pelo apoio no desenvolvimento das pesquisas para essa dissertação e pela amizade durante estes últimos dez anos de convivência.

Aos professores membros da banca por aceitarem o convite.

A Marianne pela amizade e o incentivo em prestar a prova para ingressar no mestrado.

A Mayla pela amizade e pelas tardes perdidas nas aulas particulares de inglês para que eu pudesse prestar a prova de proficiência.

A minha amiga Laura pela paciência em momentos de angústias e tristezas, mas principalmente pelos conselhos para o meu desenvolvimento acadêmico. Os laços de amizade surgem a partir dos momentos difíceis!

Ao André pela amizade, por me ensinar a ser professora e incentivo sempre e, como chefe, a paciência e compreensão em algumas falhas cometidas durante esse percurso.

Ao Luis pelas aulas ministradas na graduação e nossas discussões sobre turismo durante os cafés que sem dúvida me ajudou a chegar até aqui, mas principalmente pela

amizade e pelas broncas sempre construtivas para o meu desenvolvimento profissional e acadêmico.

A Heloisa pelo carinho e conselhos de mãe, pela contribuição para a minha formação acadêmica desde a graduação.

A Dona Luzinete por cuidar da minha família durante esses últimos três anos.

A Luana e Ana Carolina pela amizade, pelo apoio e conselhos sempre construtivos.

As professoras e hoje amigas Ana Julia e Gloria pelos ensinamentos passados durante a graduação e pelo incentivo para me tornar professora. Sem o apoio de vocês não teria chegado até aqui!

A todos os meus amigos pela compreensão nas minhas ausências.

A todas as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho.



(Glauco Villas Boas)

RESUMO

O objetivo desta pesquisa foi compreender o imaginário do visitante como um motivador para a visita ao Parque Estadual do Jaraguá - SP, e como ocorre essa experiência. Sendo uma Unidade de Conservação de Proteção Integral, devido às suas características ambientais, paisagísticas e históricas, e seu uso permitir pesquisas científicas, atividades de educação e interpretação ambiental, recreação, lazer e turismo, o parque atrai muitos visitantes. Com 492,68 hectares de Mata Atlântica, o Parque se caracteriza como uma das principais áreas verdes do município paulista e a principal área de lazer para a população de seu entorno. A metodologia se baseou em pesquisa bibliográfica acerca do imaginário, questões ambientais, sustentabilidade, lazer, turismo, turismo sustentável, ecoturismo, características, histórico e legislação do Parque Estadual Jaraguá, e pesquisa exploratória qualitativa por meio de entrevista semiestruturada com os visitantes Parque. Este estudo se torna relevante, pois é evidente o aumento da busca pelo contato com o meio natural, que pode se dar por experiências e atividade de lazer e ecoturismo e proporcionar sensações positivas para seus visitantes, assim como pode servir de base para o poder público quanto ao planejamento e ações de sustentabilidade. A partir das pesquisas elaborou-se o Processo de Concretização do Imaginário, que permitiu visualizar como ocorre a experiência do visitante em relação ao contato com a natureza, esse processo revelou que não importa o local visitado, seja o Parque Estadual do Jaraguá ou outro parque, mas o quanto de contato com a natureza a pessoa terá e quais sentimentos serão gerados.

Palavras-Chave: Imaginário. Lazer. Turismo. Unidades de Conservação. Parque Estadual do Jaraguá.

ABSTRACT

The objective of this study proposes to understand the visitor's imaginary as a motivator to visit the Jaraguá State Park and how this experience occurs. Considered an Unit of Integral Protection Conservation, due to its environmental, landscape and historical characteristics, and its use allows scientific researches, educational and environmental interpretation activities, recreation, leisure and tourism. With 492,68 acres of Atlantic Forest, the park is characterized as one of the main green areas of São Paulo and the main leisure area to the neighborhood. The methodology was based in bibliographic research, environmental questions, sustainability, leisure, tourism, sustainable tourism, ecotourism, characteristics, legislation, and history of the Jaraguá State Park, and a qualitative research using a semi structured interview with the visitors and tourists of the Park. This study emphasizes that the Park in urban environment is relevant, because nowadays it's evident the search for the nature contact, this can be through leisure and ecotourism activities, and bring positive sensations to the visitors, thus can be a base to the government as for the planning and sustainability actions. Through this study we elaborated the Process of the Imaginary's Realization, that allowed visualize how happens the visitors experience related to the nature contact.

Key words: Imaginary, Leisure, Tourism, Conservations Units, Jaraguá State Park.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1 - IMAGINÁRIO, EXPERIÊNCIAS E NATUREZA	9
1.1 Processo do Imaginário	9
1.2 A valorização das áreas naturais no mundo contemporâneo	16
1.3 A (re)aproximação da natureza por meio do lazer e da atividade turística em Unidades de Conservação da Natureza	21
1.4 O Ecoturismo como fonte da experiência em áreas naturais	39
CAPÍTULO 2 - O PARQUE ESTADUAL DO JARAGUÁ.....	45
2.1 O Sistema Nacional de Unidades de Conservação - SNUC	45
2.2 Histórico do Parque Estadual do Jaraguá	51
2.3 Unidades de Conservação da Região Metropolitana de São Paulo.....	57
CAPÍTULO 3 - DO IMAGINÁRIO AO VIVENCIADO NO PARQUE ESTADUAL DO JARAGUÁ	70
3.1 Perfil Sociográfico dos entrevistados	70
3.2 O Imaginário e o Parque Estadual do Jaraguá	71
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	88
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	93
ANEXO.....	98

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Características do Turismo Alternativo	40
Figura 2 – A relação entre turismo sustentável e outros segmentos.....	40
Figura 3 - Macro ambiente do Turismo Sustentável	41
Figura 4 – Pico do Jaraguá sem as antenas, antes de 1962.....	52
Figura 5 – Casarão Afonso Sardinha (vista externa).....	53
Figura 6 – Casarão Afonso Sardinha (vista externa).....	54
Figura 7 – Tanque de Lavagem de Ouro	54
Figura 8 – Pico do Jaraguá visto de Pirituba	56
Figura 9 – Vista geral da Trilha do Lago.....	59
Figura 10 - Entrada da Trilha do Silêncio	60
Figura 11 – Área de descanso e contemplação da Trilha do Silêncio	60
Figura 12 – Entrada da Trilha da Bica.....	61
Figura 13 – <i>Deck</i> no final da Trilha da Bica.....	61
Figura 14 – Trecho final da Trilha do Pai Zé	62
Figura 15 – <i>Deck</i> no final da Trilha do Pai Zé	62
Figura 16 A-H – Flora do Parque Estadual do Jaraguá. A. Paineira; B. Ipê-amarelo; C. Palmito-juçara; D. Bromélia; E. Figueira; F. Jatobá; G. Heliconia; H. Bromélia.....	64
Figura 17 A-L – Fauna do Parque Estadual do Jaraguá. A. Bigua; B. Garça-branca-grande; C. Tucano-do-bico-verde; D. Frango-d’água; E. Veado-catingueiro; F. Bicho-preguiça; G. Macaco-prego; H. Sagui-do-tufo-branco; I. Perereca; J. Camaleãozinho; K. Aranha-caranguejeira; L. Cigarra.	65
Figura 18 – Pico do Papagaio	66
Figura 19 – Tanque Batismal	67
Figura 20 – Auditório Jéssica Antunes Herculano	67
Figura 21 – Complexo de Churrasqueiras	68
Figura 22 – Processo de Concretização do Imaginário	72
Figura 23 – Vista do Pico do Jaraguá da Universidade de São Paulo, Campus Butantã	74
Figura 24 – Crianças bebendo água na Trilha da Bica representando o contato com a natureza	75
Figura 25 – Final da Trilha do Silêncio representando o sossego e a contemplação da natureza	75
Figura 26 – Churrasqueiras e área para piquenique	76

Figura 27 – Mirante Pico do Jaraguá, vista da cidade de São Paulo	77
Figura 28 – Cava de ouro a beira da Rodovia Anhanguera em 1982	78
Figura 29 – Restos da cava de ouro destruída em 2007 pela ampliação da Rodovia Anhanguera e invasões de pessoas	78
Figura 30 – Pico do Jaraguá visto do Autódromo José Carlos Pace, em Interlagos	79
Figura 31 – Detalhe do Pico do Jaraguá visto do Autódromo José Carlos Pace, em Interlagos	80
Figura 32 – Pista de <i>skate</i> sem uso durante a semana	80
Figura 33 – Pista de <i>skate</i> no dia das crianças	80
Figura 34 – <i>Playground</i> sem uso durante a semana	81
Figura 35 – <i>Playground</i> no dia das crianças	81
Figura 36 – Lago da entrada principal, área de contemplação da fauna aquática	82
Figura 37 – Foto aérea do Pico do Jaraguá e abaixo a cidade de São Paulo	86

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Evolução das abordagens de Turismo Sustentável.....	31
Tabela 2 – Os primeiros Parques do Mundo	45
Tabela 3 - Parques Estaduais da Região Metropolitana de São Paulo	57
Tabela 4 – Infraestrutura do Parque Estadual do Jaraguá	63
Tabela 5 – Relação entre a média de idade e o estado civil dos resultados obtidos a partir das pesquisas realizadas pela autora (2012).....	70
Tabela 6 – Relação entre a média de idade e a escolaridade dos resultados obtidos a partir das pesquisas realizadas pela autora (2012).....	71
Tabela 7 – Local de procedência dos entrevistados de acordo com os resultados obtidos a partir das pesquisas realizadas pela autora (2012).....	81

INTRODUÇÃO

O imaginário pode ser considerado o motor para as ações realizadas pelo homem, pois sempre esteve presente em sua vida. Para os seres humanos o que é desconhecido gera medos e incertezas e sua imaginação acaba por provocar ilusão, desejos, esperanças, curiosidades, etc. (SILVA, 2003; GASTAL, 2003).

O desejo e a curiosidade humana de buscar o desconhecido tornam-se cada vez mais os motivos pelo qual os deslocamentos e as pesquisas científicas se intensificaram. A vontade de descobrir se o que imaginavam era verdade, tornou-se um grande desafio. Um exemplo são os programas da *National Geographic* e *Discovery Channel*, que frequentemente apresentam programas e patrocinam expedições que buscam registros de animais lendários, invenções e experimentos científicos, confirmando se muitos mitos são verdadeiros.

Neste sentido, as florestas acabam por despertar no cotidiano das pessoas o imaginário relacionado ao contato com a natureza, como por exemplo: “encontrar” animais ainda não vistos, caminhar na mata com um sentimento de aventura, medo e adrenalina, imaginando que algo diferente pode acontecer e a vontade de vencer desafios, como subir no topo de morros, é cada vez mais comum tornando a experiência muito importante para o indivíduo (TUAN, 1983; TRIGO, 2010; GAETA, 2010).

A partir desta perspectiva de análise, o objetivo deste estudo foi compreender o imaginário do visitante como um motivador para a visita ao Parque Estadual do Jaraguá, e como ocorre essa experiência, que devido as suas características tende a despertar o imaginário nas pessoas que o observa. Inserido em sua área está o Pico do Jaraguá, ponto mais alto do município que proporciona uma visão panorâmica de 360° graus da Região Metropolitana de São Paulo, além da Serra do Mar, Serra da Cantareira e Serra do Japi (FFLORESTAL, 2010).

Neste sentido, o homem moderno passou a venerar as áreas naturais como algo precioso e um refúgio para se recuperar da vida caótica das grandes cidades. Isto é, qualquer área natural possui características que tendem a despertar esses sentimentos nas pessoas. Por essa razão, o estudo do imaginário é relevante, pois como “motor” para as ações humanas que, dentre outros resultados, apontam os diferentes níveis de distanciamento entre o imaginado e o vivido e, até mesmo entre o que se pensa e o que se realiza.

O Parque Estadual do Jaraguá (PE Jaraguá) é uma Unidade de Conservação (UC) administrada pela Fundação para a Conservação e a Produção Florestal do Estado de São Paulo - Fundação Florestal (FF), órgão vinculado à Secretaria de Meio Ambiente do Estado de São Paulo (SMA). Foi declarado como Patrimônio da Humanidade pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.), na qualidade de Reserva da Biosfera, passando a integrar a Zona Núcleo do Cinturão Verde da Cidade de São Paulo. O objetivo desta declaração é promover sua integração com a comunidade local de forma a lhe proporcionar, por meio da proteção e recuperação dos recursos naturais, o incentivo à pesquisa científica, a promoção da educação ambiental, o lazer e o ecoturismo (FFLORESTAL, 2010).

Esses mecanismos de integração tornaram-se fundamentais para a sua conservação, pois o crescimento populacional exigiu o aumento na produção de bens de consumo ocasionando diversas mudanças nos padrões de vida humana e nos recursos naturais. Em consequência disso, depara-se com altos índices de poluição, diminuição de áreas naturais, estresse, conflitos sociais, aumento e diminuição drástica das temperaturas. Assim, o homem moderno passou a venerar as áreas naturais como algo precioso e um refúgio para se recuperar da vida caótica das grandes cidades (COSTA, 2002; PIRES, 2010; SWARBROOKE, 2000).

A maioria das áreas naturais abertas à visitação na cidade de São Paulo recebe um número significativo de visitantes, principalmente aos finais de semana e feriados. Algumas dessas áreas são denominadas de parques (nacionais, estaduais ou municipais), e quase sempre não comportam a demanda de visitantes nesses dias. Sua infraestrutura, o número de funcionários, os problemas do entorno (invasões e caça), as queimadas criminosas, colocam em dúvida o verdadeiro uso desses espaços, ou seja, como conservar essas áreas se os problemas enfrentados comprometem diretamente sua proteção. Em função desse quadro, que é mundial, surgem ações e propostas para a conservação e a preservação dos recursos naturais (SMA, 1999; SMA, 2001; SNUC, 2000; KINKER, 2002; COSTA, 2002).

O PE Jaraguá merece atenção por parte dos pesquisadores, pois sua biodiversidade, sua importância como opção de lazer, sua contribuição para a manutenção da qualidade de vida do município e sua importância histórica precisam ser respeitadas e seu uso organizado, de forma a contribuir para que todos tenham acesso e conheçam a importância da conservação dessa área para São Paulo e para a humanidade.

O assunto da presente investigação envolve o imaginário, a concretização da experiência do visitante e suas consequências em relação ao Parque Estadual do Jaraguá.

Neste sentido, o problema da pesquisa indica os seguintes questionamentos:

- O imaginário do visitante é um motivador para a visita ao Parque Estadual do Jaraguá?
- Como se dá a experiência do visitante ao visitar o Parque Estadual do Jaraguá?

Quanto às hipóteses, segundo Dencker (2007) hipótese é uma antecipação da resposta que será verificada na pesquisa. É uma suposição na tentativa de responder a pergunta do problema. Conforme Gil (1999, p.60):

O papel fundamental das hipóteses na pesquisa é sugerir explicações para os fatos. Essas sugestões podem ser soluções para o problema. Podem ser verdadeiras ou falsas, mas, sempre que bem elaboradas, conduzem à verificação empírica, que é o propósito da pesquisa científica.

Os pressupostos pertinentes a esta pesquisa compreendem o imaginário do visitante em relação ao PE Jaraguá é um fator motivador, pois se manifesta em função da busca do contato com a natureza e a sensação de fuga do cotidiano e da rotina nos centros urbanos se dá a partir das experiências vivenciadas em contato com a natureza.

Amparado nestas análises, o objetivo geral desta pesquisa foi compreender o imaginário do visitante como um motivador para a visita ao Parque Estadual do Jaraguá e como ocorre essa experiência.

Para alcançar o objetivo geral, o estudo propôs os seguintes objetivos específicos:

- a) Compreender a relação entre o imaginário e a concretização da experiência do visitante no Parque Estadual do Jaraguá.
- b) Compreender o imaginário do visitante em relação ao Parque Estadual do Jaraguá;
- c) Entender a relação do imaginário com a motivação para a visita ao Parque Estadual do Jaraguá, que está atrelada ao contato com a natureza, à superação de limites e à fuga do cotidiano dos grandes centros urbanos.

A metodologia utilizada para o alcance dos objetivos do presente trabalho se baseia em pesquisa qualitativa com entrevistas semiestruturadas conforme descrição a seguir.

A metodologia aplicada em trabalhos científicos serve para legitimar os dados obtidos em uma pesquisa. Portanto, o pesquisador precisa definir qual e o melhor método para estruturar sua investigação. Segundo Severino (2002, p.145) os trabalhos científicos “possuem em comum a necessária procedência de um trabalho de pesquisa e de reflexão que seja pessoal, autônomo, criativo e rigoroso”. Assim como Goldemberg (2000, p.13) afirma que “a

pesquisa científica exige criatividade, disciplina, organização e modéstia, baseando-se no confronto permanente entre o possível e o impossível, entre o conhecimento e a ignorância”.

Dentre os diversos tipos de pesquisa científica, optou-se neste estudo pela pesquisa qualitativa que abrange a interpretação e análise dos fenômenos de maneira não estatística, ressaltando a relação entre o sujeito e as experiências pessoais do pesquisador. Segundo Dencker (2000, p.103) “As pesquisas qualitativas caracterizam-se pela utilização de metodologias múltiplas, sendo as mais utilizadas à observação (participante ou não), a entrevista em profundidade e a análise de documentos”.

Deste modo, a pesquisa qualitativa permite uma análise aprofundada do indivíduo, possibilitando o alcance do objetivo geral e dos específicos do estudo a respeito da compreensão do imaginário, da motivação e da experiência do visitante em áreas naturais. Neste sentido, a investigação ocorreu no Parque Estadual do Jaraguá, uma UC que recebe em média 10 mil visitantes por finais de semana e feriados (FFLORESTAL, 2010).

Na pesquisa qualitativa, o social é visto como um mundo de significados passível de investigação e a linguagem dos atores sociais e suas práticas as matérias-prima dessa abordagem. É o nível dos significados, motivos, aspirações, atitudes, crenças e valores, que se expressa pela linguagem comum e na vida cotidiana, o objeto da abordagem qualitativa (TEIXEIRA, 2005, p. 140).

E ainda:

[...] A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados, e o pesquisador é seu principal instrumento. Esse tipo de pesquisa supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que esta sendo investigada, graça a um intenso trabalho de campo. (DENCKER, 2002, p.186).

Os dados obtidos nas pesquisas qualitativas são predominantemente descritivos, são ricos em relatos de pessoas, em situações e acontecimentos, incluindo transcrições de entrevistas e depoimentos, além de outros tipos de documentos, cabendo ao pesquisador ficar atento ao maior número de elementos presentes na situação estudada (DENCKER, 2002). Neste caso o pesquisador, por meio das entrevistas, buscou identificar os elementos que envolvem o imaginário relacionado ao PE Jaraguá a partir do seguinte questionamento: o imaginário do visitante a respeito do PE Jaraguá é o que motiva sua visitação?

No estudo qualitativo, a análise de dados segue um processo indutivo. Os pesquisadores não se preocupam em buscar evidências que comprovem as hipóteses. O fato, entretanto, de não existirem hipóteses ou questões formuladas *a priori* não implica a inexistência de um quadro teórico. O desenvolvimento do estudo vai afunilando-se. No início, há questões ou

focos de interesse muito amplo, que no final se tornam mais diretos e específicos (DENCKER, 2002, p. 186-187).

A pesquisa exploratória também se fez necessária para contribuir com as investigações, segundo Dencker (2002, p.59) a “[...] pesquisa empírica que tem por finalidade formular um problema ou esclarecer questões para desenvolver hipóteses”. Esse método de pesquisa permite que o pesquisador se familiarize com o fenômeno ou o ambiente investigado procurando “[...] aprimorar idéias ou descobrir intuições. Caracteriza-se por possuir planejamento flexível envolvendo em geral levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas experientes e análise de exemplos similares” (DENCKER, 2000, p.124).

As descrições, nesse caso, tanto podem variar da pesquisa bibliográfica e documental ao uso de questionários, entrevista ou observação. Esses estudos não necessitam de amostragem e utilizam de modo bastante freqüente os procedimentos da observação participante e a análise de conteúdo (DENCKER, 2002, p.59).

A técnica abordada, portanto, no presente estudo foi à pesquisa exploratória qualitativa por meio de entrevista semiestruturada (Anexo 1), porém a amostra não possui caráter estatístico, mas serviu para se entender o perfil sociográfico do público entrevistado. Segundo Dencker (2002) a entrevista possibilita o contato pessoal entre o entrevistador e o entrevistado, num processo simultâneo de perguntas e respostas. “Esse método permite maior flexibilidade para a obtenção de informações. O entrevistador tem a oportunidade de observar não apenas a pessoa, mas a situação como um todo” (DENCKER, 2002, p.158).

Gil (1999), complementa e explica que a entrevista é uma metodologia de coleta de dados, com metas antes definidas acerca do objeto de estudo, o pesquisador entra em contato com os possíveis entrevistados e através de um diálogo informal ou estruturado busca coletar as informações necessárias a pesquisa.

No entanto, Dencker (2002) chama a atenção do pesquisador quando explica que só se deve recorrer à entrevista quando não localizar dados documentais sobre o problema detectado. Neste caso, o conhecimento será construído baseado nos resultados das investigações. Esse método foi necessário por não ter sido localizado dados documentais sobre a relação entre o imaginário e o Parque Estadual do Jaraguá.

Foram realizadas 30 entrevistas em três dias (dois domingos e um feriado), nos dias 29 de abril, 01 e 06 de maio de 2012, sendo que a escolha das datas foi proposital devido ao número de visitantes que o parque recebe aos finais de semana e feriados.

Os locais de abordagem dos visitantes foram as dependências do Parque, parte baixa (área de churrasqueiras, playgrounds, área para piquenique e trilha) e parte alta (Pico do Jaraguá, trecho final da trilha do Pai Zé, mirantes e pista). As 30 pessoas foram abordadas aleatoriamente, sendo que as entrevistas foram gravadas com a autorização dos visitantes e seus nomes foram preservados, a duração média das respostas foi de cinco minutos por pessoa. Os trechos das entrevistas utilizados nas análises serão mostrados em itálico no capítulo 3.

Vale ressaltar a importância da abordagem do entrevistado que esclarece o objetivo da pesquisa e preconiza o anonimato dos entrevistados, a fim de tornar a entrevista um momento de liberdade de expressões, pensamentos e sentimentos que corroboram para o alcance dos objetivos geral e específicos.

Neste contexto foram feitas cinco perguntas chave que permitiu o entrevistado falar livremente sobre o assunto sem que o pesquisador influenciasse ou manipulasse suas respostas: “Como tomou conhecimento do Parque?”; “Quanto tempo frequenta o Parque?”; “Por que escolheu visitar o Parque hoje?”; “Qual atividade você buscou fazer aqui no Parque?”; “O que você sente ao entrar aqui no Parque?” e “O que o Pico do Jaraguá representa para você?”.

O bom entrevistador é aquele que sabe ouvir, mas ouvir de forma ativa, demonstrando ao entrevistado que está interessado em sua fala, em suas emoções. É também, aquele que realiza novos questionamentos, mas sem influenciar seu discurso, ou seja, aprofunda o relato do participante e mostra atenção sobre detalhes importantes, mas sem impor sua forma de pensar sobre o assunto, na intenção de induzir a determinado resultado (CAMURRA & BATISTELA, 2009, s/p.)

O presente trabalho está dividido em três capítulos, sendo eles: 1) Imaginário, Experiência e Natureza; 2) O Parque Estadual do Jaraguá e, por fim, 3) Do Imaginário ao vivenciado no Parque Estadual do Jaraguá. Para o desenvolvimento dos capítulos foram utilizados os seguintes autores:

Os autores utilizados para corroborar as análises do capítulo 1 sobre o imaginário são: Silva (2003) *Tecnologias do imaginário: esboços para um conceito*; Barros (2007) *História, imaginário e mentalidades: delineamentos possíveis*; Espig (1998) *Ideologia, mentalidades e imaginário: cruzamentos e aproximações teóricas*; Maffessoli (2001) *O imaginário é uma realidade* e os livros de Le Goff (1994) *O Imaginário Medieval*; Gastal (2003) *Turismo, imagens e imaginário*; e Wunenburger (2007) intitulado de *O Imaginário*, que apresentam

diversas informações sobre o que é o imaginário e como ele influencia a vida humana e fornece base para a proposta de pesquisa.

Para as análises sobre as questões ambientais, sustentabilidade, turismo sustentável, ecoturismo, os autores são: Costa (2002) e Kinker (2002) que realizaram levantamentos sobre as primeiras Unidades de Conservação do mundo e as brasileiras, além de fazer um levantamento das leis nacionais para a preservação e conservação, estudos de casos brasileiros e mundiais e a expansão da atividade turística para essas áreas protegidas por lei. Os exemplos apresentados nos livros: *Unidades de conservação matéria prima do ecoturismo, Ecoturismo* (Costa, 2002) e *Conservação da natureza em Parques Nacionais* (Kinker, 2002), servem para estudar as condições de uso do PE Jaraguá para o turismo e como opção de lazer para o seu entorno.

Se tratando de um local de lazer e turístico, os livros e artigos: *Gestão Ambiental e Sustentabilidade no Turismo* de Philippi & Ruschmann (2010), Swarbrooke (2000) com a sua série de livros *Turismo Sustentável*, sendo o volume 01 intitulado, *Turismo Sustentável: Conceitos e Impacto Ambiental* e o volume 02, *Turismo Sustentável: Meio Ambiente e Economia*, Lindberg & Hawkins (2001) com o livro *Ecoturismo: Um guia de planejamento e gestão*, Diegues (1996) com livro, *O mito moderno da natureza intocada*, o livro *Ecoturismo: impactos, potencialidades e possibilidades* de Wearing & Neil (2001), contribuem diretamente para os estudos da gestão do Parque Estadual do Jaraguá, pois esses autores tratam de sustentabilidade, turismo sustentável, ecoturismo e planejamento turístico em áreas naturais. Complementando as discussões sobre turismo e turismo de experiência e Panosso Neto & Gaeta (2010) com o livro *Turismo de Experiência*, contribuem também para o entendimento da atividade turística e seus segmentos.

Quanto aos autores utilizados no capítulo 2 referente as discussões sobre o PE Jaraguá utilizou-se: Dean (1996), *A ferro e fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica Brasileira* que descreve a evolução dos usos dos recursos naturais desde os primórdios, a exploração mineralógica e sua expansão da exploração por todo o território brasileiro, o café desalojando a floresta até a industrialização.

Evidenciando ainda a importância da região do Jaraguá, Dean (1996), descreve que essa área é um dos primeiros locais nos quais foi encontrado ouro no Brasil. Este fato ocorreu próximo ao morro do Jaraguá, atual Parque Estadual do Jaraguá, demonstrando a sua importância para a história paulistana e como o Morro que se destaca no horizonte estimula o imaginário desde muitos séculos atrás. Porém, com o objetivo de exploração e para os indígenas, habitantes originais do território, o pico funcionava como ponto de referência.

Após todo o processo exploratório, o desenvolvimento desordenado e os impactos negativos irreversíveis causados aos ecossistemas brasileiros, surgem pessoas preocupadas com as condições do que restou desses recursos naturais e como agir para preservá-los e conservá-los criando leis e propondo ações para minimizar os impactos negativos causados pela ação humana.

Baseando-se nesses autores, nas análises e na metodologia apresentada para compreender o imaginário do visitante em relação ao PE Jaraguá foram realizadas entrevistas com os visitantes de maneira aleatória, nos finais de semana e feriados no parque apresentadas no capítulo 3.

A utilização de entrevista revelou-se um instrumento de coleta de dados de maior flexibilidade para a investigação proposta, deste modo tornando-se relevante deixar o entrevistado a vontade para responder e a partir daí estruturar as resposta para elucidar as questões de pesquisa abordadas e alcançar os objetivos propostos a fim de contribuir para a compreensão da temática. Portanto, no primeiro capítulo discutem-se os conceitos de imaginário, sustentabilidade, sustentabilidade da atividade turística, turismo de experiência e ecoturismo. O segundo capítulo trata da área de estudo, o histórico do Parque Estadual do Jaraguá, sua legislação e sua caracterização. O terceiro capítulo aborda a metodologia, os resultados, análises e discussões fruto das entrevistas com os visitantes. Após estas análises, foram feitas as considerações finais baseada nas discussões e resultados obtidos nos capitulos anteriores.

Neste sentido, essas discussões se tornam relevantes visto que até o presente momento não foram localizados nenhum trabalho discutindo a relação entre o Parque Estadual do Jaraguá, o imaginário, a sustentabilidade e o turismo, além disso, essa pesquisa poderá servir de base para trabalhos futuros e como exemplo para outras Unidades de Conservação.

CAPÍTULO 1 – IMAGINÁRIO, EXPERIÊNCIA E NATUREZA

Neste capítulo são realizadas abordagens sobre conceitos e estudos sobre o imaginário, lazer, turismo e sustentabilidade, como esses processos se inter-relacionam e promovem a curiosidade e estimula as pessoas para conhecer lugares, e neste estudo específico, as áreas naturais.

1.1. PROCESSO DO IMAGINÁRIO

Os estudos sobre o imaginário são complexos e instigantes, se pensar que tudo o que foi construído pelo homem partiu do seu imaginário (literatura, cultura, tecnologias, etc.). É algo que sempre esteve presente no cotidiano humano impulsionando-o para o desenvolvimento e a busca pelo desconhecido. “O concreto é empurrado, impulsionado e catalisado por forças imaginais (SILVA, 2003, p.1)”.

Para Le Goff (1994), o imaginário acaba sendo confundido com termos adjacentes que acabam se inter-relacionando parcialmente, mas que precisam ser distinguidos, como o caso do termo representação que reúne todas as traduções mentais de uma realidade exterior percebida, além disso, está ligada ao processo de imagens.

A representação de uma catedral é a idéia de catedral. O imaginário pertence ao campo da representação, mas ocupa nele a parte da tradução não reprodutora, não simplesmente transposta em imagem do espírito, mas criadora, poética no sentido etimológico da palavra (LE GOFF, 1994, p. 11).

Le Goff (1994) acrescenta que o imaginário ocupa apenas uma parte do território da representação, pois envolve também a fantasia que afasta o imaginário da representação que é apenas intelectual, ou seja, envolve o erudito, o conhecimento já adquirido pelo indivíduo, diferente do imaginário que pode nunca vir a existir.

Outro termo exposto é o simbólico que, Le Goff (1994, p. 12) “pode falar de simbólico quando o objeto considerado é remetido para um sistema de valores subjacente – histórico ou ideal”. Neste sentido os significados dos símbolos são vistos e considerados como parte da vida social.

Além dos termos representação e simbólico, Le Goff (1994) explica que é preciso distinguir também o imaginário do ideológico.

[...] O ideológico é empossado por uma concepção do mundo que tende a impor à representação um sentido tão perverso do <<real>> material como outro real do <<imaginário>>. Só pelo forçamento que exerce no <<real>> - obrigado a entrar num quadro conceptual preconcebido – é que o ideológico tem um certo parentesco com o imaginário (LE GOFF, 1994, p. 12).

A ideologia imposta muitas vezes faz com que a sociedade submetida a ela siga-a sem questioná-la e sem perceber o que é real e o que é imaginário, apenas cumpre com o que foi ditado pelo seu representante (religião, política etc.). Neste caso o imaginário acaba sendo usado para manipular idéias, desejos e sonhos.

As análises desses termos ligados ao imaginário conduziram Jacques Le Goff a uma segunda referência, mas não menos importante, do imaginário:

[...] Até o mais prosaico dos documentos pode ser comentado, quer na forma quer no conteúdo, em termos de imaginário. O pergaminho, a tinta, a escrita, os selos, etc. exprimem mais que uma representação: exprimem também uma imaginação da cultura, da administração, do poder. O imaginário do escrito não é o mesmo da palavra, do monumento ou da imagem [...] (LE GOFF, 1994, p. 13).

Neste sentido, é nítido que o imaginário é um caminho essencial a ser estudado seja de um indivíduo ou de uma sociedade, pois o imaginário complementa as pesquisas realizadas dos vestígios palpáveis e reflete os caminhos que a humanidade vem seguindo, demonstrando seus medos, seus desejos e seus sonhos. “Estudar o imaginário de uma sociedade é ir a fundo da sua consciência e da sua evolução histórica. É ir à origem e à natureza profunda do homem, criado <<à imagem de Deus>> [...]” (LE GOFF, 1994, p. 17).

Complementando, Barros (2007) explica que o imaginário é visto como uma realidade tão presente quanto aquilo que poderíamos chamar “vida concreta”. Essa perspectiva sustenta-se na idéia de que o imaginário é também reestruturante em relação à sociedade que o produz, além disso, o autor cita como exemplo aqueles que durante a Idade Média se envolveram nas Cruzadas em virtude de um imaginário cristão e cavalheiresco. “O imaginário de uma sociedade ou grupo será parte fundamental de sua existência, uma vez que o próprio sentido conferido ao universo social encontra-se a ele ligado [...] (ESPIG, 1998, p. 12)”.

Nos usos correntes do vocabulário das letras e das ciências humanas, o termo “imaginário”, como substantivo, remete a um conjunto bastante flexível de componentes. Fantasias, lembranças devaneio, sonho, crença não-verificável, mito, romance, ficção são várias expressões do imaginário de um homem ou de uma cultura. É possível falar do imaginário de um indivíduo, mas também de um povo, expresso no conjunto de suas obras e crenças. Fazem parte do imaginário as concepções pré-científicas, a ficção científica, as crenças religiosas, as produções artísticas que inventam outras realidades (pinturas não-realistas, romance etc.), as

ficções políticas, os estereótipos e preconceitos sociais etc. (WUNENBURGER, 2007 p. 7).

Tratando-se de imaginário social, Silva (2003, p. 3) afirma que “estrutura-se principalmente por contágio: aceitação do modelo do outro (lógica tribal), disseminação (igualdade na diferença) e imitação (distinção do todo por difusão de uma parte)”, ou seja, existe um imaginário coletivo e que ao mesmo tempo muda de um grupo para outro, em vista disso, é que surge a diversidade cultural.

Quanto ao imaginário individual, Silva (2003, p. 3) explica que este se dá na construção “essencialmente por identificação (reconhecimento de si no outro), apropriação (desejo de ter o outro em si) e distorção (reelaboração do outro para si)”, por isso, que existem muitas diferenças entre os indivíduos, mas ao mesmo tempo se agrupam e criam povos distintos, mas com características semelhantes.

Se o imaginário é uma fonte racional e não-racional de impulsos para a ação, é também uma represa de sentidos, de emoções, de vestígios, de sentimentos, de afetos, de imagens, de símbolos e de valores. Pelo imaginário o ser constrói – se na cultura. Assim o imaginário não é a cultura, nem a crença, menos ainda a ideologia. Por meio do imaginário o ser encontra reconhecimento no outro e reconhece – se a si mesmo [...] (SILVA, 2003, p. 4).

E, ainda:

Não é a imagem que produz o imaginário, mas o contrário. A existência de um imaginário determina a existência de conjuntos de imagens. A imagem não é o suporte, mas o resultado [...] (MAFFESOLI, 2001 p. 76).

Deste modo, o imaginário não pode ser considerado oposto ao real, pois aquilo que é legitimado como verdade, a princípio foi imaginado. Além dessa discussão, o imaginário envolve outra mais profunda, segundo Espig (1998) explica que por meio dos imaginários sociais, um grupo não apenas institui sua identidade e estabelece uma representação sobre si mesmo, como também difunde papéis e funções sociais, expressa suas crenças comuns e estabelece padrões.

Com esse imaginário social podemos identificar como essas relações podem influenciar as escolhas de cada um, como por exemplo, o que fazer no tempo de lazer.

O imaginário de uma sociedade ou grupo será parte fundamental de sua existência, uma vez que o próprio sentido conferido ao universo social encontra-se a ele ligado. Obviamente o exercício do poder passará pelo imaginário coletivo. Através dos imaginários sociais, um grupo não apenas

designa sua identidade e elabora uma representação sobre si mesmo, como também distribui papéis e funções sociais, expressa crenças comuns e fixa modelos (ESPIG, 1998, p. 12).

A autora também explica que por meio do imaginário se cria uma ordem social, agindo como um mecanismo de controle da vida coletiva e do exercício do poder, além disso, que essas relações só ocorrem quando possuem sentido diante da sociedade. (ESPIG, 1998)

[...] A criação de imaginários sociais será eficaz apenas quando repousar naquilo que Baczko denomina de “identidade de imaginação” – ou seja, quando possuir a capacidade de fazer sentido para um determinado grupo social. Caso esta identidade falhe, a linguagem e o imaginário tenderão a desaparecer ou reduzir-se a funções meramente decorativas, que não terão eficácia como canalizadores de ações sociais (ESPIG, 1998, p. 13).

E ainda:

O imaginário é, neste sentido, um conceito que não traz em seu horizonte analítico a questão do verdadeiro ou falso daquilo que foi imaginado, mas tenta perceber sob que condições se criou determinada “comunidade de imaginação” que tornou possível sua aceitação por determinado grupo. Talvez por isso o conceito de imaginário seja virtualmente mais apropriado quando se trata de perceber a riqueza da diversidade social. [...] (ESPIG, 1998, p. 15).

Silva (2003) afirma que o imaginário é um “reservatório/motor”, ou seja, ao mesmo tempo em que guardamos sentimentos, imagens, experiências, lembranças, etc., temos um “motor” que impulsiona para a ação de concretizar o que foi imaginado, e esse processo ocorre individualmente ou em grupos.

[...] Como reservatório, o imaginário é essa impressão digital do ser no mundo. Como motor, é o acelerador que imprime velocidade à possibilidade de ação. O homem age (concretiza) porque está mergulhado em correntes imaginárias que o empurram contra ou a favor dos ventos (SILVA, 2003, p.3).

Igualmente, Le Goff (1994, p.16) afirma que: “O imaginário alimenta o homem e fá-lo agir. É um fenômeno coletivo, social e histórico. Uma história sem o imaginário é uma história mutilada e descarnada”. Outra observação importante de Le Goff (1994, p.32) é que o imaginário no contexto da cidade é um objeto que vale a pena contemplar e pensar.

Acrescentando a essa discussão Wunenburger (2007, p. 12) afirma que os “diferentes constituintes de um imaginário (tempo, espaço, personagens, ação etc.) podem dar, depois de uma interpretação, indicações valiosas sobre o sujeito imaginante que se serve desses

operadores para exprimir afetos, idéias, valores [...]”, ou seja, essas interpretações devem ser feitas mediante o contexto social, econômico, político, geográfico, histórico etc.

Em vista disso, observa-se que a busca pelo imaginário está relacionado constantemente com novos desafios em todos os momentos da evolução humana, seja nas profundezas dos oceanos, interiores das cavernas e das florestas e para além do planeta. O desejo e a curiosidade humana de buscar o desconhecido se tornam cada vez mais intensas, motivando os deslocamentos e as pesquisas científicas. Descobrir se o imaginado é verdade ou é possível conceber é o grande desafio e o interesse pelo desconhecido sempre gera incertezas, ilusões, desejos, esperanças e medos.

Tal fato pode ser também observado em Gastal (2003), ou seja:

Em épocas muito antigas, nos deslocamentos humanos a pé ou com tração animal havia o medo das entidades que habitavam as matas, as montanhas, os oceanos, enfim, o território a percorrer. Esses medos, expressos em diferentes mitologias, mostravam deuses e bruxas que tornavam assustador o escuro da floresta ou a imensidão das montanhas (GASTAL, 2003, p. 57).

E, ainda:

[...] Nosso imaginário está povoado não só pelas viagens e recantos consagrados ou exóticos do planeta, mas também à espera de novos desafios, fora do espaço terrestre. Um *tour* à Lua, a Marte ou até galáxias mais distantes onde veremos deslumbrados, que a “Terra é azul!”. Um imaginário ao qual se agregam não só as possibilidades da natureza e da cultura, mas a crença que nossas necessidades e desejos podem ser supridos pela máquina e pela técnica (GASTAL, 2003, p. 59).

Para Maffesoli (2001, p. 76) o termo imaginário não é fácil definir, mas o autor explica que esta questão está ligada a cultura e é um estado de espírito coletivo.

O imaginário é o estado de espírito de um grupo, de um país, de um Estado-nação, de uma comunidade, etc. O imaginário estabelece vínculo. É cimento social. Logo, se o imaginário liga, une numa mesma atmosfera, não pode ser individual (MAFFESOLI, 2001, p. 76).

A concepção do imaginário coletivo apresenta alguns elementos básicos como o lúdico, a fantasia, o imaginativo, o afetivo, o não-racional, o irracional, os sonhos, enfim o homem age porque sonha agir (MAFFESOLI, 2001).

Se é o imaginário que produz a imagem que temos do mundo, pode-se pensar que, quanto mais imaginarmos o contato com a natureza mais ligados pode-se ficar a ela. Isso pode se tornar uma forma de conscientização ambiental e valorização da natureza. Essa interação

pode ser promovida pelas atividades em meio a natureza praticadas nos parques, como no caso do Parque Estadual do Jaraguá.

Viagens e imaginário sempre andaram juntos, daí sua importância para o turismo. Enfrentar o desconhecido, ou simplesmente adentrar o novo, causa certa instabilidade nas pessoas. Assim, o espaço desconhecido será ocupado pelos sentimentos das pessoas em relação a ele, sentimentos que serão materializados de diferentes maneiras em diferentes momentos históricos (GASTAL, 2005 p. 57).

Todavia, o imaginário e o desejo existente de desvendar os mistérios em torno da natureza retornam hoje como uma forma de lazer, e não apenas como uma fonte de sobrevivência. Essas áreas naturais se tornaram espaços estruturados (banheiros, lanchonetes, trilhas, sinalização etc.), para atender uma demanda crescente que tem interesse e imagina ter momentos de contato com a natureza para fugir do cotidiano.

Motivado por desejar fugir da rotina diária, os moradores dos grandes centros urbanos vão em busca de novas experiências, consumindo o espaço de maneira a satisfazer suas necessidades de fuga do estresse por meio do contato com os recursos naturais (cachoeiras, cavernas, montanhas, fauna e flora etc.).

Neste sentido, temos as funções do imaginário propostas por Wunenburger (2007, p. 53-66), são divididas em três etapas: objetivo estético-lúdico, objetivo cognitivo e objetivo instituinte prático.

1. Objetivo estético-lúdico: Paralelamente aos comportamentos de sobrevivência e do trabalho, o imaginário abre a porta à esfera de atividades gratuitas, desinteressadas, das quais o jogo, o divertimento e as artes são os exemplos mais universais. Colocar nas considerações finais
 - O jogo: todo ser vivo tem necessidade de repouso, de afastamento, de carinhos, de disfarces, para nada, para disso extrair prazer. Um objeto é tomado por outra coisa, um bastão por um cavalo, e as mímicas feitas com sua ajuda simulam o movimento do animal e lhe darão vida pela imaginação. Portanto, brincar é fazer “como se”, isto é, repetir uma ação não-real, com suportes advindos da realidade ausente.
 - O divertimento: de maneira geral, os jogos se estenderão ao mundo adulto, penetrarão na cultura a título de divertimento. Pois, da criança ao adulto, brincar atende a uma mesma necessidade de alívio, de divertimento, de busca de um prazer, independentemente das obrigações da sobrevivência e do trabalho. Surge nesse contexto um imaginário narcótico fundado num consumo de emoções alegres e violentas e numa intensificação da vida corporal difundidos nos meios de comunicação de massa.
 - As artes: na origem, a arte se confunde sem dúvida com a organização do mundo cultural. Armas, utensílios, edificações vêm suas formas funcionais completadas ou retificadas por imagens que melhoram sua estética formal ou neles imprimem significações (ilustrações de mitos, emblemas etc.). As representações podem atingir certa autonomia, na estatuária, por exemplo, em

que a figura esculpida reenvia a uma função mais simbólica, efígies de poder, fetiches religiosos etc. Não se pode atribuir uma finalidade única e constante à fabricação dessas imagens artísticas. No máximo, pode-se constatar que a humanidade tende a privilegiar historicamente atitudes destinadas a obter uma pura fruição das imagens artísticas. Desse modo, a arte atesta no homem uma necessidade universal de fabricar imagens e de dar corpo e controle a um imaginário visual e textual.

2. **Objetivo cognitivo:** O imaginário pode assim mostrar-se como uma via que permite pensar o lugar em que o saber é falho. Foi assim que o mito foi apresentado já por Platão como um discurso de segundo nível, como um substituto a uma busca truncada da essência das coisas. Com efeito, o mito inventa de modo simbólico uma compreensão das coisas, encontra uma ordem e um sentido, mesmo que sua explicação seja impossível. Para isso, os relatos míticos costumam remontar a toda a duração de filiações genealógicas até um primeiro começo e tecem relações entre seres ou acontecimentos distantes e separados no nosso espaço real.
3. **Objetivo instituinte prático:** O imaginário não satisfaz tão somente as necessidades da sensibilidade e do pensamento, realizando-se igualmente em ações, ao dar-lhes os fundamentos, motivos, fins, e ao dotar o agente de um dinamismo, de uma força, de um entusiasmo para realizar seu conteúdo. O que, com efeito, incita os homens a agir socialmente, a obedecer, a respeitar as autoridades, as normas e as leis, a orientar seus desejos. Sem um invólucro, uma sobrecarga, um horizonte de imaginário, a vida em sociedade sofreria grave risco de mostrar-se bastante arbitrária e frágil. Nem a autoridade, nem a justiça, nem o trabalho poderiam encontrar seu lugar na sociedade se não estivessem, num grau ou em outro, tecidos no imaginário. Essa motivação das instâncias e normas da vida social é particularmente assegurada pelos mitos. Com efeito, o imaginário serve para dotar aos homens de memória fornecendo-lhes relatos que sintetizam e reconstróem o passado e justificam o presente.

Neste sentido, a função divertimento permite ao homem viver melhor, pois ao se divertir, ao praticar jogos e apreciar as artes o homem realizar outras coisas fora do ambiente de trabalho e das rotinas diárias, ou seja, é no tempo livre que é possível escolher o que fazer para se divertir. Quando o autor fala sobre o objetivo cognitivo refere-se a criação do mito para responder de maneira simbólica uma compreensão das coisas mesmo que seja impossível, como por exemplo, a criação do mundo, mesmo que a ciência já o tenha comprovado. No objetivo instituinte prático o imaginário serve como fonte de motivação para fazer o homem agir como o próprio autor afirma.

Portanto, o imaginário é o que motiva as pessoas ir à busca do que desejam, criando sentimentos positivos para uma vida melhor. Neste sentido a pesquisa buscou compreender o imaginário do visitante em relação ao PE Jaraguá, e como ocorre a experiência nessa área natural.

1.2. A VALORIZAÇÃO DAS ÁREAS NATURIAIS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

Os padrões de vida mudaram radicalmente, nos últimos séculos e a exploração dos recursos naturais intensificou-se promovendo a diminuição da vegetação, a exploração do solo, a poluição dos mananciais, dos mares e do ar, entre outros ocasionando consequências negativas para as espécies de fauna e flora e no clima do planeta.

Toda essa degradação fez com que muitos pesquisadores começassem a estudar as consequências desse uso para a sobrevivência da humanidade. No decorrer desse processo muitas propostas e ações foram feitas, destacando-se: a Conferência das Nações sobre o Meio Ambiente Humano¹, na cidade de Estocolmo, em 1972; a Comissão Mundial para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, em 1987, publicou um relatório chamado “Nosso Futuro Comum” ou Relatório *Brundtland*².

Este relatório se tornou um marco nas discussões sobre as condições da vida humana no planeta. Possui 109 recomendações que servem para alertar a população mundial para revisarem sua relação com o meio ambiente através de mudanças de padrões de produção e consumo. Além disso, a proposta do relatório não descarta o crescimento econômico, mas formas de conciliar as questões ambientais e sociais. Dentre as recomendações apresentadas no relatório podem-se destacar as relacionadas ao estabelecimento de limites ecológicos e padrões mais igualitários, conservação de recursos básicos, redistribuição de atividades econômicas e de recursos, minimização de impactos adversos, entre outros (AGENDA 21, 1997; DIAS, 2004).

Outra iniciativa marcante foi a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, conhecida como “Rio 92”, realizada na cidade do Rio de Janeiro, em 1992. Sua importância é inquestionável, pois foi indutora da abordagem ambiental no mundo e a sua própria organização proporcionou uma evolução na forma de realizar conferências, ao permitir um grande debate político e um intercâmbio de idéias entre delegações oficiais e os representantes de vários setores da sociedade civil mundial e a participação de cientistas independentes (AGENDA 21, 1997).

¹ Encontro promovido pela Organização das Nações Unidas (ONU) para chamar a atenção do mundo para a situação da degradação ambiental do planeta (DIAS, 2004, p. 35).

² O relatório trata de preocupações, desafios, e esforços comuns como: busca do desenvolvimento sustentável, o papel da economia internacional, população, segurança alimentar, energia, indústria, desafio urbano e mudança institucional (DIAS, 2004, p. 44).

A “Rio 92” mostrou que o questionamento do estilo atual de desenvolvimento passou a fazer parte destacada da discussão geopolítica nacional e internacional. A pressão da sociedade civil e a demonstração científica de que o planeta tem uma capacidade limite que não pode ser ultrapassadas, e que ao insistir em ultrapassar esse limite, ocasionaria o suicídio político e insensatez econômica. “Aos poucos sai de cena a idéia de que a conservação do meio ambiente implica prejuízos econômicos devido a restrições ao uso de ecossistemas (AGENDA 21, 1997, p. 10)”.

Dessa conferência surgiu um documento denominado de Agenda 21. Nesse documento, existem estratégias para interromper, reverter e minimizar os efeitos das degradações ambientais no planeta e preparar o mundo para os desafios do século XXI. Em seus 40 capítulos, é possível identificar que todas as nações precisam se juntar para minimizar os efeitos das ações humanas no planeta, não basta apenas um país ou uma região, mas a proposta é que todas as pessoas se juntem para combater os impactos causados pelos padrões de vida modernos (AGENDA 21, 1997).

Neste sentido, foi provado que não podemos continuar com a degradação do planeta e com a utilização dos recursos naturais de forma desenfreada e sem planejamento. Por isso, é preciso buscar as melhores formas para diminuir os impactos gerados pelo desenvolvimento humano. Ao longo da história as questões ambientais evoluíram de forma considerável, onde áreas naturais foram recuperadas e outras protegidas.

Mas, os interessados em preservar, recuperar e conservar os recursos naturais representam uma minoria que luta pela maioria. Suas ações e propostas são rapidamente esquecidas quando o assunto é consumo, pois com todas as facilidades que a tecnologia proporciona, fica difícil não desejar ter certos equipamentos (máquina de lavar roupa e louça, computador, micro-ondas, geladeira e *freezer* etc.), um carro novo ou um *IPad*, entre outros.

Ao analisar-se dessa forma é nítido que o desenvolvimento com uma preocupação com os recursos naturais é impossível. Mas, se verificarmos a evolução do assunto e as ações tomadas para a conservação dos recursos naturais e as leis voltadas à conservação aplicadas pelo mundo, fica-se com a esperança de que é possível salvá-los e preservá-los pensarmos e agirmos para um futuro melhor.

A maioria da população tem a sensação imediata ou intuitiva (sic.) de que existe uma necessidade permanente de criar-se um futuro sustentável. Essa população pode não estar em condições de definir, de maneira precisa, o que significa desenvolvimento sustentável ou sustentabilidade (de fato, até os peritos discutem esse assunto), não obstante, percebe com clareza o risco e a necessidade de agir tão logo seja informada (MMA, 1999, p. 21).

A humanidade de maneira geral percebe que algo está errado com as condições do planeta Terra, ao respirar, ao beber água, com as grandes concentrações de pessoas nas grandes cidades, congestionamentos, paisagens alteradas, falta de áreas verdes, assistindo na televisão catástrofes ambientais. Todas essas informações transmitem mensagens que podem ser de advertência para o destino da humanidade na Terra ou até mesmo o destino do próprio planeta.

Entretanto, se o futuro parece cada vez mais problemático, está descartada a volta ao passado. Já que os valores foram irreversivelmente alterados por transformações profundas da sociedade como consequência das revoluções industriais e pós-industriais. As tentativas de agir dessa maneira geralmente levam à frustração e, algumas vezes, à violência e a niilismo (MMA, 1999 p. 22).

Contudo, a maior discussão e o maior desafio é aliar o desenvolvimento e a expansão econômica, onde o consumo e o lucro estão em primeiro lugar, com o mínimo de impactos negativos nos recursos naturais.

A maioria da população está concentrada em áreas específicas do globo vivendo em cidades. Segundo dados de 2005 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) os países com maior concentração demográfica são: China, Índia, Estados Unidos, Indonésia, Brasil, Paquistão, Rússia, Bangladesh, Nigéria e Japão. As cidades, os meios de produção e os padrões de vida representam o domínio do espaço natural pelos seres humanos e o seu distanciamento do contato com a natureza. Além disso, dados da Organização das Nações Unidas (ONU), a população mundial atingiu em 31 de outubro de 2011, 7 bilhões de pessoas e alertou que em apenas 12 anos a população saltou para mais 1 bilhão, esse crescimento vem aumentando de ritmo a cada década (G1, 2011).

Com tantas pessoas dependendo dos recursos naturais mais áreas acabam sendo degradadas e mesmo assim o problema não é solucionado. Contudo, observa-se que muitas ações são feitas para tentar proteger o que restou dos ambientes naturais. Segundo Thomas (1983) *apud* Diegues (1996) as primeiras idéias preservacionistas surgiram na Europa, pois até o século XVIII, as pessoas valorizavam o mundo natural domesticado, e os campos de cultivo eram os únicos que tinham valor. “O homem era considerado o rei da criação e os animais, destituído de direitos e de sentimentos e, portanto, insensíveis à dor.” (THOMAS, 1983 *apud* DIEGUES, 1996, p. 23).

Essa desvalorização do mundo selvagem começou a mudar a partir do início século do século XIX, e para isso contribuíram a avanço da História Natural, o respeito que os naturalistas tinham por áreas selvagens não-transformadas pelo homem. Como exemplo, os pântanos que antes eram drenados para dar lugar aos campos de cultivo, passaram a ser valorizados como habitats de espécies selvagens (DIEGUES, 1996, p. 23).

Entre os vários fatores que contribuíram para a nova valorização da natureza estão os escritores românticos do século XIX, pois em seus textos apresentavam a natureza como o paraíso perdido e é aí que podemos considerar o principal imaginário humano até hoje (DIEGUES, 1996).

Estes fizeram da procura do que restava de ‘natureza selvagem’, na Europa, o lugar da descoberta da alma humana, do imaginário do paraíso perdido, da inocência infantil, do refúgio e da intimidade, da beleza e do sublime. Nessa procura, as ilhas marítimas e oceânicas desempenharam papel essencial nessa representação do mundo selvagem. Não é por acaso que a ilha de Robson Crusoe, descrita por Daniel Defoe, no século XVIII representa a síntese da simbologia do paraíso perdido após a expulsão do homem (DIEGUES, 1996, p. 24).

Neste contexto, a população foi crescendo, novas tecnologias inventadas, cidades foram surgindo e outras crescendo. O mundo se tornou “pequeno”, pois os deslocamentos de um ponto ao outro do globo passaram a durar horas e não dias, meses ou semanas. As cidades, portanto, foram crescendo no mesmo ritmo em que os seres humanos se reproduziam, conseqüentemente gerando degradação ambiental devido a grande demanda por recursos naturais. Atualmente a vida nas grandes metrópoles está cada vez mais difícil, o crescimento urbano desordenado, a poluição, a grande concentração de pessoas, a supervalorização do consumo e as desigualdades sociais são os maiores problemas que a humanidade tem que enfrentar atualmente.

Entretanto, os interesses em viver com “qualidade” estão em primeiro lugar não importando as conseqüências futuras. Todavia, ao mesmo tempo em que a população consome desenfreadamente, muitos estão preocupados com a situação do planeta tentando minimizar seus impactos e diminuir o consumo desenfreado.

Na busca por causar menos danos, muitos profissionais “exportaram” idéias de proteção ao meio ambiente para suas áreas de interesse, como por exemplo: algumas empresas optaram pela reutilização e reciclagem de alumínio, plástico e papel, mudanças de atitudes diárias nas empresas (poupar energia, água e consumo de utensílios descartáveis – copos plásticos etc.), quanto ao setor de serviços como as atividades de lazer passaram a agir em prol da conservação ambiental, com atividades em meio a natureza voltadas a Educação

Ambiental, ou nas atividades turísticas: planejando o turismo de massa e desenvolvendo o turismo sustentável e o ecoturismo.

Todas as ações são válidas quando se trata da proteção ao meio ambiente, principalmente nas atividades que são diretamente desenvolvidas em áreas naturais, como no caso dos parques (nacionais, estaduais e municipais).

Atualmente a busca por atividades que causem menos impactos na natureza vem crescendo, embora observa-se que o caos vivido nas grandes cidades fez com que cada vez mais pessoas busquem refúgio nas áreas naturais. Contudo, mesmo sendo atividades que causem mínimo impacto quando o número de visitantes é superior ao que o local comporta a degradação ocorre da mesma forma quando não existia controle ou planejamento.

Nas últimas décadas, a busca por áreas naturais promoveu consideravelmente o aumento da demanda. Contudo, esse contato pode aproximar e revitalizar o respeito que o homem deve ter com a natureza, porém o acesso a esses ambientes, hoje, deve ser controlado, pois se todas as pessoas resolverem visitar uma área natural ao mesmo tempo o impacto será enorme e até irreversível.

A principal maneira de proporcionar acesso a essas áreas naturais de forma controlada e organizada são as leis ambientais e a criação de parques, todavia essas áreas precisam de infraestrutura e mão de obra qualificada para atender a essa demanda (gestores, monitores, equipe de manutenção, biólogos, turismólogos, geógrafos etc.), uma vez que essas áreas se tornaram uma opção de lazer para os moradores de grandes centros urbanos.

A partir do distanciamento até a reaproximação do homem com a natureza e em consequência, desse contexto histórico, os recursos naturais que restaram se tornaram um “Oasis”, um “paraíso”, ou seja, locais onde as pessoas querem conhecer e ter momentos agradáveis, além do sentido de curiosidade e descoberta do que pode existir nesses lugares (WEARING & NEIL, 2001; COSTA, 2002; KINKER, 2002).

Baseando-se nesse contexto é possível identificar o quanto é importante permitir o acesso das pessoas a essas áreas naturais, mas com controle e planejamento de uso. As pessoas, hoje, buscam vivências diferentes, fugir da rotina diária e o lazer em meio a natureza se tornou o principal meio para viabilizar esses anseios.

1.3 A (RE)APROXIMAÇÃO DA NATUREZA POR MEIO DO LAZER E DA ATIVIDADE TURÍSTICA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO DA NATUREZA

O lazer que conhecemos hoje surge a partir da Revolução Industrial, quando a máquina impôs ao homem contemporâneo, um ritmo diferente de seu ritmo natural, que, na sociedade pré-industrial, dirigia e controlava o tempo social e as tarefas a serem cumpridas, não existindo uma nítida diferença entre o tempo de trabalho e o tempo de não-trabalho (BACAL, 2003).

O desenvolvimento e o crescimento do número de indústrias acabara com o antigo ritmo do trabalho, determinado pelas estações do ano e interrompidos pelos jogos e festas. As pessoas passaram a seguir apenas o ritmo imposto pelas longas jornadas diárias de trabalho, restando algumas horas para o descanso. Não mais importava se estava sol, frio ou chovendo, os trabalhadores tinham que marcar o ponto no horário combinado e dar início a produção (DUMAZEDIER, 2004).

Nas sociedades atuais o tempo passou a ser extremamente valorizado, sendo dividido em tempo imposto e tempo livre. O tempo imposto é o tempo dedicado ao trabalho e o tempo livre é o tempo que restou para se realizar todas as outras tarefas (obrigações sociais, familiares e necessidades básicas) e o lazer. Essa divisão do tempo se tornou possível a partir da marcação do tempo pelo relógio, pois com essa invenção foi possível identificar quando cada tarefa é exercida e o quanto é dedicado ao lazer. As sociedades pós Revolução Industrial se preocuparam em dividir e demarcar com precisão o tempo social com intuito de regularizar as ações humanas a partir do tempo reservado ao trabalho (obrigatório). (BACAL, 2003)

A partir desse contexto Dumazedier (2004, p. 34) definiu o lazer como:

Um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou, ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais.

Pensando nessa definição e no modo de vida nos grandes centros urbanos, o lazer se torna algo precioso, pois grande parte do tempo é gasto com trabalho, deslocamentos, necessidades básicas, obrigações sociais e familiares, por isso, fica nítido o quanto de tempo nos resta para a prática do lazer (férias, folgas semanais, feriados prolongados e algum tempo disperso durante o dia).

Uma pesquisa publicada pelo jornal O Globo, em 21 de março de 2012, realizada pelo Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada), demonstra que o tempo livre vem diminuindo em função do tempo gasto com trabalho, principalmente porque ficam vinculadas a ele mesmo fora dele (internet e telefone celular), além dessa constatação a pesquisa apontou que se a jornada de trabalho fosse reduzida apenas 5,7% das pessoas usariam esse tempo para a prática de esporte e/ou recreação (O GLOBO, 2012).

A partir dessa pesquisa é possível identificar que mesmo com a redução da jornada de trabalho as pessoas continuarão a realizar outras tarefas obrigatórias e o lazer se manterá fora das prioridades na linha do tempo de vida da maioria dos seres humanos que vivem nos grandes centros urbanos.

Contudo, não podemos esquecer que o lazer tem a função de “recarregar as baterias” como explica Dumazedier (2004) quando apresenta as três funções do lazer: descanso, divertimento, recreação e entretenimento e o desenvolvimento.

Como função de descanso funciona como reparador das deteriorações físicas e nervosas provocadas pelas tensões resultantes das obrigações cotidianas e particularmente do trabalho. Como função de divertimento, recreação e entretenimento proporciona um conjunto de atividades de contemplação, compensação e fuga das disciplinas e coerções necessárias à vida social. Ao relacionar o desenvolvimento como uma das funções do lazer explica que promove o desenvolvimento da personalidade por meio de atividades que estimulam a participação social e cultural ativa do indivíduo, chegando até as formas de “aprendizagem voluntária” (DUMAZEDIER, 2004, p.32-34).

Nesse panorama, é possível perceber que o lazer passou a ser algo necessário e fundamental para o ser humano, pois precisa de tempo para fazer o que realmente deseja, sem imposições ou obrigações. “O lazer não é um produto secundário, mas prioritário da civilização contemporânea (DUMAZEDIER, 2004, p. 269)”.

[...] O lazer pode ser, ao mesmo tempo, férias e trabalho voluntário, nada fazer e esporte, prazeres gastronômicos e entretenimentos musicais, praticas de amor e atividades de azar, leitura de jornal e estudo de uma obra-prima, conversa fútil e conversa cultural, *violon d'Ingres* e animação de um grupo e assim por diante [...] (DUMAZEDIER, 2004, p. 270).

Baseando-se na explicação de lazer proposta por Dumazedier (2004) todas essas atividades são realizadas no tempo livre e após cumprir as obrigações, mas o mais importante é que deve ser de escolha pessoal. As atividades de lazer são “realizadas livremente a fim de proporcionar satisfação aos indivíduos que as praticam (DUMAZEDIER, 2004, p. 270)”.

Neste sentido, é preciso acrescentar as atividades de lazer no meio ambiente natural, pois em nenhum outro momento da história se valorizou tanto o contato e as experiências vividas na natureza, mais precisamente o ecoturismo e o turismo de aventura que proporcionam a uma grande parte da população esse tipo de lazer (MARINHO & BRUHNS, 2003).

Ao associarmos o lazer, portanto, com a busca por contato com a natureza, tem-se como opção os parques municipais, estaduais e nacionais, que, de alguma maneira, oferecem contatos mesmo que momentâneos com a natureza, seja por meio de passeios em trilhas, banhos de cachoeiras, contato com animais, esportes de aventura, entre outros, fazendo com que os participantes tenham experiências antes desconhecidas.

É importante salientar que dependendo do tempo, da disposição, da motivação e do interesse, essas experiências podem ser superficiais, mas para outros tornam-se experiências profundas que acabam mudando a vida do indivíduo. Portanto, a experiência é relativa.

Segundo Tuan (1983, p. 9):

Experiência é um termo que abrange as diferentes maneiras através das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade. Estas maneiras variam desde os sentidos mais diretos e passivos como o olfato, paladar e tato, até a percepção visual ativa e a maneira indireta de simbolização.

Neste sentido, as experiências promovidas pelo lazer em meio a natureza podem fazer com que as pessoas construam uma realidade voltada para a conservação desses espaços, pois “a experiência é constituída de sentimentos e pensamentos (TUAN, 1983, p. 11)”.

Se tratando de espaço e lugar, Tuan (1983) faz uma discussão entre esses dois aspectos, logo, “lugar é segurança e o espaço é liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro (TUAN, 1983, p. 3)”.

Como exemplo, pode-se citar em principio a natureza apenas como um espaço. Mas, depois das experiências vividas nesse meio, a natureza se torna um lugar cheio de sentimentos bons ou ruins para o indivíduo. “As emoções dão colorido a toda experiência humana, incluindo os níveis mais altos do pensamento (TUAN, 1983, p. 9)”, aqui também podemos incluir o imaginário.

Neste sentido, não é possível analisar o espaço experiencial sem antes incluir os objetos e os lugares que definem o espaço, ou seja, esse espaço se torna um lugar a partir do momento que obtém definição e significado (TUAN, 1983, p. 151).

Logo, as experiências voltadas ao lazer, principalmente em áreas naturais, transformam os espaços visitados em lugares únicos e cheios de sentimentos, pois as atividades de lazer têm como objetivo proporcionar prazer aos seus participantes.

Nesse aspecto, a atividade turística também está diretamente relacionada, pois é através das viagens que as pessoas podem expandir seu espaço, tornando-o lugares de experiências únicas. As pessoas buscam no seu tempo de lazer fazer algo totalmente diferente da sua rotina e das viagens trazer novas experiências na “bagagem”. Não basta simplesmente comprar um souvenir é preciso trazer histórias de aventuras e novas amizades.

[...] O turista não quer mais ser um expectador passivo em sua viagem; ele quer vivenciar sensações. Basta e fotos ou filmes de recordações de paisagens, monumentos ou pontos turísticos apenas com registro de presença. O turista hoje quer ter a sensação de que viveu um momento único, marcante, inesquecível! Provavelmente não captado pela câmera digital, mas sem dúvida gravado em sua alma. É o fenômeno que os especialistas chamam de turismo de experiência (GAETA, 2010, p. 140).

Segundo Trigo (2010, p. 21) “[...] as viagens povoam o imaginário das civilizações desde os primórdios. Nas brumas dos tempos míticos, as grandes aventuras aconteciam nas viagens”. Portanto, é possível afirmar que o homem sempre imaginou vivenciar essas aventuras e hoje quando se fala em férias a primeira vontade que vem a tona são as viagens. Não seria nem o *status* financeiro, mas sim a vontade de vivenciar as mesmas ou novas experiências de quem retorna com diversas novidades e novos valores culturais.

A humanidade não vive isolada e é a sua diversidade que estimula esse anseio por viagens, sua realização é motivada pelo imaginário e isso é transformado em experiência.

A viagem não é apenas um deslocamento geográfico, cultural ou social, mas uma jornada interior, o que justifica ser uma experiência fundamental na vida das pessoas e ainda “[...] a experiência da viagem transcende perigos e dificuldades e propicia o autoconhecimento, a transformação, o encontro do sentido e do significado de vida para o viajante. (TRIGO, 2010, p. 23-25).

Nesse caso, podemos analisar o turismo de experiência do ponto de vista das atividades na natureza, pois ao percorrer uma trilha, as pessoas enfrentam certas dificuldades (subir, descer, pular troncos, escalar, atravessar rio, variações do clima, animais, entre outros). Essas situações geram transformações interiores, a pessoa sente o prazer e os desafios que o contato com a natureza gera, muitas voltam motivadas em contribuir para sua conservação,

pois a experiência foi tão intensa que aquele lugar passa a fazer parte de sua vida (TRIGO, 2010).

Outro fator relevante é que a rotina humana é tão maçante e repetitiva que qualquer situação (boa ou ruim) fora desse cotidiano torna-se uma experiência única e inesquecível, principalmente aquelas que o colocam em contato com a natureza. Portanto, o imaginário é concretizado na experiência vivida seja em grupo ou individualmente.

Trigo (2010) chama a atenção para como o Turismo de Experiência está sendo desenvolvido, infelizmente, com o objetivo de lucrar mais rápido. Mediante a esse fato, muitas empresas usam do *marketing* para estimular a demanda, mas não o realizam de maneira verdadeira. Promovem experiências medíocres e banais com serviços prestados de forma mecânica e sem nenhum impacto, criando um momento que não merece ser repetido. “Uma viagem especial exige pessoas e condições especiais. Isso não implica apenas poder econômico, mas fundamentalmente atitudes e posturas sociais, culturais, estéticas e políticas (TRIGO, 2010, p. 31).”

Tratando-se de viagens e contato com outras culturas torna-se necessário deixar claro que, para as trocas de experiências ocorram, o viajante precisa deixar de lado todos os seus preconceitos e julgamentos e o mesmo é válido para o local que o recebe, pois se um tentar impor a sua cultura essa troca não ocorrerá e a experiência não será positiva. Outro fator que compromete diretamente as experiências é o turismo de massa, pois os visitantes querem estar no local escolhido, mas não se interessam ou se preocupam com o que ocorre ali, qual o seu cotidiano e sua cultura, ele deseja que tudo esteja pronto para recebê-lo, “o espetáculo deve estar pronto”, além disso, Trigo (2010) aponta para outro problema que compromete a experiência do turista:

A tentativa de inserção de qualquer tipo de serviço destinado ao lazer, ao turismo ou ao entretenimento como uma “experiência” é uma farsa, um pseudomito que encontrou um meio de expressão em técnicas elaboradas de *marketing* e publicidade para potencializar lucros com produtos e serviços que, na maior parte das vezes são meramente bons ou corretos, quando não corriqueiros, vulgares, produzido em massa para as massas (TRIGO, 2010, p. 33).

Mas nesse contexto alguns segmentos do turismo estão conseguindo promover o turismo de experiência “verdadeiro”:

[...] Paradoxalmente, o turismo social, de aventura ou realmente ecológico (essa é outra área na qual os embustes são comuns), ou o turismo de luxo, altamente exclusivo, representam os pólos onde a possibilidade de vivenciar

uma experiência mais profunda são mais reais e possíveis (TRIGO, 2010, p. 33).

Logo, conclui-se que o imaginário é o principal combustível para se realizar uma atividade de lazer. Tratando-se de turismo em meio a natureza, sua concretização promove experiências únicas àqueles que o pratica, quando as atividades de lazer tornam-se espaços essenciais para a concretização de novas experiências.

Para integrar essa discussão temos como objeto de estudo o PE Jaraguá, uma UC na região metropolitana de São Paulo, uma vez que oferece atividades em meio à natureza e pode ser utilizado como uma das fontes para a concretização do imaginário em relação aos ambientes naturais para seus visitantes e para os turistas.

Como visto anteriormente o imaginário é um propulsor de ações humanas para conquistar o que se deseja. Quanto aos anseios relacionados às atividades de lazer em meio a natureza, podemos citar a prática do ecoturismo. Essa atividade turística cria oportunidades para que o participante (turista/visitante) consiga aproveitar ao máximo dessa conquista com segurança e conforto (infraestrutura básica, turística e serviços especializados). Nesse sentido, as Unidades de Conservação, como no caso o Parque Estadual do Jaraguá, são as melhores opções para a realização desse tipo de atividade.

Essa (re)aproximação da natureza é um reflexo desses anseios e pode se tornar uma das maneiras de materializar o imaginário em relação a essa busca, as atividades de aventura na natureza. No caso o desenvolvido em UCs é um dos mecanismos que coloca o indivíduo diretamente em contato com a natureza proporcionando experiências únicas.

A evolução histórica da atividade turística permeia influências de vários aspectos, como políticos, econômicos, sociais e culturais, que a princípio se dava pelo deslocamento de pessoas de uma região para outra com mais segurança para usufruir do seu tempo livre, o que influenciou o futuro turismo de massa. Neste sentido veio à tona a discussão dos impactos negativos sociais, culturais, econômicos e ambientais, assim como possíveis propostas e atividades mitigadoras que preconizavam uma prática responsável e indicavam a tendência do turismo de experiência.

Cada período de mudança da sociedade provoca transformações no turismo e consequentes alterações nas atividades e ele relacionadas. Modificam-se a estrutura e o funcionamento, seja no domínio da oferta, seja no da procura. É interessante notar esses estilos de turismo não são obrigatoriamente excludentes, dependendo das circunstâncias, do contexto e da demanda: convivem placidamente o turismo de consumo, que envolve grandes grupos e viagens a lugares tradicionais; o turismo do tipo Sol & Praia; o turismo ecológico bem como aquele com características intimistas de integração com

a natureza; o turismo cultural e outros. As condições políticas, sociais e tecnológicas atuais permitem uma enorme diversidade de atrativos turísticos ao gosto de cada cliente (GAETA, 2010, p.137).

E essas transformações continuam porque o imaginário humano não para, está sempre transformando o mundo ao seu redor para criar melhores condições de vida. As relações entre homem e natureza se distanciaram. Segundo Seabra (2001) isso ocorreu porque a vida pós-moderna está gradativamente perdendo a capacidade de perceber e identificar os valores existentes no meio ambiente natural. Transformados em lugares congestionados, violentos e neurastênicos, os centros urbanos mantêm o ser humano em permanente estado de tensão, irritação, insegurança e isolamento.

Para Jensen a evolução da sociedade pode ser descrita, simplificada, pelas seguintes etapas: sociedade agrícola → sociedade industrial → sociedade da informação → sociedade dos sonhos. Nessa última etapa, ele defende que as necessidades materiais continuam sendo consideradas, mas abrem espaço para o interesse cada vez maior para o lado emocional da humanidade. Segundo ele, as pessoas passarão a ser vistas muito menos pelos bens possuídos e cada vez mais pela confiança em suas histórias e pelos sentimentos demonstrados (JENSEN, 1999 *apud* PANOSSO NETTO, 2010 *et al* p. 14).

Panosso Netto (2010) explica que a atividade turística não está fora dessa transformação porque os turistas e os visitantes querem mais, ou seja, atividades que favoreçam a experiência durante uma viagem ou estada antes imaginada. Todos os envolvidos na atividade turística viveram essas mudanças fundamentadas na experiência (boa ou ruim) promovidas pela tecnologia e o *marketing*. A partir disso “começa a se definir um novo perfil de turismo, no qual o prazer de viajar está intimamente associado às experiências ímpares que serão vivenciadas durante a viagem, em uma perspectiva individual ou personalizada”. (PANOSSO NETTO & GAETA, 2010 p. 15).

Essa mesma situação pode ser transferida para os visitantes, pois da mesma forma buscam lugares especiais em seus bairros e na sua cidade, também querem ter momentos únicos no momento do lazer, ou seja, se não possuem um tempo livre maior para viajar querem mesmo que por algumas horas ter experiências únicas para quebrar a rotina.

Gaeta (2010) explica que para a atividade turística resistir às mudanças da sociedade em seus aspectos econômicos, políticos e sociais é preciso se adaptar conforme as exigências dos turistas e dos visitantes conforme os contextos descritos abaixo:

- **Indivíduo.** Há uma forte tendência à personalização do visitante, atenção às suas necessidades, expectativas, participação e integração com seus pares e com a sociedade em que está inserido.
- **Sociedade.** Pertence a um novo contexto social: sociedade da informação, do consumo, da tecnologia, do instantâneo, do conhecimento e muitos outros atributos que contextualizam e tornam peculiar o complexo mundo em que vivem neste início de milênio.
- **Demograficamente.** Há evidente tendência de envelhecimento dos visitantes, porém com características de independência, condições financeiras e de saúde favoráveis, que permitem o turismo. As famílias são menores e de diferentes estilos, e dificilmente as viagens envolvem todos os membros (em geral, são individuais ou em duplas).
- **Estilo de vida.** Mais pessoas são economicamente ativas, tem horário de trabalho flexível e mais tempo livre. O requisito disponibilidade para viagens é freqüente em anúncios de vagas de emprego. Tornaram-se comuns as viagens curtas, tanto a negócios como em férias.
- **Experiências.** Os novos visitantes são oriundos de um processo de educação mais elaborado e têm mais escolaridade. Isso lhes permite aprender mais rápido, aguça sua curiosidade, sua capacidade de seleção e análise e seu senso crítico. Esses visitantes têm interesses especiais e consciência de qualidade, advindos da experiência turística acumulada.
- **Valores.** O valor puramente econômico das coisas diminuiu, e começaram a ser valorizadas as atividades ligadas ao lazer, às artes, às culturas, ao ambiente, à saúde e aos contatos internacionais. Superou-se o conceito anterior de lazer com sentido restrito de repouso, reposição de energia, contraponto à rotina diária, e passou-se a buscar mais diversão e aventura: os balneários deram lugar aos *resorts*. Há mais sensibilidade em relação às questões de preservação do meio ambiente, criada demanda para as viagens à natureza. Há necessidade de informação em aspectos que vão além do conhecimento da arte guardada em museus ou exposta em *shows* folclóricos, ou da degustação gastronômica.
- **Consumo.** Os visitantes, assim como os clientes em geral mudaram seu conceito de consumo. “Os consumidores não são meramente racionais; eles querem entretenimento, estímulo, emoções e desafios criativos, acrescentando valores emocionais às compras racionais (SCHIMITT, 2000 *apud* GAETA, 2010, p. 139)”.

- Acesso. Também os visitantes anseiam por acesso a informações, bens, serviços, experiências culturais, entre outros acessos imprescindíveis ao mundo moderno.

Neste sentido, a atividade turística se tornou um dos setores da economia que mais gera renda mundialmente. O mercado se organizou para atender a crescente demanda de viajantes, dividindo-os em segmentos, ou seja, grupos homogêneos. Essa segmentação possibilita o conhecimento dos principais destinos geográficos e tipos de transporte, da composição demográfica dos turistas, como faixa etária, nível econômico ou de renda, escolaridade, ocupação, estado civil e o estilo de vida (BENI, 2001).

A atividade turística é considerada uma ótima opção para fugir da rotina e também uma atividade impactante, mas por outro lado, contribui para o desenvolvimento de muitas localidades gerando melhorias na infraestrutura básica, empregos e desenvolvimento local (BENI, 2001).

Inegavelmente, o turismo e suas atividades associadas vêm ocupando um espaço cada vez maior na agenda da sociedade em termos sociais, econômicos e ambientais, com reflexos profundos no ambiente de negócios, no lazer, na dinâmica de regiões, influenciando e sendo influenciado por decisões políticas (PHILIPPI JR. & RUSCHMANN, 2010, p. XIX).

Ainda, segundo Philippi Jr. & Ruschmann (2010):

Esta situação tem demonstrado que o estabelecimento de políticas no âmbito das decisões de caráter político e privado, envolvendo governos, empresas e sociedade civil, demanda por reflexões, conhecimento e práticas que contribuam para um desenvolvimento sustentável apoiado em princípios que tragam viabilidade econômica, justiça social e equilíbrio ambiental a todo um conjunto de ações e atividades relacionadas ao turismo (PHILIPPI JR. & RUSCHMANN, 2010 p. XIX).

Dessa forma, usando-se das argumentações de Pires (2010) a relação existente entre turismo e meio ambiente não pode ser ignorada, pois se trata de uma relação de interdependência já plenamente integrada ao sistema turístico, discutida como turismo sustentável. Contudo, é preciso que haja interesse por parte de todos os atores envolvidos e que a sociedade se desenvolva para um caminho sustentável, juntamente com todos os ramos da economia como no caso da atividade turística.

O conceito de sustentabilidade aplicado ao turismo envolve as mesmas dimensões, ou seja, usar os recursos naturais de maneira controlada para garanti-los as próximas gerações,

pois a atividade turística movimentava muitas divisas, influenciando diretamente a economia de uma localidade.

[...] O significado do termo varia em função do contexto em que for aplicado, não havendo um modelo geral estabelecido de sustentabilidade que sirva para todo tipo de atividade em qualquer lugar. *Grosso modo*, pode-se entender o conceito como uma maneira inovadora de se promover o bem estar social pela satisfação das necessidades fundamentais das sociedades humanas, por meio de uma exploração racional dos recursos naturais, o que significa um gerenciamento que leve em conta os limites plausíveis e a conservação do meio ambiente. Naturalmente, isso implica uma redefinição dos conceitos de desenvolvimento, de organização social – inclusive pela adoção de novos valores, uma vez que o padrão de consumo dos países ditos desenvolvidos não pode ser estendido a todos, por causa dos limites do planeta, e, finalmente, de uma mudança nos rumos do conhecimento científico e tecnológico, tirando seu centro da sociedade de mercado, adequando-o às necessidades observadas por esses novos valores (MTUR, 2005, p. 12).

Em contrapartida, a promoção e os investimentos na localidade proporcionam o aumento do fluxo de pessoas significativamente. O chamado turismo de massa se instala. Para Ignarra (2003), o turismo de massa define-se como grupos de pessoas que utilizam agências de viagem para a compra do pacote turístico, viagens e distâncias mais curtas, transportes mais baratos e hotéis econômicos, viajam nas férias escolares (alta temporada) e preferem locais mais conhecidos.

Segundo Beni (2001), o turismo de massa é:

Sob todos os aspectos, é o mais importante devido à expressiva quantidade de turistas envolvida, tanto nos fluxos internacionais como no interno, porquanto reúne os estratos que formam a classe média, incluindo-se aí os profissionais liberais, funcionários categorizados, empresariais e públicos, que desfrutam de relativa disponibilidade de meios econômicos-financeiros, contando com subvenções ou poupanças próprias. Este estrato da demanda por Turismo é o agente de substituição dos núcleos tradicionais de elite e conseqüentemente o incentivador e propulsor da expansão da infraestrutura de equipamentos e serviços turísticos nos núcleos receptores, gerando dessa forma um consumo de equipamentos e serviços em larga escala (BENI, 2001, p. 420).

Ainda segundo Beni (2001):

Considerando ainda as variáveis da demanda por Turismo verificam-se, em geral, gastos moderados no custo-dia com consumo de serviços e equipamentos de primeira categoria, mas não de luxo, utilizando de meios de transporte mais econômicos com serviços incluídos nos pacotes comercializados pelas agências de viagens, com percursos mais curtos e permanência menos prolongada nos núcleos receptores visitados, menos nível de gastos supérfluos restringindo-se aos que atendem às necessidades

básicas, caráter estacional coincidindo com a época de férias, ocupação de hotéis de nível médio de duas ou três estrelas, ampla utilização do sistema de crediário para o financiamento da viagem (BENI, 2001, p. 421).

Analisando essas considerações é notável o impacto negativo que o turismo de massa gera nos locais onde se instala. Essa atividade altera o ritmo do local, provoca o aumento do fluxo de pessoas, produz aumento significativo de lixo, apropriação do espaço do residente, poluição sonora, visual e ambiental, desmatamentos, especulação imobiliária, entre outros. Nesse contexto do desenvolvimento desenfreado do turismo de massa surge o turismo sustentável, um segmento que tenta viabilizar o turismo para as pessoas de forma menos impactante nos ambientes naturais e nas comunidades receptoras. Além disso, procura fazer com que todos os envolvidos sejam beneficiados com essa atividade, as comunidades por meio da geração de empregos diretos e indiretos e os recursos naturais com a obrigatoriedade de preservação e conservação por meio da elaboração, aplicação e fiscalização das leis.

Desde o início dos anos 90 a expressão “turismo sustentável” passou a ser usada com frequência. Ela encerra uma abordagem do turismo que reconhece a importância da comunidade local, a forma como as pessoas são tratadas e o desejo de maximizar os benefícios econômicos do turismo para essa comunidade (SWARBROOKE, 2000, p. 13).

Segundo Clarke (1997) *apud* Swarbrooke (2000), o conceito de turismo sustentável passou por quatro abordagens numa sequência cronológica (Tabela 1).

Denominação	Conceito
Opostos polares	Turismo sustentável e de massa eram vistos como opostos polares, ou seja, um teria que renunciar o outro.
Um continuum	Turismo sustentável e de massa não eram mais vistos como opostos polares, mas reconhecia-se que havia diferentes nuances entre eles as quais se fundiram em algum ponto central.
Movimento	Sugestão de que uma ação positiva poderia tornar o turismo de massa mais sustentável.
Convergência	Idéia de que todos os tipos de turismo podem se esforçar para serem sustentáveis.

Tabela 1 - Evolução das abordagens de turismo sustentável
 Fonte: Adaptado de SWARBROOKE (2000, p. 13).

Segundo Swarbrooke (2000), a idéia de convergência seria a mais adequada, contudo muito do que é dito hoje sobre turismo sustentável e turismo de massa coloca-os como opostos polares. Pensado nessas abordagens, é possível considerar que a sustentabilidade deve ser aplicada em todos os segmentos do turismo e não apenas como oposto ao turismo de massa. Nesse sentido, é preciso alterar a maneira de agir em qualquer segmento do turismo, envolvendo as questões de conservação ambiental, cultural e distribuição de renda justa a todos os envolvidos nessa área.

O conceito de sustentabilidade que estamos propondo envolve compreensão de uma série de dimensões e cenários de sustentabilidade, cujo alcance do conjunto possibilita o desenvolvimento racional da atividade de maneira a torná-la efetivamente sustentável (BENI, 2006, p. 98).

Portanto, o turismo sustentável não envolve apenas discussões sobre os impactos ambientais negativos, mas sim o desenvolvimento da atividade turística com a minimização dos impactos negativos e a potencialização dos positivos. Equilibrando o uso das partes envolvidas, seu objetivo é utilizar os recursos de interesse turístico de maneira controlada para que as próximas gerações também tenham acesso, por exemplo, uma cultura diferente ou uma paisagem natural menos antropizada³.

O turismo sustentável, então, surge a partir da proposta de desenvolvimento sustentável, segundo Swarbrooke (2000), não há uma definição completamente aceita do termo turismo sustentável, o autor sugere algumas definições, uma delas baseada na definição de desenvolvimento sustentável do Relatório *Brundtland* (1987):

Formas de turismo que satisfaçam hoje as necessidades dos turistas, da indústria do turismo e das comunidades locais, sem comprometer a capacidade das futuras gerações de satisfazerem suas próprias necessidades (SWARBROOKE, 2000 p. 19).

Além dessa definição o autor propõe também:

Turismo sustentável significa que é economicamente viável, mas não destrói os recursos dos quais o turismo no futuro dependerá, principalmente a capacidade o meio ambiente físico e o tecido social da comunidade local (SWARBROOKE, 2000 p. 19).

Segundo a Organização Mundial do Turismo – OMT (1999) *apud* MTUR (2007) turismo sustentável pode ser definido como:

³ Qualquer atividade desenvolvida pelo homem sobre o meio ambiente, independente de ser maléfica ou benéfica.

Turismo sustentável é a atividade que satisfaz as necessidades dos turistas e as necessidades socioeconômicas das regiões receptoras, enquanto a integridade cultural, a integridade dos ambientes naturais e a diversidade biológica são mantidas para o futuro (MTUR, 2007 p. 25).

A partir dessas propostas, entende-se que turismo sustentável visa promover o uso dos recursos naturais e culturais de uma localidade com potencial turístico, de forma que todos os atores envolvidos, diretamente ou indiretamente, sejam beneficiados com distribuição de renda igualitária e infraestrutura, além disso, possibilita que esses recursos se perpetuem para as próximas gerações.

O termo turismo sustentável vem sendo utilizado há algumas décadas e com isso ações surgiram para promovê-lo. Dentre seus benefícios, segundo a Conferência Globo 90 *apud* Swarbrooke (2000, p. 14) destacam-se:

- Compreensão dos impactos: faz com que os envolvidos na atividade turística compreendam os impactos positivos e negativos que podem ocorrer na localidade em seu ambiente natural, cultural, social e econômico;
- Benefícios e custos: assegura a distribuição justa a todos os envolvidos na atividade turística;
- Empregos: o turismo sustentável promove a geração de empregos diretos e indiretos;
- Estimulo do *trade* turístico: promove hotéis e outros tipos de alojamentos, restaurantes e outros tipos de serviços de alimentação, sistemas de transporte, artesanato local, serviço de guia de turismo entre outros;
- Entrada de divisas: para a localidade as divisas podem vir de varias maneiras, seja pela entrada de dinheiro novo na economia local ou por incentivos governamentais e privados;
- Diversificação da economia: promove mais uma opção de renda para as localidades, principalmente nas rurais onde o trabalho é sazonal;
- Promove decisões em todos os segmentos da sociedade: incorporando planejamento e zoneamento assegurando o desenvolvimento do turismo de acordo com a capacidade de carga do local;
- Infraestrutura básica: a comunidade acaba se beneficiando diretamente, pois para atender as necessidades dos visitantes não bastam investir apenas em infraestrutura turística, é preciso investir também em infraestrutura básica como: transporte, energia elétrica, saneamento básico, sistemas de comunicação, entre outros;

- Opções de recreação: instalação de diversas opções de recreação para o visitante e a comunidade consequentemente também utiliza;
- Recursos naturais: encoraja agricultores a dar usos para terras antes desprezadas fazendo com que áreas florestadas permaneçam em pé;
- Cultura: promove a valorização da cultura local e a autoestima criando oportunidades de uma maior compreensão e comunicação entre povos de diferentes culturas;
- Meio ambiente: demonstra a importância dos recursos naturais e culturais para a economia de uma localidade, seu bem-estar social auxiliando na sua preservação e conservação;
- Monitoramento, assessoramento e administração: desenvolvimento de métodos confiáveis para obtenção de respostas, opondo-se a qualquer efeito negativo da atividade turística.

Os benefícios do turismo sustentável são muitos e buscá-los é essencial para que uma localidade turística prospere. Mas para que isso ocorra, o poder público, privado, organizações não-governamentais (ONGs) e a comunidade local devem se aliar e trabalhar em conjunto para atingir essas metas.

Além disso, Pires (2010) aponta os efeitos das alterações no meio ambiente que interferem diretamente na atividade turística. São eles: aquecimento global, mudanças climáticas, esvaziamento da camada de ozônio, poluição do ar e chuva ácida, escassez e poluição da água, a degradação dos solos, a perda da biodiversidade e os desastres naturais. Com todos esses problemas, a atividade turística fica sem sua matéria prima, pois esses fenômenos causados pela interferência humana acabam com os atrativos.

Como todas as ações humanas causam impactos positivos ou negativos e são sempre pensadas para gerar algum lucro, no turismo não é diferente. Seus impactos podem beneficiar uma localidade ou destruí-la. Os benefícios causados pela atividade turística são significativos, porém seus danos são muito maiores e é por esse motivo que muitos pesquisadores e estudiosos propõem ações de planejamento e erguem a bandeira de desenvolvimento sustentável na atividade turística, ou seja, o desenvolvimento do turismo sustentável.

Segundo Pires (2010), os benefícios do turismo podem ser a geração de receita para a conservação da biodiversidade, alternativa econômica para as comunidades envolvidas na atividade turística, redução da exploração excessiva dos recursos naturais dentro e no entorno

das áreas protegidas pela população. A presença do visitante pressiona as autoridades locais a adotar medidas de planejamento e proteção ambiental (tratamento de afluentes e resíduos, racionalização do consumo de energia e a redução nos conflitos de uso do solo).

Quanto aos os impactos negativos do turismo, Pires (2010) explica que a grande concentração de pessoas em um mesmo ecossistema promove um consumo excessivo de combustíveis, eletricidade, alimentos, água, poluição sonora e visual, entre outros, mas ao mesmo tempo, os envolvidos, possuem interesse na manutenção da sua qualidade ambiental, por ser o ambiente natural sua maior fonte de recursos. Portanto as condições ambientais das localidades tornam-se cada vez mais um fator crítico para que o turismo seja bem sucedido.

A queda do movimento turístico decorrente da perda na qualidade do meio ambiente diminui significativamente a entrada de receitas, alimentando um ciclo vicioso em que a falta de capital para melhorias e capacitação leva a depauperação do ambiente e dos serviços turísticos, afastando cada vez mais o turista, principalmente aqueles que possuem maior poder de consumo e que são, portanto, potenciais geradores das receitas necessárias para tais investimentos (PIRES, 2010, p. 21).

O poder público influencia diretamente a atividade turística de várias formas. Por isso, tem o papel de estimular o desenvolvimento do turismo sustentável por meio de diversas ações, tais como: legislação e regulamentação, financiamentos e incentivos fiscais, planejamento do uso do solo, fiscalização, fornecimento de infraestrutura básica, a designação de áreas particulares para proteção especial, como o patrimônio histórico, cultural e ambiental. Todavia, para que as ações do poder público tenham sucesso devem ser coordenadas entre diferentes departamentos municipais, estaduais, federais e até internacionais, nesse ultimo caso quando uma localidade ou atrativo envolvem mais de um país. (SWARBROOKE, 2000).

Ao se basearem na Agenda 21, em fevereiro de 1997, a WTTC (*World Travel and Tourism Council*)⁴ e a OMT publicaram diretrizes que apontam a aplicabilidade da Agenda 21 na atividade turística:

- Avaliar as estruturas econômicas e de voluntários e a capacidade dos regulamentos existentes para produzir turismo sustentável;
- Avaliar as implicações econômicas, sociais, culturais e ambientais das operações da indústria turística;

⁴ Conselho Mundial de Viagens e Turismo.

- Treinar, educar e fomentar a conscientização do público;
- Planejar o desenvolvimento do turismo sustentável;
- Facilitar o intercâmbio de informações, capacitação e tecnologias relativas ao turismo sustentável entre países desenvolvidos e países emergentes;
- Viabilizar a participação de todos os segmentos da sociedade;
- Designar novos produtos de turismo com sustentabilidade por excelência, como parte integrante do processo de desenvolvimento do turismo;
- Medir o progresso na realização local do desenvolvimento sustentável;
- Criar parcerias para o desenvolvimento sustentável.

Como visto nessas diretrizes, o poder público possui uma grande responsabilidade em relação ao sucesso do turismo sustentável, mas Swarbrooke (2000) sinaliza que além do poder público, existe o domínio das grandes empresas envolvidas na atividade turística mundialmente. Estas exploram os recursos naturais e culturais sem a preocupação com o desenvolvimento sustentável das localidades. Além disso, ele afirma que a cooperação entre governos é importante e por meio do trabalho em conjunto, já que podem ir contra ao desenvolvimento do turismo desenfreado e massificado proposto por essas organizações.

Contudo, existem diversos obstáculos que impedem a atuação efetiva do poder público no turismo, segundo (SWARBROOKE, 2000), são eles:

- Em muitos países, o turismo não é uma prioridade, por isso não há vontade política de desenvolver ou estimular o turismo sustentável;
- Muitas vezes o conceito de planejamento e regulamentação não se enquadra com as necessidades do setor;
- Falta de recursos financeiros para cumprir as funções de planejamento e desenvolvimento do turismo sustentável;
- Falta de profissionais qualificados para trabalhar com turismo nos departamentos públicos;
- As mudanças de gestão e partidos políticos com as eleições comprometem o desenvolvimento de planejamento em longo prazo do turismo sustentável;
- Quando se inicia o planejamento para o desenvolvimento do turismo sustentável com a demora acabam por se tornarem obsoletos ao final, pois a atividade turística é muito dinâmica;

- Em geral considera-se o setor público como um ator de menor importância, pois não detém o controle sobre a atividade turística;
- A corrupção compromete diretamente o desenvolvimento do turismo sustentável.

Além desses obstáculos percebe-se, muitas vezes, que o desenvolvimento do turismo sustentável só se torna viável quando o poder público consegue tirar alguma vantagem política e econômica com o seu desenvolvimento. Aliando isso com os investimentos das empresas privadas na construção e implantação de estruturas e serviços turísticos torna-se quase que impossível atingir-se o turismo sustentável.

Em contra partida, existem algumas razões fundamentais para que o poder público lidere as ações para o desenvolvimento do turismo sustentável, tais com: representatividade da sociedade, diretamente não possui nenhuma ação comercial e interesses a serem protegidos e a possibilidade de realizar planejamento de longo prazo. Essas razões nos fazem entender que sem o apoio do poder público o turismo sustentável nunca será atingido.

A participação do poder público no Brasil em relação à atividade turística cresceu nos últimos anos, principalmente a partir da criação do Ministério do Turismo, em 2003. Nesse mesmo ano o Governo Federal lança o primeiro Plano Nacional de Turismo (PNT) que entrou em vigor no mesmo ano. Em 2007, iniciou-se outro plano com novas propostas até 2010 e a partir de 2011 iniciou-se um novo plano.

Neste último plano o foco está no planejamento e na gestão do turismo como indutor do desenvolvimento e da gestão do emprego e renda do país, além de buscar transformar o Brasil em um dos destinos mais procurados principalmente porque será sede de dois grandes eventos, a Copa do Mundo (2014) e as Olimpíadas (2016).

Em todos os PNT é possível identificar propostas que promovam o desenvolvimento do turismo sustentável, como por exemplo, no PNT proposto em 2003 até 2007 destacam-se duas informações que envolvem essa proposta:

Desejamos desenvolver o turismo com base no princípio da sustentabilidade, trabalhando de forma participativa, descentralizada e sistêmica, estimulando a integração e a consequente organização e ampliação da oferta (PNT, 2003, p.31).

Ainda no PNT de 2003 observa-se:

A expansão do Parque Hoteleiro, dos equipamentos de lazer e entretenimento e a diversificação dos produtos turísticos, só podem ocorrer em um cenário onde a infraestrutura básica esteja disponível, garantindo não

só a viabilidade dos investimentos, como a sua sustentabilidade ao longo do tempo (PNT, 2003, p.36).

Porém, nas propostas de 2007 até 2010 observa-se:

A qualidade dos produtos turísticos está intrinsecamente associada à qualificação dos serviços prestados. O padrão de qualidade desejado deve estar referenciado na satisfação dos consumidores e nos pressupostos do turismo sustentável, o que implica estabelecer uma política que estimule a melhoria contínua da qualidade e segurança dos serviços prestados (PNT, 2007, p. 74).

Já nas projeções e propostas do documento Turismo no Brasil 2011-2014 observam-se as seguintes alternativas para o desenvolvimento do turismo sustentável:

A dimensão e diversidade do território brasileiro são de tal ordem que a estruturação e organização da oferta turística do país constituem um dos maiores desafios para a gestão e o desenvolvimento sustentável da atividade. A estruturação da oferta turística pode ser potencializada se considerada em sua dimensão regional, onde diversos municípios se integram e se complementam na prestação de serviços aos turistas, agregando valor aos territórios. Tendo este princípio como referência, o Ministério do Turismo criou e vem implementando o Programa de Regionalização do Turismo, pelo qual os municípios são incentivados a um trabalho conjunto de estruturação e promoção, no qual cada peculiaridade local pode ser contemplada, valorizada e integrada num mercado mais abrangente (MTUR, 2011, p. 67).

Ainda no mesmo documento destaca-se:

Apoiar a realização de estudos, pesquisas e projetos sociais para o desenvolvimento sustentável do turismo em regiões de baixo dinamismo econômico e com potencial turístico pouco explorado (MTUR, 2011, p. 135).

Já no Programa de Regionalização do Turismo podemos observar que também existem projeções e propostas para desenvolver o turismo de maneira sustentável como no caso do Módulo de Operacionalização denominado de Turismo e Sustentabilidade, destacando-se importantes observações para a ação, como:

Este caderno tem como objetivo oferecer as bases para a elaboração, implementação, gestão e acompanhamento de políticas públicas na área de turismo, levando em consideração a necessidade de que tais políticas sejam realizadas com sustentabilidade. Sua finalidade é a de orientar as reflexões e as ações de profissionais, gestores, agentes governamentais e atores sociais envolvidos com a atividade turística, buscando harmonizar a força e o crescimento do mercado com uma melhor distribuição da riqueza (MTUR, 2007, p. 14).

O território brasileiro é um lugar inconfundível seja pelas suas riquezas culturais e ambientais. A diversidade do território cria inúmeros atrativos turísticos potencializando a demanda para esses locais. De acordo com os projetos e programas do Ministério do Turismo e os estudos apresentados por diversos pesquisadores é nítido que ainda está longe de um mundo sustentável. O poder público e muitos profissionais ligados ao *trade* turístico estão interessados em investir no desenvolvimento do turismo sustentável, beneficiando a conservação dos recursos naturais e seu desenvolvimento econômico.

Portanto, percebe-se que há uma (re)aproximação das pessoas com o meio ambiente por meio das atividades de lazer e do turismo em UCs. As pessoas (turistas ou visitantes) entendem que precisam conservar essas áreas, mas também querem usufruir para quebrar a rotina e ter novas experiências. Contudo, seu uso deve ser permitido, mas de maneira sustentável, como sugerido pelo turismo sustentável e nas atividades de ecoturismo.

1.4 O ECOTURISMO COMO FONTE DA EXPERIÊNCIA DO IMAGINÁRIO

Com o crescimento populacional os recursos naturais se tornam cada vez mais escassos, devido a essa grande concentração de pessoas e a exploração das áreas naturais. Os centros urbanos tornaram-se espaços extremamente carentes de áreas verdes causando um distanciamento do homem com a natureza. A falta de proximidade e de contato com a natureza tornaram esses ambientes fascinantes, despertando o imaginário e a curiosidade em conhecê-lo.

Antes de se pensar nas atividades de ecoturismo é preciso entender o que é turismo alternativo, pois esses dois conceitos estão diretamente relacionados, mas são diferentes e se contrapõem ao turismo de massa, visando o desenvolvimento do turismo sustentável em uma localidade.

Segundo Wearing & Neil (2001) turismo alternativo pode ser definido como:

[...] formas de turismo que demonstram ser coerentes com os valores natural, social e comunitário e que permitem que o tanto hospedeiro quanto hóspedes desfrutem uma interação positiva e conveniente, e compartilhem experiências (WEARING & NEIL, 2001. p. 4).

Ainda Wearing & Neil (2001), baseados em diversos autores, demonstram as características do turismo alternativo (Figura 1):

- A tentativa de preservação, proteção e aumento da qualidade do recurso-base, que é fundamental para o próprio turismo.
- A promoção fomentadora e ativa do desenvolvimento referente a atrações especiais para o visitante e infraestrutura com raízes na localidade específica e desenvolvida de modo que se complementem os atributos locais.
- O apoio à infraestrutura (portanto, o crescimento econômico) quando e onde ele melhora as condições locais, e não quando é destrutivo ou supera a capacidade de sustentação do ambiente natural ou os limites do ambiente social, pelo que a qualidade de vida da comunidade é afetada de modo desfavorável (Cox, 1985:6-7; Yum, 1984).
- O turismo que procura minimizar seu impacto sobre o meio ambiente é ecologicamente sadio, evitando os impactos negativos de numerosos projetos turísticos de larga escala empreendidos em áreas que não foram previamente desenvolvidas (Bilsen, 1987; Gonsalves, 1984; Saglio, 1979; Travis, 1985).
- A ênfase na sustentabilidade, não só ecológica, mas também cultural. Ou seja, o turismo que não prejudica a cultura da comunidade anfitriã, estimulando o respeito pelas realidades culturais vivenciadas pelos turistas, por meio da educação e dos “encontros” organizados (Holden, 1984).

Figura 1 - Características do Turismo Alternativo

Fonte: WEARING & NEIL, 2001. p.4.

Dessa forma, podemos considerar que o turismo alternativo está ligado ao desenvolvimento sustentável e conseqüentemente ao ecoturismo.

Conforme a figura 2 apresentada por SWARBROOKE (2000), o turismo sustentável está envolvido com outros segmentos que utilizam os recursos naturais, contudo não podemos deixar de esclarecer que o turismo sustentável está relacionado a todos os segmentos turísticos. No entanto, a abordagem desse trabalho refere-se aos segmentos de turismo que envolve os recursos naturais, no caso o ecoturismo.

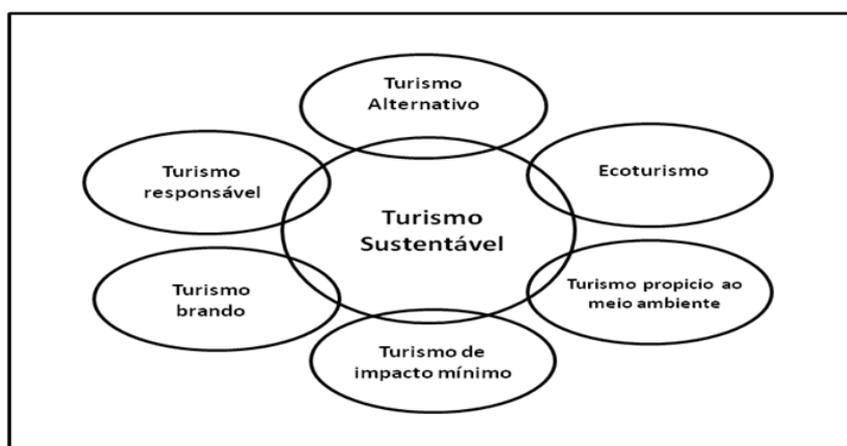


Figura 2 - A relação entre turismo sustentável e outros segmentos

Fonte: SWARBROOKE, 2000, p. 20.

Como demonstra essa figura, o turismo sustentável é a base para todos os outros segmentos ligados aos recursos naturais e o turismo alternativo e o ecoturismo não se conectam, entretanto, propõe-se, no presente trabalho outro esquema para entender que existe uma ligação entre turismo sustentável, turismo alternativo e ecoturismo (Figura 3):

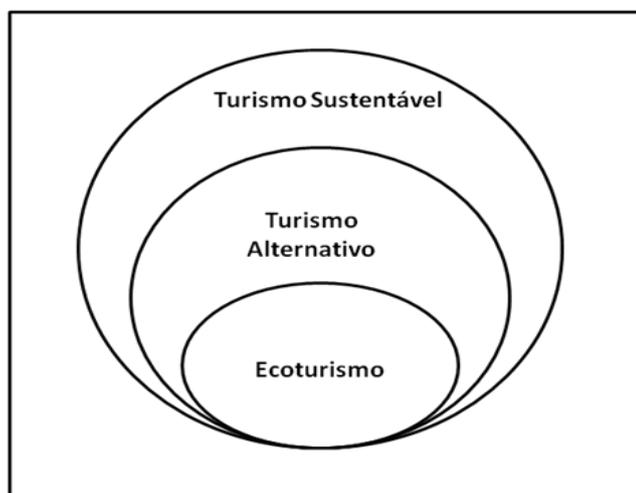


Figura 3 - Macro ambiente do Turismo Sustentável
Fonte: Elaboração própria (2011).

O esquema proposto apresenta o Turismo Sustentável como o ambiente macro, o Ecoturismo o ambiente micro e o Turismo Alternativo é o que interliga essas duas esferas de turismo. Além disso, não é possível pensar em Turismo Sustentável sem pensar em maneiras alternativas de turismo como é o caso do ecoturismo.

A atividade de ecoturismo proporciona ao visitante um contato mais íntimo com os recursos naturais. Praticamente em todas as mídias destinadas ao turismo citam locais e atividades de ecoturismo como uma forma de fugir do estresse e da rotina diária dos grandes centros urbanos estimulando a demanda por essas áreas.

Como visto anteriormente o ecoturismo surge a partir do conceito de turismo sustentável, ou seja, é uma atividade que utiliza dos recursos naturais, mas que desenvolve um planejamento das ações e analisa os impactos negativos e positivos que essa atividade gera nas localidades envolvidas, além disso, busca apresentar aos seus praticantes a importância da conservação dos patrimônios naturais e culturais para que as próximas gerações também tenham acesso e que essa conservação promova o aumento da permanência humana no planeta.

O ecoturismo, ou seja, a ideia de que turismo baseado na natureza poderia proporcionar benefícios sociais e ambientais, brotou na consciência popular no final da década de 1980, tornando-se praticamente um fenômeno na

década de 90. Em diversos países, o ecoturismo transformou-se em um importante tema de debate, gerando em sem-número conferências e novos cursos e estimulando políticas de desenvolvimento em todos os níveis de governo, na indústria turismo e no movimento ambientalista. (FIGGI, 2001 *apud* WEARING & NEIL, 2001).

E ainda:

O Ecoturismo surgiu para oferecer uma opção de desenvolvimento sustentável a países, regiões e comunidades locais, proporcionando um incentivo para conservar e administrar as regiões naturais e a fauna selvagem e, em consequência a crucial biodiversidade da vida. O Ecoturismo pode ser uma alternativa à extração voraz de recursos florestais e minerais, além de poder gerar as divisas necessárias, trazendo receitas para administrar adequadamente as áreas de proteção. (FIGGI, 2001 *apud* WEARING & NEIL, 2001).

Com tantas discussões e encontros para tentar reverter e melhorar as condições de vida no planeta, muitos grupos ligados ao turismo também se uniram para entender e planejar o desenvolvimento do turismo em áreas naturais, no caso o ecoturismo. Segundo a Organização Mundial do Turismo, em 2002, definiu ecoturismo como:

Todas as formas de turismo em que a motivação principal do turista é a observação e apreciação da natureza, de forma a contribuir para a sua preservação e minimizar os impactos negativos no meio ambiente natural e sociocultural onde se desenvolve (OMT, 2002 *apud* Oliveira *et al.* p. 5).

Ainda, segundo as diretrizes para uma Política Nacional de Ecoturismo esse segmento é definido como:

Um segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente promovendo o bem-estar das populações envolvidas (MICT/MMA, 1994, p.19).

Pensando nessas definições, é possível entender que toda prática de turismo desenvolvido na natureza precisa ser pensada dessa maneira, pois não é simplesmente estar nesses ambientes para respeitar seus limites e agir de maneira ecologicamente correta, mas para, assim que volta para seu local de origem, o indivíduo continue com ações menos impactantes, como por exemplo, não jogando lixo em qualquer lugar, desperdiçando água e energia elétrica, o objetivo é que as pessoas levem esses novos aprendizados para seu dia-a-dia.

Entretanto, o turismo acaba se tornando uma atividade frequentemente desenvolvida com o objetivo de lucro em curto prazo diante da proposta de sustentabilidade social, cultural ou ecológica de longo prazo. (FIGGI, 2001 *apud* WEARING & NEIL, 2001).

Será o ecoturismo uma prática de marketing da indústria de turismo que, com eficiência, “embala a natureza” para indivíduos urbanos abastados, convidando-os a “viver” em um mundo romântico, perdido para nós, os modernos? Florestas tropicais luxuriantes, desertos áridos, as calotas polares – esses são os destinos “mais quentes” (enquanto durarem). (WEARING & NEIL, 2001 p. XV).

Infelizmente, essa questão apresentada pelos autores é muito conveniente, pois conforme informações apresentadas anteriormente à sustentabilidade e o ecoturismo visam um desenvolvimento em longo prazo e que torne, por meio de sua prática, pessoas mais conscientes de seus atos diários e as consequências negativas que causam aos recursos naturais e quando observamos as regiões turísticas focadas no ecoturismo percebe-se que quanto mais pessoas visitam esses atrativos e o lucro rápido chega as demais questões são deixadas de lado.

Qualquer que seja a origem do ecoturismo, a natureza está chamando, e nós respondendo a ela em multidões. E os ecoturistas se incumbem da sua condução. Mas seguir pela “trilha” muitas vezes significa que ela logo se tornará uma estrada, ou até mesmo uma rodovia. E os belos espaços selvagens procurados pelos ecoturistas muitas vezes são extremamente frágeis e sensíveis ao impacto humano, por mais que sejam “pisados de leve”. Porém, uma coisa é certa: o progressivo interesse global e o crescimento exponencial do ecoturismo não podem ser explicados como outras inúmeras tendências recreacionais. Em vez disso, reflete uma mudança fundamental no modo como os seres humanos enxergam a natureza e se relacionam com ela (WEARING & NEIL, 2001 p. XV).

Pensando nisso pode-se afirmar que o ecoturismo tem sentido em ser praticado, pois estimula o contato com a natureza e conseqüentemente o respeito e o cuidado que a humanidade deveria manter sempre para com os seus recursos naturais.

[...] O ecoturismo está evoluindo para um tipo de viagem especializada, incorporando uma diversificada (e, muitas vezes, desconcertante) lista de atividades e tipos de turismo, desde observação de pássaros, estudo científico, fotografia, mergulho, caminhada na mata, até a recuperação de ecossistemas danificados. A palavra “ecoturismo” é um termo amplo e vago. Para alguns, é um subconjunto de atividades turísticas “baseadas na natureza”; para outros, é um nicho de mercado, um tipo específico de “turismo de interesse especial”. Em um período curto de tempo, o ecoturismo tem atraído a imaginação de muitas comunidades locais e organizações ambientais governamentais e internacionais [...] (WEARING & NEIL, 2001 p. XV).

Portanto, para cumprir a sua função de proporcionar experiências, o ecoturismo para se desenvolver precisa de áreas conservadas, que mantenham sua integridade, tenha fiscalização, funcionários treinados, estrutura para atender os visitantes, equipamentos adequados a cada necessidade, acesso fácil, entre outros. Dentre as diversas áreas, podemos citar as UCs, uma vez que são os locais que mais possuem condições para atender todas essas exigências e as necessidades dos turistas e visitantes, ou seja, são as áreas que mais oferecem condições seguras de se desenvolver o ecoturismo pensando em um desenvolvimento em logo prazo, pois possuem infraestrutura mínima e são administradas pelo poder público e possuem pessoas qualificadas para atender a demanda, como no caso do Parque Estadual do Jaraguá.

CAPÍTULO 2 – O PARQUE ESTADUAL DO JARAGUÁ

Neste capítulo é apresentado o PE Jaraguá, seu histórico, sua infraestrutura e seus atrativos turísticos para atender o visitante e os turistas, além disso, será descrita a lei que regulamenta as Unidades de Conservação e em qual categoria o parque se encaixa.

2.1. O SISTEMA NACIONAL DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO - SNUC

A primeira área protegida do mundo foi o Parque Nacional de Yellowstone, em 1872, nos Estados Unidos, após essa iniciativa outros países (Tabela 2) seguiram esse exemplo, como: Austrália (1879), Canadá (1885), Nova Zelândia (1894), África do Sul (1898), México (1899), Argentina (1903), Chile (1926), Equador (1934), Venezuela e Brasil (1937), esses países começaram a criar suas leis e seus próprios parques, visando a conservação de suas áreas naturais, após presenciarem a destruição de suas matas nativas. (COSTA, 2002).

PARQUE	PAÍS	ANO DE FUNDAÇÃO
Parque Nacional de Yellowstone	Estados Unidos	1872
Parque Nacional Royal	Austrália	1879
Parque Nacional Banff	Canadá	1885
Parque Nacional de Yosemite	Estados Unidos	1890
Parque Nacional Egmont	Nova Zelândia	1894
Parque Nacional Kruger	África do Sul	1898
Parque Nacional Nahuel Huapi	Argentina	1903
Parque Nacional de Galápagos	Equador	1934
Parque Nacional de Itatiaia	Brasil	1937
Parque Nacional do Iguaçú	Brasil	1939
Parque Nacional da Serra dos Órgãos	Brasil	1939

Tabela 2 – Os primeiros Parques do Mundo

Fonte: Adaptado de COSTA (2002, p. 16-18).

No Brasil, os primeiros sinais da preocupação ambiental surgem com a criação do Jardim Botânico no Rio de Janeiro, com a Lei 601 de Dom Pedro II proibindo a exploração florestal nas terras descobertas (essa lei foi ignorada, continuando o desmatamento para implantação da monocultura de café), com a sugestão de André Rebouças para a criação dos parques nacionais na Ilha de Bananal e em Sete Quedas, além de muitos outros (COSTA, 2002).

Somente a partir da década de 1930 a legislação ambiental começou a evoluir no Brasil, através do Código Florestal de 1934 os parques começaram a ser demarcados. Muitas

leis e decretos foram criados, mas não o suficiente para alterar o ritmo da destruição das áreas naturais. Após 30 anos um Novo Código Florestal (Lei nº 4.771), de 15 de setembro de 1965, foi oficializado determinando as áreas de preservação em áreas que permitiam a exploração dos recursos naturais: Florestas Nacionais, Estaduais e Municipais e aquelas que não permitiam qualquer exploração: Parques Nacionais, Estaduais e Municipais e Reservas Biológicas (BRASIL, 1965).

Em 1967, foi criado o Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal – IBDF, organismo ligado ao Ministério da Agricultura, depois denominado de IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis). Ele foi por muito tempo foi o grande mentor das UCs federais no País, mas em 2007, esse órgão sofreu alterações administrativas, dividindo-se, no qual a parte responsável pelo gerenciamento das UCs passou a se chamar de ICMBio (Instituto Chico Mendes de Biodiversidade) em homenagem ao seringueiro Chico Mendes que foi assassinado, em 22 de dezembro de 1988, porque lutava para conservar a floresta Amazônica no Acre (MARTINS, 1998).

As discussões não param por aí muitas mudanças ainda estão por vir, como no caso a tramitação das mudanças para um novo Código Florestal e as novas formas de gestão das Unidades de Conservação de Proteção Integral, tanto federal, estadual e municipal, para que cada área aberta à visitação se torne autossuficiente.

Podemos dizer que houve mudanças significativas para a preservação e a conservação das áreas naturais brasileiras nas últimas décadas, mas o cumprimento das leis ambientais não ocorre em sua totalidade e a fiscalização também não é suficiente para se fazer cumprir as leis, contudo as UCs estão conseguindo prolongar a existência desses ecossistemas mesmo com diversas deficiências de gestão.

A UC é uma área territorialmente definida, criada e regulamentada legalmente, essas áreas são criadas com o objetivo de proteger o patrimônio natural e cultural de um país e principalmente resguardar a autenticidade que o planeta possui, para que a humanidade conheça a sua origem e a simplicidade da vida na Terra quando éramos ligados a “mãe natureza”.

A criação das UCs está prevista na Constituição Federal de 1988 (Capítulo VI do Meio Ambiente, Artigo 225, Parágrafo 1º), determinando ao poder público:

[...] defini, em todas as Unidades da Federação, espaços territoriais e seus componentes a serem especialmente protegidas, sendo a alteração e supressão permitidas somente por meio de lei, vedada qualquer utilização

que comprometa a integridade dos atributos que justifiquem sua proteção (BRASIL, 1988).

Já na Constituição do Estado de São Paulo, de 1989, no Capítulo IV destinado ao Meio Ambiente, dos Recursos Naturais e do Saneamento também destaca a importância de conservar, além de estabelecer o que cabe ao Estado, com a cooperação dos municípios, orientar para que a utilização dos recursos naturais seja de forma racional e sustentável, incluindo a conservação do solo e da água (SÃO PAULO, 1989). Outros Estados também investem em melhorias ambientais e criam órgãos e leis para proteger e conservar suas áreas naturais como no Estado de Minas Gerais com o Instituto Estadual de Florestas⁵.

Todas as áreas de interesse ambiental são classificadas em categorias de manejo e de acordo com o decreto de criação de cada unidade são determinadas a sua denominação, os limites geográficos, área, objetivos e diretrizes, restrições e proibições de uso do seu espaço e dos seus recursos ambientais e os órgãos responsáveis pela sua administração também são determinados por lei.

A definição mais atual das Unidades de Conservação encontra-se na Lei Federal nº 9.985 de 19 de julho de 2000 que regulamenta o artigo 225, parágrafo 1, incisos I, II, III e VII da Constituição Federal redefine as UCs e cria o Sistema Nacional de Unidades de Conservação – SNUC no Brasil.

Portanto, define-se Unidade de Conservação como:

Espaço territorial e seus recursos ambientais, incluindo as águas jurisdicionais, com características naturais relevantes, legalmente instituído pelo Poder Público, com objetivos de conservação e limites definidos, sob regime especial de administração, ao qual se aplicam garantias adequadas de proteção (SNUC, 2000, p. I).

A partir dessa lei muitas ações foram tomadas e muitas mudanças ocorreram para a gestão dessas áreas, ou seja, as categorias foram padronizadas e divididas em dois grandes grupos: as Unidades de Proteção Integral e as Unidades de Uso Sustentável.

As Unidades de Proteção Integral tem como objetivo básico preservar a natureza, sendo admitido apenas o uso indireto dos seus recursos naturais, suas categorias são: Estação

⁵ O Instituto Estadual de Florestas (IEF) tem por finalidade executar a política florestal do Estado e promover a preservação e a conservação da fauna e da flora, o desenvolvimento sustentável dos recursos naturais renováveis e da pesca, bem como a realização de pesquisa em biomassa e biodiversidade. É autarquia vinculada à Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável. Foi criado em 5 de janeiro de 1962 pela Lei 2.606 e é regulamentado pelo Decreto 44.807, de 12/05/2008. Disponível em: <http://www.ief.mg.gov.br/instituicao> Acesso em: 10 de janeiro de 2012.

Ecológica; Reserva Biológica; Parque Nacional; Monumento Natural; Refúgio da Vida Silvestre. Quanto as Unidades de Uso Sustentável seu objetivo básico é compatibilizar a conservação da natureza com o uso sustentável de parcela dos seus recursos naturais, suas categorias são: Área de Proteção Ambiental (APA); Área de Relevante Interesse Ecológico; Floresta Nacional; Reserva Extrativista; Reserva da Fauna; Reserva de Desenvolvimento Sustentável; Reserva Particular do Patrimônio Natural.

Com a aprovação dessa lei e as novas classificações foi possível padronizar a terminologia usada para cada tipo de área protegida, antes as denominações variavam entre os estados e municípios e não tinham referências jurídicas.

O presente estudo irá pesquisar uma UC de Unidade de Proteção Integral, categoria em que o PE Jaraguá está inserido. O objetivo dessa categoria é a preservação de ecossistemas naturais de grande relevância ecológica e beleza cênica, possibilitando a realização de pesquisas científicas e do desenvolvimento de atividades de educação e interpretação ambiental, a recreação em contato com a natureza e atividades de ecoturismo. A visitação pública é permitida mediante as normas estabelecidas em seu Plano de Manejo⁶ e as pesquisas científica dependerão de prévia autorização do órgão responsável pela administração da unidade, estando sujeita as condições e restrições estabelecidas (SNUC, 2000).

O SNUC surgiu para regulamentar, organizar e planejar essas atividades, onde cada categoria determina o tipo de uso dos recursos naturais (visitação pública, pesquisas científicas ou nenhuma interferência humana). Se não houvesse esse sistema, provavelmente as áreas naturais estariam sendo utilizadas de forma desenfreada, loteada, servindo de pastos, plantações de eucalipto, entre outros usos provocando mais danos ao planeta e aos seres vivos.

As Reservas Particulares do Patrimônio Natural, as APAs e os Parques (nacionais, estaduais e municipais) são as categorias de UC mais importantes para o desenvolvimento do turismo, no seu segmento de ecoturismo (COSTA, 2002).

Para que o turismo desenvolvido na natureza possa ser chamado de ecoturismo, é necessário considerar três fatores principais: a conservação do ambiente visitado seja ele natural ou cultural; a conscientização ambiental, tanto do turismo como da comunidade receptora e o desenvolvimento local e regional integrado (KINKER, 2002, p. 18).

⁶ Plano de manejo é um documento técnico mediante o qual, com fundamento nos objetivos gerais de uma unidade de conservação, se estabelece o seu zoneamento e as normas que devem presidir o uso da área e o manejo dos recursos naturais, inclusive a implantação das estruturas físicas necessárias à gestão da unidade (SNUC, 2000, p.2).

Como qualquer segmento do turismo, o ecoturismo gera impactos que precisam ser controlados, ou seja, precisam de manejo para ser evitado.

Um dos objetivos do manejo é controlar a integração homem/natureza, de modo que o meio ambiente não sofra impactos negativos e o turista tenha não só uma experiência agradável, mas seja levado, por meio da interpretação da natureza e do lazer dirigido, a incorporar mudanças de atitudes e comportamentos (KINKER, 2002, p. 30).

Os principais problemas enfrentados nas UCs são a falta do plano de manejo, planejamento turístico e a falta de infraestrutura para receber um grande fluxo de visitantes, além disso, a gestão das unidades está a cargo de pessoas sem treinamentos em gestão de turismo, além de enfrentarem esses desafios, os parques não dispõem de verbas nem de mão-de-obra qualificada para a atividade turística (BOO, 2001).

As UCs que mais sofrem impactos negativos e pressão são as unidades que estão nas áreas mais urbanizadas, no caso os Parques Estaduais e Municipais, isso ocorre porque essas áreas são relativamente pequenas, não possuem zona de amortecimento, em seu entorno existem grandes concentrações de pessoas e em muitos casos é a única área de lazer existente na região, mas além de tudo isso, essas áreas estão recebendo cada vez mais visitantes. “Como nunca antes, turistas visitam parques e reservas no mundo todo e estão encarando essa experiência como uma forma de conhecer e apreciar o meio ambiente natural (BOO, 2001, p.33).”

Entretanto, não existe uma fórmula pronta para se implantar o ecoturismo nos ambientes naturais principalmente porque cada área tem suas especificidades, como: ecossistemas diferentes, atividades desenvolvidas (caminhada, escalada, observação de fauna e flora, mergulho, *rafting*, entre outros) e o tamanho da UC, mas os responsáveis por desenvolver essa atividade podem adequar os modelos de sustentabilidade existentes ou criar novas formas sustentáveis de promover o ecoturismo.

Algumas das ameaças poderiam ser minimizadas se os benefícios potenciais do turismo fossem aproveitados. Felizmente, a maioria dos ecoturistas está ansiosa e disposta a contribuir para a conservação das áreas que visitam. As pessoas querem participar mais da conservação quando viajam. Entretanto, é preciso haver oportunidades para que elas contribuam, tais como sistemas de cobrança de ingressos, alojamentos que pertençam às pessoas da comunidade local e sejam administrados por elas, ou cooperativas de artesanato nativo. Para que tudo isso seja possível, o sistema deve funcionar bem – o que requer planejamento (BOO, 2001, p.35).

E ainda:

Esse tipo de viagem depende da conservação dos recursos da área natural. Há, portanto, uma parceria natural entre as empresas privadas que organizam experiências de viagem pela natureza e as entidades (governamentais, não-governamentais e privadas) responsáveis pela proteção das áreas naturais. Essa parceria pode, de fato, proporcionar uma verdadeira experiência ecoturística por meio do aumento da consciência do público sobre a proteção ambiental; da provisão de recursos econômicos para a gestão das áreas naturais; da maximização dos benefícios econômicos para as comunidades locais; do estímulo à compreensão das diferenças culturais; e da diminuição dos efeitos adversos dos visitantes sobre o meio ambiente natural e cultural (BLANGY & WOOD, 2001, p.61).

Nesse sentido, é perceptível que órgãos governamentais, não-governamentais e empresas privadas estão atuando para promover o desenvolvimento sustentável em todas as esferas sociais e econômicas e na atividade turística não é diferente.

A região do Estado de São Paulo, originalmente, possuía 81,8% de sua área coberta por florestas (20.450.000 hectares), alguns estudos sobre a evolução da retirada da cobertura florestal demonstram que em 1995 restavam apenas 1.848.152 hectares (7,4% do território do Estado). Esses dados demonstram que muito foi retirado e o que restou estão localizados nas serras e topos de morros, segundo o índice de área verde por habitante na capital paulistana são apenas 4,6 m², quando o recomendado pela Organização Mundial da Saúde é de 12 m² (SMA, 1999).

As UCs localizadas nas áreas urbanas ou próximas a elas possuem um papel fundamental para a vida dos habitantes das cidades. Esses remanescentes de áreas verdes exercem manutenção da qualidade do meio urbano e oferecem espaço para o lazer, recreação e educação ambiental, além disso, as UCs possuem um papel importante para o equilíbrio do clima, da conservação de mananciais e de espécies nativas (SMA, 1999).

No Estado de São Paulo os primeiros parques estaduais foram Campos do Jordão, em 1941, Turístico Alto Ribeira, em 1960 e o Jaraguá, em 1961.

O PE Jaraguá, portanto, é parte integrante dessas áreas, além de ser um dos últimos remanescentes de Mata Atlântica e possuir o ponto mais alto da capital paulista, oferece atividades de educação ambiental, lazer, recreação e turismo. Todavia o parque é considerado um parque urbano e por isso seus recursos naturais estão constantemente ameaçados por invasões, caçadores, queimadas criminosas, visitantes sem informação, poluição visual, sonora, da água, do ar, lixo e pela demanda estimada em 10.000 visitantes por final de semana que ultrapassa a capacidade que o parque comporta (FFLORESTAL, 2010).

2.2. HISTÓRICO DO PARQUE ESTADUAL DO JARAGUÁ

Antes da “descoberta” do Brasil em 1500, os indígenas viviam em comunhão com a natureza, retirando dela apenas o necessário para a sua sobrevivência (caça, pesca, coleta e abrigo). Com a chegada dos portugueses tudo mudou. A exploração da floresta começou, alterando o modo de vida das comunidades tradicionais e dos ecossistemas existentes.

A fazenda Jaraguá foi instituída, em 03 de maio de 1961, como Parque Estadual do Jaraguá, sua história nos remete ao período de colonização do Brasil a partir do momento que os portugueses venceram as escarpas da Serra do Mar e chegaram ao planalto denominado de Piratininga (DALMO, 2003).

Martim Afonso dirigiu-se para o planalto de Piratininga na companhia de João Ramalho. A subida da Serra do Mar pela “trilha dos tupiniquins” foi difícil, mesmo sendo guiada pelos índios: a serra é uma verdadeira muralha, íngreme e abrupta, que mostrou aos portugueses a dura tarefa que teriam pela frente para conquistar esse território. E que isso não seria possível sem os habitantes originais (KEATING & MARANHÃO, 2008 p. 44).

A exploração da região em primeiro momento não resultou em grandes descobertas, após alguns anos surgem informações da descoberta de ouro no planalto. Somente por volta de 1580 que o bandeirante Afonso Sardinha conseguiu se instalar na região do Jaraguá para dar início a exploração de ouro de lavagem.

O primeiro ciclo dos bandeirantes que foi o ciclo do ouro de lavagem foi o mais importante para a história do Parque Estadual do Jaraguá, pois nesse local Afonso Sardinha, o moço, descobriu ouro de aluvião. Esse fato é curioso, pois esse ciclo ocorreu sempre próximo ao litoral, e os locais mais distantes alcançados neste tipo de exploração foram Curitiba-PR, São Roque-SP e na atual cidade de São Paulo [...] (DEAN, 2002, p. 87).

Afonso Sardinha se tornou importante para a Vila de São Paulo, cuidando da defesa da vila, o governador Mem de Sá, em 1592, organizou a defesa contra os indígenas, que lutavam para recuperar suas terras e vingar os guerreiros mortos nos confrontos. A região do Jaraguá era o principal ponto de batalha contra os ataques dos índios. Afonso Sardinha obteve sucesso conseguindo expulsar os indígenas para regiões mais afastadas da região (DALMO, 2003).

No período de 1581 a 1640, Portugal ficou sob o domínio espanhol, todo o ouro extraído era enviado diretamente para a Espanha, mas para saciar a ganância de Portugal, o governador D. Francisco de Souza, em 1600, intensificou a exploração do ouro, causando a escassez por volta de 1670. Piratininga passa a se chamar vila de São Paulo, se desenvolve e

ganha importância, mas a região do Jaraguá não acompanhou esse desenvolvimento, assim que houve o declínio na exploração aurífera a localidade se tornou periférica em relação à vila (DALMO, 2003).

A descoberta do ouro em Minas Gerais e o fim da exploração do ouro fizeram com que houvesse a debandada dos garimpeiros em direção ao novo “El Dorado”. Devido a essa fuga da mão de obra, indígenas e escravos foram usados na exploração dos remanescentes de ouro. A região do Jaraguá, após uma história de conflitos e exploração tornou-se uma fazenda de cultivo de milho, feijão, cana-de-açúcar, mandioca e café (DALMO, 2003).

A área foi comprada pelo Estado e estava totalmente degradada, a partir dessa aquisição iniciaram-se os reflorestamentos com mudas de jacarandá, paineiras, jequitibás, ipês, sapucaias, perobas, coqueiros, pau-brasil, guapuruvus, canelas, aroeiras, entre outras. A Fazenda do Jaraguá esteve inicialmente sob a administração da Secretaria da Educação e Saúde Pública, até que em 06 de junho de 1946, a área foi transferida para o Serviço Florestal da Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio (FFLORESTAL, 2010).

Após decretado como Parque Estadual, algumas concessões de uso foram dadas e um projeto para a construção de um complexo turístico foi elaborado. A primeira concessão foi para a construção da antena da TV Bandeirante em 1962 (Figura 4), quanto ao projeto do complexo turístico⁷ só teve início a partir da transferência de 7% da área para a Secretaria de Esportes Lazer e Turismo para concretizá-lo e administrá-lo (FFLORESTAL, 2010).



Figura 4 - Pico do Jaraguá sem antenas, antes de 1962.
Fonte: Acervo do PE Jaraguá (1962).

⁷ “O projeto previu, entre outros, a construção de dois restaurantes e um motel com 40 unidades, utilizando cerca de 10 alqueires da área mais plana do Parque e pouco mais de 04 alqueires em terreno mais elevado nas imediações do Pico do Jaraguá” (DALMO, 2003 p. 27).

Desse projeto foi concretizado na parte baixa um complexo com três lanchonetes, uma área administrativa, anfiteatro, banheiros, playground, portaria, arena e na parte alta uma lanchonete e banheiros. Em 05 de fevereiro de 1983, todo este complexo, incluindo o solar de Afonso Sardinha foi tombado pelo CONDEPHAAT (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico do Estado de São Paulo) e foi restaurado para a implantação do Albergue da Juventude, que recebeu o nome da pianista Madaglena Tagliaferro. A “Casa Grande” (Figuras 5 e 6) possui 21 cômodos e foi construída em taipa de pilão de quase meio metro de espessura e piso de pedra, o alpendre é amplo e uma escadinha conduz ao pátio onde são vistos restos da senzala e um suposto tanque de lavagem de ouro (Figura 7) (DALMO, 2003).



Figura 5 – Casarão Afonso Sardinha (vista externa)
Foto: RP Indicatti (2008).



Figura 6 - Casarão Afonso Sardinha (vista externa)
Foto: RP Indicatti (2008)



Figura 7 – Tanque de Lavagem de Ouro
Foto Bárbara Gambaré (2011)

A partir de nove de janeiro de 2004, após várias solicitações por parte do Instituto Florestal, os 7% administrados pela Secretaria de Esporte, Lazer e Turismo, passou a fazer parte da Secretaria do Estado do Meio Ambiente, através do decreto nº 48.442, assinado pelo então Governador do Estado, Geraldo Alckmin. O Instituto Florestal assumiu toda a área e novos projetos começaram a ser realizados, iniciando-se a elaboração do plano de manejo do parque o que possibilita uma administração mais eficiente.

Após a recuperação dessa área pelo Instituto Florestal iniciou-se a manutenção dos problemas mais críticos, como o desentupimento da rede de esgoto, a limpeza das fossas sépticas, manutenção hidráulica nos banheiros e da rede elétrica, a retirada dos brinquedos que ofereciam riscos aos visitantes e a integração de toda a equipe de trabalho. Essas melhorias só foram possíveis com o recurso pago pelo DERSA (Desenvolvimento Rodoviário S/A), por danos ambientais indiretos causados ao parque pela construção do Rodoanel Mario Covas.

Desde 2006, a partir de mudanças na Secretaria Estadual do Meio Ambiente o parque passou a ser administrado pela Fundação Florestal implantando novas maneiras de gestão e projetos para as unidades do Estado.

Dentre os diversos projetos da FF, destaca-se o “Trilhas de São Paulo”, um projeto que envolve 19 parques com 40 trilhas, seu objetivo é estimular a prática do ecoturismo nas UCs. Para facilitar e divulgar esse projeto foi elaborado um passaporte com a descrição de todos os parques envolvidos, mapas, grau de dificuldade, endereços e horário de funcionamento, além disso, o programa criou um mecanismo que a cada trilha feita o visitante recebe um carimbo para confirmar a trilha realizada e ao completar todas as 40 trilhas a pessoa ganha um prêmio da Fundação Florestal. O PE Jaraguá participa desse projeto com duas trilhas (Pai Zé e Silêncio).

Outro projeto é o de Parceria para as Unidades de Conservação (Decreto nº 57401/11) que está em fase de implantação e o PE Jaraguá será um dos três primeiros devido ao número de visitantes aos finais de semana e feriados. Esse programa irá disponibilizar áreas dentro das UCs para a implantação de atividades de ecoturismo e turismo de aventura, seus objetivos com essas parcerias são:

- I - assegurar a participação das populações locais e de organizações privadas;
- II - assegurar a sustentabilidade econômica e a autonomia administrativa e financeira das Unidades de Conservação;
- III - garantir a eficiência e a adequação dos serviços públicos prestados aos usuários;
- IV - promover o desenvolvimento sustentável;
- V - contribuir para a preservação da diversidade de ecossistemas naturais;
- VI - promover a utilização de práticas de conservação da natureza no processo de desenvolvimento sustentável;
- VII - recuperar ou restaurar ecossistemas degradados;
- VIII - valorizar econômica e socialmente a diversidade biológica;

IX - proteger e recuperar recursos hídricos e edáficos;

X - proteger paisagens naturais ou de notável beleza cênica;

XI - proteger as espécies ameaçadas de extinção;

XII - favorecer condições e promover a educação e interpretação ambiental, a recreação em contato com a natureza e o turismo ecológico;

XIII - proporcionar meios e incentivos para as atividades de pesquisa científica, estudos e monitoramento ambiental.

Analisando esse decreto e seus objetivos ficam claros que as UCs do Estado de São Paulo irão seguir os modelos de gestão dos Parques Nacionais como no caso de Parque Nacional do Iguaçu – PR e Serra dos Órgãos – RJ que já possuem áreas cedidas para empresa privadas.

Em síntese, as leis estão em constante transformação, no caso das leis ambientais sempre surgem mudanças, pois estudos acabam interferindo e exigindo mais proteção ou alteração no uso dessas áreas. Quanto ao PE Jaraguá (Figura 8) desde sua passagem na história como local de extração de ouro até os dias de hoje muitas mudanças ocorreram em seu uso, por isso sua história continua e é por isso que as investigações a respeito do Parque não é finalizada.



Figura 8 – Pico do Jaraguá visto de Pirituba.
Foto: Bárbara Gambaré (2012).

2.3. UNIDADES DE CONSERVAÇÃO DA REGIÃO METROPOLITANA DE SÃO PAULO

As UCs estaduais na região metropolitana de São Paulo (RMSP) ocupam uma área de 22.726,68 hectares. Existem também os parques municipais que são administrados pela Secretaria Municipal do Verde e Meio Ambiente (SMVMA). Dentre as ações municipais está em desenvolvimento um projeto onde seu objetivo é implantar 100 parques até 2012 (5000 hectares), já foram implantados 60 até 2009. Contudo, as áreas mais expressivas são as UCs estaduais devido ao tamanho dos parques e por se tratar de áreas com alto índice de fauna e flora nativa (FFLORESTAL, 2012; SMVMA, 2012).

As UCs estaduais da região metropolitana (Tabela 3) são:

Unidades de Conservação Estaduais	Área (hectare)	Municípios
Parque Estadual da Cantareira Núcleos: Pedra Grande, Águas Claras, Engordador e Cabuçu.	7.900,00	Caieiras, Guarulhos, Mairiporã e São Paulo.
Parque Estadual da Serra do Mar Núcleo: Curucutu	12.029,00	São Paulo e Itanhaém
Parque Estadual do Juquery	1.927,70	Franco da Rocha e Caieiras
Parque Estadual do Jaraguá	492,68	São Paulo
Parque Ecológico do Guarapiranga	250,30	São Paulo
Parque Estadual Alberto Löfgren	174,00	São Paulo
Parque Estadual da Várzea do Embu-guaçu	128,00	Embu-guaçu

Tabela 3 - Parques Estaduais da Região Metropolitana de São Paulo.

Fonte: Fundação Florestal (2012).

Em busca de potencializar o uso dessas áreas a Secretaria do Estado do Meio Ambiente (SMA) e a Fundação Florestal, desde 2008, vem desenvolvendo diversos projetos e investimentos voltados à visitação pública. A Secretaria identificou as potencialidades de suas áreas distribuídas pelo Estado de São Paulo e as formas para se gerar renda para os moradores do entorno das UCs e como eles podem contribuir para auxiliar na conservação dessas áreas. O principal foco está nas atividades de ecoturismo, pois sua premissa é voltada para o uso dos recursos naturais de forma sustentável e traz benefícios (ambientais, sociais e econômicos) aos envolvidos. Segundo dados da SMA, o Estado de São Paulo possui cerca de 3 milhões de hectares de áreas protegidas, com trilhas, cavernas, cachoeiras (OLIVEIRA, 2010).

No Estado de São Paulo os Parques Estaduais já estão consolidados como áreas para a prática do ecoturismo. Estimativas da Fundação Florestal, em 2007, as UCs estaduais receberam cerca de 1,5 milhões de visitantes, em 2008 ultrapassou essa marca e os parques mais visitados foram: Parque Ecológico Guarapiranga, Parque Estadual da Serra do Mar, PE Jaraguá e o Parque Estadual da Ilha Anchieta (OLIVEIRA, 2010).

O PE Jaraguá, portanto, destaca-se como um local relevante para o desenvolvimento de pesquisas sobre sua visitação pública, turismo e as práticas de ecoturismo devido ao grande fluxo de visitantes, por ser um dos últimos remanescentes de Mata Atlântica do município de São Paulo, possuir e possuir o Pico do Jaraguá, ponto mais alto do município, com 1135m de altitude acima do nível do mar.

O PE Jaraguá é uma UC administrada pela Fundação para a Conservação e a Produção Florestal do Estado de São Paulo - Fundação Florestal (FF), órgão vinculado à Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo (SMA), declarado como Patrimônio da Humanidade pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.), na qualidade de Reserva da Biosfera, passando a integrar a Zona Núcleo do Cinturão Verde da Cidade de São Paulo, em 1994. Seu objetivo é promover a integração com a comunidade local de forma a lhe proporcionar lazer, o incentivo à pesquisa científica, a promoção da educação ambiental e o turismo.

A maioria das áreas naturais abertas à visitação na cidade de São Paulo recebe um número significativo de visitantes, principalmente aos finais de semana e feriados. Com o aumento considerável de visitantes nesse período, as UCs acabam não comportando a demanda, sua infraestrutura, o número de funcionários, os problemas do entorno (invasões e caça), as queimadas criminosas, colocam em dúvida o verdadeiro uso desses espaços, ou seja, como conservar essas áreas se os problemas enfrentados comprometem diretamente sua proteção, estima-se que no PE Jaraguá o número de visitantes atinja cerca de 10 mil visitantes aos finais de semana e feriados (SMA, 1999).

O PE Jaraguá está localizado a 16 Km a partir do marco zero da Praça da Sé. Seu principal acesso é a Rodovia Anhanguera (SP-330). O visitante pode optar por sair no Km 15, acesso direto a Estrada Turística do Jaraguá ou Km 18, acesso a Avenida Jornalista Paulo Zingg. Suas coordenadas geográficas são 23° 27' 30" Latitude Sul e 46° 45' 55" Longitude Oeste, sendo a região Noroeste da Cidade de São Paulo. O parque funciona de segunda a domingo das 7:00 às 17:00h, seu endereço é Rua Antonio Carlos Nogueira, 539. Para quem utiliza o transporte público às linhas dos ônibus são 8696/31 – Jaraguá/Praça Ramos; 8047/10

– Jaraguá/Lapa; 8047/31 – Jaraguá/lapa e 8047/41 Metrô VL. Madalena/Jaraguá (FFLORESTAL, 2010).

Nas dependências do parque são realizadas diversas atividades como: shows, apresentações teatrais, exposições, missas, mas as atividades de ecoturismo encontradas no PE Jaraguá são caminhadas nas trilhas e a observação da fauna e da flora.

Na área de visitação pública de uso intensivo existem quatro trilhas:

- Trilha do Lago: destinada a todo tipo de público por possuir grau de dificuldade baixo (Figura 9), sua extensão é de 969 metros (ida e volta), com estimativa de duração de 20 minutos.



Figura 9 - Vista geral da Trilha do Lago.
Foto: Bárbara Gambaré (2008)

- Trilha do Silêncio: totalmente adaptada para atendimento de pessoas deficientes (Figuras 10 e 11) seu percurso tem duração de 30 minutos em média e sua extensão é de 828 metros (ida e volta) com o grau de dificuldade baixo.



Figura 10 – Entrada da Trilha do Silêncio
Foto: Bárbara Gambaré (2008)



Figura 11 – Área de descanso e contemplação da Trilha do Silêncio
Foto: Bárbara Gambaré (2008)

- Trilha da Bica: sua extensão é de 800 metros (ida e volta), seu percurso tem duração de 45 minutos e o grau de dificuldade é médio (Figuras 12 e 13).



Figura 12 - Entrada da Trilha da Bica
Foto: RP Indicatti (2010)



Figura 13 - Deck no final da Trilha da Bica
Foto: Bárbara Gambaré (2011)

- Trilha do Pai Zé: sua extensão é de 1600 metros (ida e volta), seu percurso tem duração de 60 minutos e o grau de dificuldade é alto. A trilha do Pai Zé (Figuras 14 e 15) é a

única a dar acesso ao Pico do Jaraguá, ao percorrer essa trilha é possível observar a mudança de vegetação de Mata Atlântica para Campo de Altitude.



Figura 14 – Trecho final da Trilha do Pai Zé
Foto: Leandro Gambaré (2011)



Figura 15 – Deck no final da Trilha do Pai Zé
Foto: Leandro Gambaré (2011)

Sua principal infraestrutura é datada da década de 70 e envolve anfiteatro, banheiros e lanchonetes. Além disso, o parque possui outras estruturas para atender seu visitante que se dividem entre o parque (parte baixa) e no Pico do Jaraguá (Tabela 4).

ESTRUTURA	QUANTIDADE
Anfiteatro (capacidade 500 pessoas)	1
Auditório (capacidade 100 pessoas)	1
Lanchonete	3
Banheiros (conjuntos)	8
<i>Playgrounds</i>	3
Pista de <i>Skate</i>	1
Conjunto de Quiosques com churrasqueiras	9
Quadra poliesportiva	1
Posto de informações	2
Bebedouro	7
Área para piquenique	3
Área para ginástica	2

Tabela 4 – Infraestrutura do Parque Estadual do Jaraguá
Fonte: Elaboração própria (2011)

Neste aspecto observa-se que:

Entretanto, em consequência da sua localização, no limite do núcleo urbano da cidade de São Paulo, parte do Parque passou a assumir o papel de parque urbano ou de lazer, com visitação intensa, o que resulta numa situação parcialmente não conforme quanto a sua classificação e seu objetivo, enquanto uma unidade de conservação de proteção integral (FFLORESTAL, 2010, p.11).

- Flora: a vegetação encontra-se em uma área de transição onde predomina a formação da Mata Atlântica (Floresta Ombrófila Densa⁸), que apresenta mata densa e úmida. Sua altura média é de 15 metros, mas com árvores de até 40 metros de altura e um rico sub-bosque⁹ composto por diversas espécies como orquídeas, bromélias, samambaias-açú e árvores maiores como as araucárias, o cedro rosa, o palmito juçara, o pau jacaré, pau-

⁸ Ambiente de elevada pluviosidade (IBGE, 2004, p.147).

⁹ Estratos inferiores de uma floresta (SMA, 1999, p. 114).

brasil e guapuruvus, entre muitos outros (Figura 16 A-H). Na parte superior, área próxima do cume é possível identificar a mudança de vegetação com características de cerrado (FFLORESTAL, 2010).

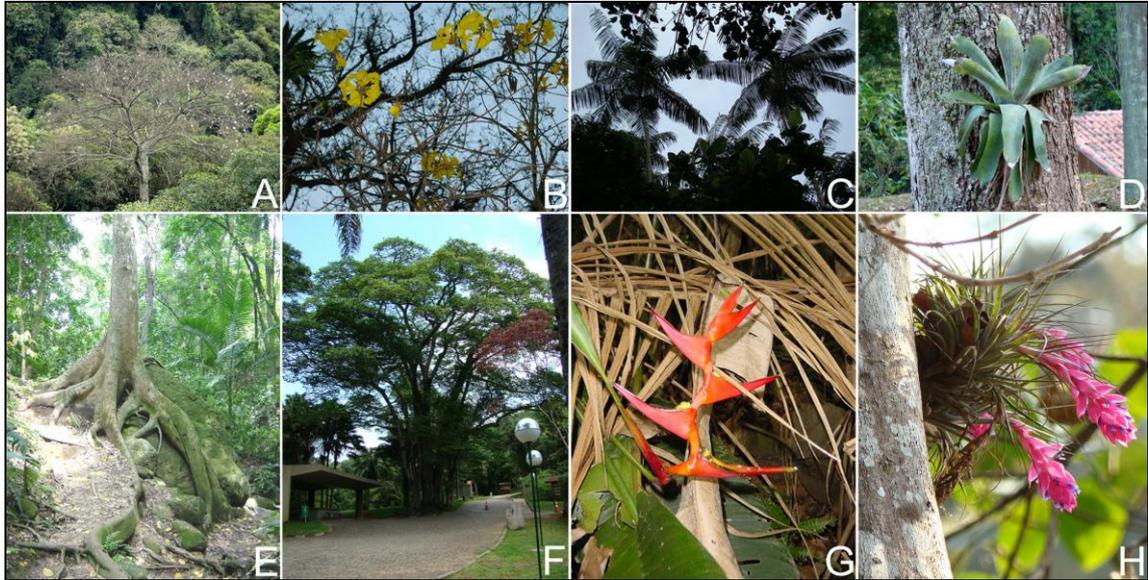


Figura 16 A-H: Flora do Parque Estadual do Jaraguá. A. Paineira; B. Ipê-amarelo; C. Palmito-juçara; D. Bromélia; E. Figueira; F. Jatobá; G. Heliconia; H. Bromélia. Fotos: RP Indicatti (2007-2011)

- Solo: a região encontra-se inserida no Planalto Atlântico, uma área de terras altas, com predominância do Sistema Cristalino (terras lombadas, ácidas, com cor esbranquiçada e alto teor de quartzo e baixo teor de biotita). Sendo composto de rochas ferromagnesianas, granitos e gnaisses, filitos, micaxistos, quartzitos e calcário (FFLORESTAL, 2010).
- Fauna: as florestas de Mata Atlântica possuem uma grande diversidade de animais, dentre eles encontrados no PE Jaraguá os mais comuns são: aves (biguá-preto, socozinho, sabiá laranjeira, Martim-pescador, pica-pau-de-banda-branca, tucano-do-bico-verde; mamíferos: capivara, quatis, veado-mateiro, bicho-preguiça, gambás; répteis: cascavel, jararaca, lagarto teiú, coral verdadeira e falsa, camaleãozinho, cobra cipó, entre outros (Figura 17 A-L).

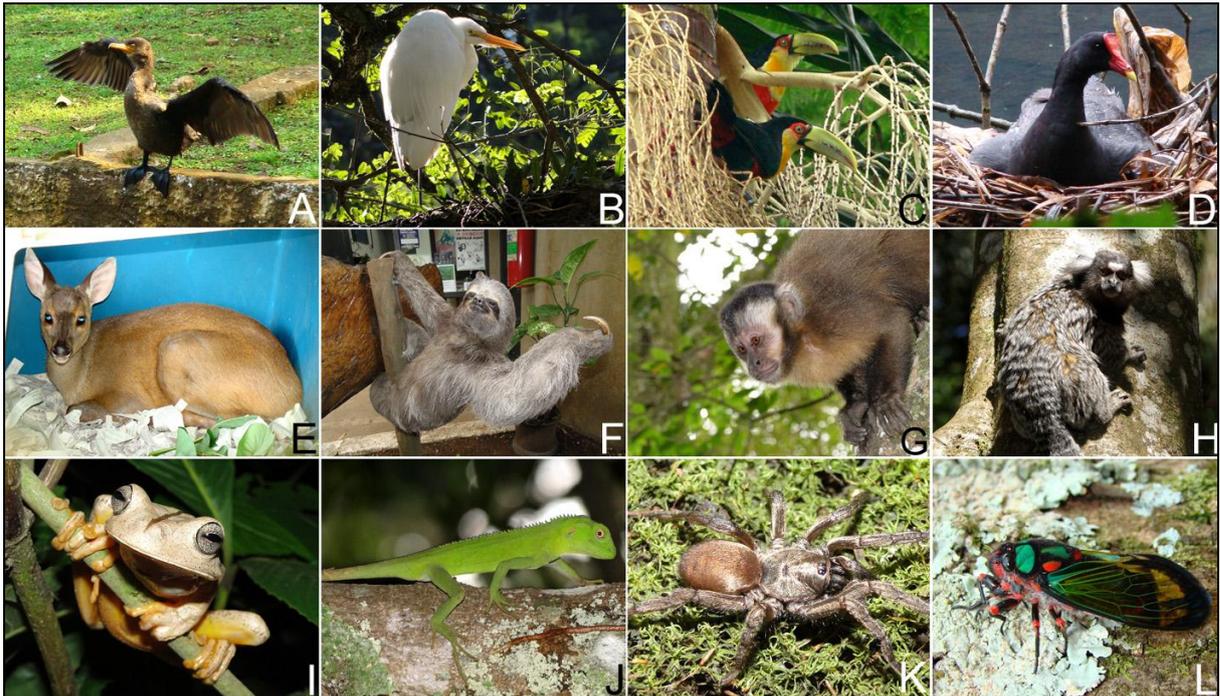


Figura 17 A-L: Fauna do Parque Estadual do Jaraguá. A. Bigua; B. Garça-branca-grande; C. Tucano-do-bico-verde; D. Frango-d'água; E. Veado-catingueiro; F. Bicho-preguiça; G. Macaco-prego; H. Sagui-do-tufo-branco; I. Perereca; J. Camaleãozinho; K. Aranha-caranguejeira; L. Cigarra.

Fotos: RP Indicatti (2007-2011)

- Hidrografia: A região do parque está inserida na bacia hidrográfica do Alto Tietê, em sua área encontram-se diversas nascentes que formam quatro microbacias, seus córregos desembocam no Ribeirão Vermelho, um afluente do rio Tietê. Três lagos artificiais são formados no interior do parque e um quarto na região do centro de treinamento dos escoteiros (FFLORESTAL, 2010).
- Clima: o clima da região é temperado de inverno seco, denominado de Floresta Latifoliada¹⁰, a temperatura média anual é de 20°C, a média dos meses mais quentes é de 22°C e dos meses mais frio é de 18°C. Essa vegetação, mesmo que seja pequena, tem um papel importante nas condições climáticas da região, além da proteção e abrigo aos animais silvestres, essa vegetação é favorável na regulamentação térmica, minimização da poluição do ar e hídrica (FFLORESTAL, 2010).

¹⁰ Floresta cuja vegetação possui folhas largas (IBGE, 2004, p. 145).

Segundo dados do Plano de Manejo (FFLORESTAL, 2010) os atrativos turísticos do Parque Estadual do Jaraguá, são:

- Pico do Jaraguá: ponto mais alto do município paulista 1.135 metros, sua altitude permite uma visão panorâmica de 360° graus de toda a região metropolitana (Figura 8).
- Pico do Papagaio: segundo ponto mais alto do município paulista com 1.127 metros localiza-se ao lado do Pico do Jaraguá. Atualmente não está aberto a visitação, pois não possui um mirante e não oferece segurança para os visitantes (Figura 18) .



Figura 18 – Pico do Papagaio
Foto: RP Indicatti (2011)

- Casarão Afonso Sardinha: patrimônio histórico datado de 1580 possui 21 cômodos e suas paredes medem cerca de meio metro de diâmetro construída em taipa de pilão, na parte inferior existem vestígios da senzala, porém não está aberta a visitação pública (Figuras 5 e 6).
- Tanque de lavagem de ouro: fabricado em pedra sabão testemunhou a época da extração de ouro do Jaraguá, mas devido a diversas interferências não possui mais suas características originais, sendo “restaurado” em concreto (Figura 7).
- Lagos: são três na área de uso intensivo, sendo dois na entrada principal do parque (Figura 9) e um na área interditada devido à poluição do mesmo.

- Tanque Batismal: utilizados por igrejas evangélicas para cerimônia de batismo (Figura19).



Figura 19 – Tanque batismal
Foto: RP Indicatti (2006)

- Auditório Jessica Nunes Herculano: espaço que comporta 100 pessoas sentadas é destinado a eventos, palestras, encontros, cursos e shows. O auditório é disponibilizado para uso da comunidade mediante a autorização prévia (Figura 20).



Figura 20 – Auditório Jessica Antunes Herculano
Foto: RP Indicatti (2011)

- Escalada: são três campos para escalar, porém apenas um está liberado (Campo 1) para essa atividade mediante a autorização do Clube Alpino Paulista e da administração do

Parque. Vale ressaltar que o Pico do Jaraguá foi um dos primeiros locais de Escalada no Brasil.

- Estrada Turística do Jaraguá: por ser uma estrada estadual (SP-106) é administrada pelo DER (Departamento de Estradas e Rodagem) com início no quilômetro 16 da Rodovia Anhanguera com término no Pico do Jaraguá, sua extensão é de 8,5 Km e seus últimos 4,5 Km ficam dentro do PE Jaraguá se tornando íngreme e com curvas sinuosas. Devido a essas características muitos ciclistas, praticantes de *skate downhill*¹¹ e pessoas que praticam caminhadas utilizam a estrada para as suas atividades, mas pelo fato de seus últimos quilômetros estarem dentro do parque seu uso depende das normas especiais de uso.
- Trópico de Capricórnio: é uma linha imaginária que atravessa a América do Sul, África e a Oceania, três oceanos e onze países, dentre eles o Brasil e no caso passa pelo Pico do Jaraguá na sua face norte.
- Complexo de Churrasqueiras: estão localizadas na parte baixa do parque e são extremamente concorridas aos finais de semana e feriados, muitas famílias as utilizam para realizar festas de aniversário (Figura 21).



Figura 21 – Complexo de Churrasqueiras.
Foto: RP Indicatti (2011)

¹¹ Trata-se de uma modalidade de *skate* de decida em ladeiras em alta velocidade. A prática exige normas e uso de equipamentos. A demanda para tal atividade no PE Jaraguá é pela Estrada Turística do Jaraguá, que de acordo com especialistas apresenta excelente característica com exigência de nível técnico avançado (FFlorestal, 2010).

Ao identificarmos os atrativos do parque fica evidente porque sua demanda aos finais de semana e feriados aumenta consideravelmente, além disso, é um dos poucos parques estaduais que possui área para churrasco, quadras poliesportivas, *playgrounds* e pista de *skate*. Duas pesquisas anteriores realizadas pela autora em 2008 e 2010 demonstraram que o principal uso do parque pelos seus visitantes é para atividades de lazer e para a realização de churrasco (GAMBARÉ, 2011).

CAPÍTULO 3 – DO IMAGINADO AO VIVENCIADO NO PARQUE ESTADUAL DO JARAGUÁ

Este capítulo apresenta os dados e análises para alcançar os objetivos da presente pesquisa, assim como responder os questionamentos e permite a compreensão para os pressupostos da pesquisa. Vale comentar que a pesquisa de campo foi realizada pela própria pesquisadora no Parque Estadual do Jaraguá, que juntamente com as visitas, experiências e observações anteriores permitiram a compreensão mais abrangente sobre os temas discutidos.

3.1 PERFIL SOCIOGRÁFICO DOS ENTREVISTADOS

Esta pesquisa, do ponto de vista metodológico, pode ser classificada como exploratória com a aplicação de questionário semiestruturado, com análise qualitativa dos resultados obtidos.

No aspecto de apresentação dos dados de campo, foram entrevistados 30 visitantes, entre homens e mulheres, em diferentes áreas do Parque. Utilizou para aplicação das entrevistas, questionário semiestruturado presente no anexo 1. Como resultado, 60% das entrevistas foram feitas na parte baixa e 40% no Pico do Jaraguá. A proporção entre a quantidade de homens e mulheres não foi tão expressiva, sendo 51% de homens e 49% de mulheres. A média de idade entre eles é de 43 anos para os homens, e 36 anos para as mulheres. Quanto ao estado civil, 61% dos entrevistados são solteiros, 30% casados e 9% divorciados (Tabela 5).

Estado civil	Porcentagem	Média de idade
Fem.	49%	36,44
Casada	10,69%	41,2
Divorciada	2,62%	24
Solteira	35,28%	35,3
Masc.	51%	43,13
Casado	19,76%	45,5
Divorciado	5,44%	65
Solteiro	26,21%	36,33
Total geral	100,00%	39,80

Tabela 5: Relação entre a média de idade e o estado civil dos resultados obtidos a partir das pesquisas realizadas pela autora (2012).

A escolaridade dos entrevistados variaram entre ensino médio completo (29%), ensino fundamental completo (25%) e superior completo (18%) (Tabela 6).

A tabela 5 demonstra a relação entre a média de idade e o estado civil dos entrevistados divididos entre homens e mulheres. A tabela 6 apresenta a relação entre a escolaridade e a idade entre os homens e as mulheres. Esses resultados evidenciam que independente da escolaridade, idade e estado civil o imaginário se manteve o mesmo em relação aos recursos naturais.

Escolaridade	Porcentagem	Média de Idade
Fem.	49%	36,44
Ensino médio completo	11,49%	41
Ensino médio incompleto	5,65%	17
Mestrado	3,02%	28
Superior Completo	12,50%	39,2
Superior Incompleto	6,85%	29
Ensino fundamental completo	9,07%	39,5
Masc.	51%	43,13
Ensino médio completo	17,54%	50
Superior Completo	6,05%	30
Superior Incompleto	4,84%	36
Ensino fundamental completo	15,73%	37
Ensino fundamental incompleto	7,26%	42,5
Total geral	100,00%	40

Tabela 6: Relação entre a média de idade e a escolaridade dos resultados obtidos a partir das pesquisas realizadas pela autora (2012).

A pesquisa também revelou que os dados coletados para identificar a origem dos entrevistados não influenciou nas outras variáveis estudadas sobre o imaginário e apresentadas a seguir.

3.2 O IMAGINÁRIO E O PARQUE ESTADUAL DO JARAGUÁ

A pesquisa utilizou como objeto de estudo o PE Jaraguá, uma área que se localiza na região noroeste da cidade de São Paulo. Sua característica geográfica de ponto mais alto do município paulista, sempre atraiu a atenção das pessoas, desde os indígenas em tempos remotos, bandeirantes a caminho do sertão do Brasil, aeronaves como rota para pouso e decolagem e transmissões de sinais de televisão, celular, rádio, ou seja, o Pico do Jaraguá mantém-se como um ponto de referência para a cidade.

Com a implantação do projeto turístico, a fazenda Jaraguá, se torna um Parque Estadual administrado pelo poder público, dando início a construção de infraestrutura para o lazer, tais como: churrasqueiras, *playgrounds*, pista de *Cooper*, lanchonetes, concha acústica para eventos, mirantes, trilhas, acesso (Estrada Turística do Jaraguá), entre outros.

No contexto histórico de uso da área, observou-se que o PE Jaraguá é um local destinado à conservação da natureza, mas também é uma área destinada às atividades de lazer e turismo, por isso, estudos sobre a demanda, o perfil dos visitantes, impressões e usos da área, impactos positivos e negativos, sua fauna e flora, são relevantes para que se mantenha sua conservação para usufruto de seus visitantes.

Logo, a presente pesquisa teve como objetivo compreender o imaginário do visitante como um motivador para a visita ao Parque Estadual do Jaraguá, e como ocorre essa experiência.

Os resultados a seguir foram constatados a partir do estudo os seguintes autores: Le Goff (1994); Silva (2003); Barros (2007), Espig (1998); Maffesoli (2001); Gastal (2005) e as funções do imaginário apresentadas por Wunenburger (2007). Com a compilação das idéias propostas pelos referidos autores, detectou-se que o imaginário ocorre por meio de um processo e que este é proposto pela primeira vez pela autora deste trabalho, de acordo com o esquema apresentado na Figura 1.

Desta forma, denominou-se de Processo de Concretização do Imaginário (Figura 22) que surge a partir de quatro etapas: Imaginar; Planejar; Concretizar; e Consequências.

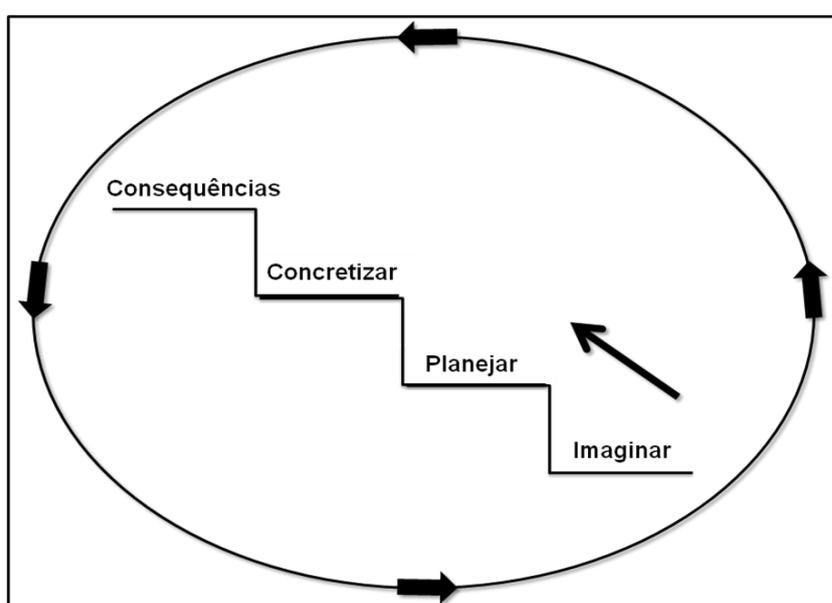


Figura 22 - Processo de Concretização do Imaginário
Fonte: Elaboração própria (2012).

Os elementos possuem o mesmo grau de importância, pois determinam os estágios que cada pessoa passa ao dar um *start* para concretizar seu imaginário. Cada “degrau” alcançado determina um passo para o estágio seguinte, ou seja, um alimenta o outro para gerar motivação e força para se atingir o próximo “degrau” e finalmente concretizá-lo totalmente ou parcialmente, pois se sabe que nem tudo o que é imaginado é possível reproduzir na realidade. Esse processo é infinito visto que as motivações também são infinitas.

Cada “degrau” é um processo a ser realizado pelo indivíduo. Seu início é no imaginário e a partir disso investe-se no planejamento para concretizar o desejado, material ou imaterial, como última etapa surge às consequências positivas ou negativas.

O esquema proposto auxiliou nas análises e na obtenção dos resultados quanto aos pressupostos: a) o imaginário do visitante em relação ao PE Jaraguá é um fator motivador, pois se manifesta em função da busca do contato com a natureza; e b) a sensação de fuga do cotidiano e da rotina nos centros urbanos se dá a partir das experiências vivenciadas em contato com a natureza.

A primeira etapa do Processo de Concretização do Imaginário foi identificada a partir da pergunta “Por que escolheu visitar o parque?”. Identificou-se que todas as declarações dos visitantes entrevistados remetem o imaginário da busca pelo contato com a natureza. Também foram declarados a importância do ar mais puro e a conquista da alegria, paz e quebra de rotina diária, conforme declarações dos entrevistados:

Bom... Um pouco de verde que tem e que a gente tem que preservar. Ainda é um ar puro e isso é bom, meu físico e meu bem estar (Entrevistado 9).

Porque é perto e é gostoso vir aqui e respirar um ar mais puro (Entrevistado 21).

Porque tudo contribuiu, o clima, esse tempo de chuva, a natureza mais real e o parque se torna mais encantador com esse clima (Entrevistado 12).

Eu queria conhecer, ver como que era, se era legal, se era grande mesmo, o que tinha e o que não tinha (Entrevistado 25).

Eu venho mais pra quebrar a rotina diária (trabalho e faculdade), descansar, relaxar, respirar ar puro (Entrevistado 30).

A figura 23 mostra uma foto tirada da Cidade Universitária (Zona Oeste da Cidade de São Paulo) que representa o distanciamento do homem urbano em relação a natureza, assim como a possível representação geográfica do Pico do Jaraguá como local mais alto da cidade

de São Paulo. Logo, infere-se que ao observarem esses espaços naturais o homem remete a busca do contato com a natureza.



Figura 23: Vista do Pico do Jaraguá da Universidade de São Paulo, Campus Butantã.

Foto: RP Indicatti (2003)

Essa consideração sobre o imaginário também foi reforçada por meio da pergunta: “O que o Pico do Jaraguá representa para você?”, identificou-se que o Parque se revela como sendo fonte de saúde, harmonia, sossego, contato com a natureza e lazer conforme as seguintes declarações:

Saúde, sossego, harmonia, é um lugar bem sossegado, né! Muito verde, tudo o que não tem lá fora nas avenidas, e a poluição (Entrevistado 1).

A natureza, que a gente não tem na rua, a gente não vê nada de natureza e o contato com animais (Entrevistado 2).

Beleza, natureza, respirar ar puro, me sinto bem! Tomo água da fonte (Entrevistado 4).

Um pedaço que ainda temos que preservar. Eu me sinto muito bem aqui e pensar que um dia tudo foi assim (Entrevistado 13).

Um pedacinho da natureza, uma parte de São Paulo que não podemos perder. É tão pequeno e tão importante (Entrevistado 21).

Essas declarações dos entrevistados podem ser visualizadas pelas figuras 24, 25 e 26 da Trilha da Bica, Trilha do Silêncio e área de churrasqueira e piquenique. Esses locais são equipamentos de lazer buscados pelos visitantes e turistas, que possibilitam o contato com o meio natural e revelam o que o PE Jaraguá representa para os visitantes e turistas: saúde, harmonia, sossego, contato com a natureza e lazer.



Figura 24: Crianças bebendo água na Trilha da Bica representando o contato com a natureza.

Foto: Bárbara Gambaré (2008)

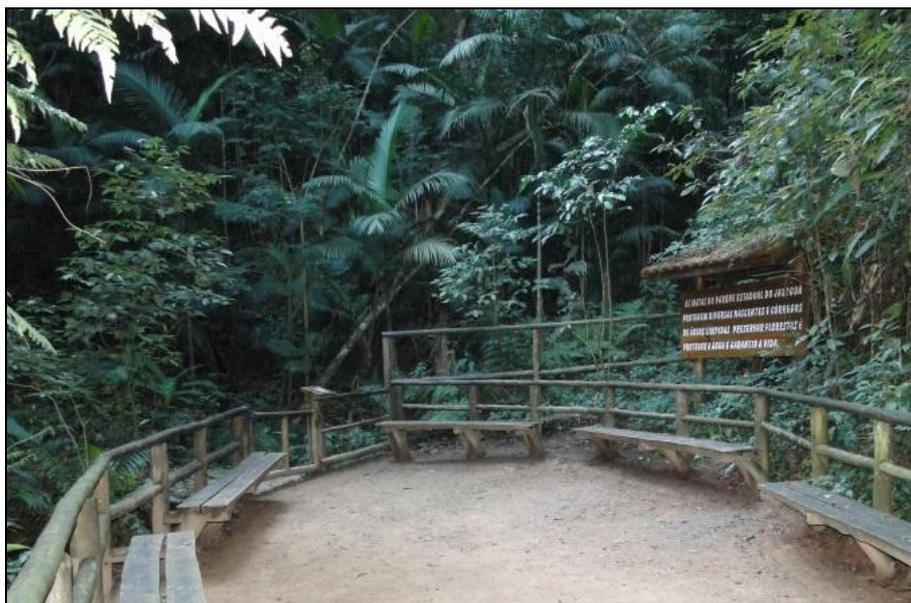


Figura 25: Final da Trilha do Silêncio representando o sossego e a contemplação da natureza.

Foto: RP Indicatti (2009)



Figura 26: Churrasqueira e área para piquenique representando as atividades de lazer oferecidas pelo PE Jaraguá.

Foto: RP Indicatti (2009)

Outras declarações feitas ao longo das entrevistas reforçam as respostas já apresentadas que remetem ao imaginário. Os entrevistados também declararam que:

Eu acho que aqui é uma grande preservação a natureza. Quando se fala em Pico do Jaraguá... Você vem aqui e esta tudo conservado. É um lugar que a gente consegue ficar próximos da natureza, tem bastante árvore. A gente vinha subindo... Eu falei para minha filha pequena que tem bastante verde e está conservado, embora tenha algumas devastações, infelizmente tem... Mas aqui em São Paulo, é um lugar que a gente fica perto da natureza. Eu gosto daqui. (Entrevistado 5)

Representa São Paulo! Eu trabalho aqui por causa do Pico, antes eu trabalhava na Vila Maria e ai surgiu uma vaga pra cá, aceitei na hora! Eu quero é natureza! Eu quero respirar... Nossa, eu chegava em casa com a cara toda preta e aqui não. (Entrevistado 17)

Como Turismólogo e Geógrafo, eu acho que sendo uma área alta as pessoas tem a noção de como é tão grande a cidade e nós tão pequenos, é uma área necessária para a cidade, pois carece de áreas verdes. São Paulo é além do cotidiano, existem áreas de descanso e retiro. (Entrevistado 30)

Representando a declaração do entrevistado 30, a figura 27 evidencia a faltam áreas verdes e o tamanho da cidade de São Paulo, vista do mirante do Pico do Jaraguá.



Figura 27: Mirante no Pico do Jaraguá, vista da cidade de São Paulo.
Foto: RP Indicatti (2012)

Vale destacar que fatos vivenciados no passado também são marcantes entre os entrevistados, pois o Parque passa a ser um ambiente para relembrar momentos felizes em um ambiente natural. Portanto, de acordo com Tuan (1983), infere-se que o Parque é um lugar de experiências para aqueles entrevistados que já haviam frequentado. Em contrapartida, o Parque também deixa de ser um espaço para aqueles que o frequentaram pela primeira vez e se transforma em um lugar com experiências e emoções.

Contudo, as declarações que afloram o imaginário do Parque não se diferenciam entre aqueles frequentaram pela primeira vez ou não, ou seja, a vivência/experiência do visitante e do turista não influencia nas declarações acerca do imaginário em relação ao contato com a natureza. Assim como outras variáveis que não influenciam seu imaginário, como idade, local de moradia, sexo, estado civil e grau de escolaridade.

Essa mesma pergunta revelou que o imaginário do Parque está atrelado também a um local turístico, como atrativo turístico natural e histórico e como um ponto de referência para o município de São Paulo. As declarações a seguir comprovam esse imaginário:

Um ponto turístico importante para a cidade de São Paulo! Muito importante e por isso deveria estar mais cuidado (Entrevistado 6).

Uma parte histórica do Brasil, mais que um marco um espaço fundamental (Entrevistado 10).

Um marco histórico e que virou um ponto turístico (Entrevistado 11).

As figuras 28 e 29 são referentes ao histórico da exploração de ouro na região do Jaraguá foram feitas pelo pesquisador Celso Dal Ré Carneiro no ano de 1982, porém toda essa área sofreu alterações quando a Rodovia Anhanguera foi ampliada e a invasão do terreno por pessoas em busca de moradia (CARNEIRO, 2011).



Figura 28: Cava de ouro a beira da Rodovia Anhanguera em 1982.
Foto: Celso Dal Ré Carneiro (1982)



Figura 29: Restos da Cava de ouro a beira destruída em 2007 pela ampliação da Rodovia Anhanguera e invasões de pessoas.
Foto: Celso Dal Ré Carneiro (2007)

Outros entrevistados se referiram ao período histórico ressaltando-se a importância da região do Jaraguá como sendo um dos primeiros locais a explorarem ouro no Brasil e ser utilizado como ponto de referência por indígenas e posteriormente pelos Bandeirantes adentrarem rumo ao sertão do país (DALMO, 2003).

Eu acho que é um dos poucos símbolos da cidade de São Paulo que é ainda, que é um símbolo da cidade, mas que é um pedaço de natureza, não é um símbolo urbano como um monumento ou alguma coisa assim. Então é bem... Aqui é a Serra da Cantareira praticamente. A verdade é o que sobrou de natureza na cidade e o Pico por ser o ponto mais alto a gente tem uma referência e isso é muito legal. E fica perto de mim! (Entrevistado 8)

Bom, fora a visão de ponto turístico, é no todo o bem estar. Você vem com a família, tem espaço lá no parque para ficar no final de semana ou fazer um churrasco ou trazer as crianças mesmo. O bem estar em si é o primordial e fora a visão dele. (Entrevistado 9)

Esse cara viu São Paulo mudar. Esse cara estava aqui antes da gente chegar, entendeu? Ele viu toda porcaria que fizemos com o Rio Tietê e na natureza. Eu imagino como isso deveria ser lindo, mas se tudo isso não tivesse acontecido não estaríamos aqui hoje. Você imaginar o tamanho dessa mata, que se ligava na Cantareira. (Entrevistado 22)

As figuras 30 e 31 a seguir demonstra como o Pico do Jaraguá é um ponto de referência para a cidade de São Paulo, pois até hoje pode ser observado de diversos pontos do município e da Grande São Paulo.



Figura 30: Pico do Jaraguá visto do Autódromo José Carlos Pace, em Interlagos.
Foto: RP Indicatti (2009)



Figura 31: Detalhe do Pico do Jaraguá visto do Autódromo José Carlos Pace, em Interlagos.
Foto: RP Indicatti (2009)

Logo, é importante enfatizar que o Pico do Jaraguá é o ponto mais alto do município paulista, com 1135 metros de altitude ao nível do mar, por isso atrai muitos visitantes e turistas, chegando por volta de 10.000 pessoas em finais de semana e feriados com sol (FFLORESTAL, 2010). Nas figuras 32 e 33 é possível visualizar a área do parque em um dia de semana (03 de junho de 2009) e nas figuras 34 e 35 em um feriado (12 de outubro de 2007), no caso o dia das crianças, a mudança na quantidade de público nas dependências do Parque é evidente.



Figura 32: Pista de *skate* sem uso durante a semana.
Foto: Bárbara Gambaré (2009)



Figura 33: Pista de *skate* no dia das crianças.
Foto: Bárbara Gambaré (2007)



Figura 34: *Playground* sem uso durante a semana.

Foto: Bárbara Gambaré (2009)



Figura 35: *Playground* no dia das crianças
Foto: Bárbara Gambaré (2007)

Neste sentido que muitos autores alegam que as UC não possuem condições para atender a demanda, pois quando realmente essas áreas precisam oferecer espaços de lazer se tornam espaços cheios e com um alto grau de impacto na infraestrutura e nas áreas de vegetação (COSTA, 2002, KINKER, 2002, WEARING & NEIL, 2001).

Infere-se que o próximo estágio do Processo de Concretização do Imaginário, denominado planejamento, foi realizado, pois a própria visita ao Parque denota a sua efetivação. O local de moradia de 63,91% dos entrevistados (Tabela 7) de fora da região noroeste de São Paulo (onde está localizado o Parque) reforça que houve essa etapa de planejamento, devido ao deslocamento e ao tempo livre dispendido. Contudo, a maneira como se deu esse planejamento, suas prioridades ou entraves não foram detectados na presente pesquisa.

LOCAL DE MORADIA	ENTREVISTADOS
SP - Centro	5,24%
SP - Noroeste	36,09%
SP - Norte	6,45%
SP - Oeste	9,07%
SP - Sul	13,91%
Atlanta (EUA)	1,41%
São Bernardo do Campo (SP)	2,82%
Osasco (SP)	9,27%
Diadema (SP)	4,64%
Hortolândia (SP)	5,44%
Campinas (SP)	5,65%
Total	100,00%

Tabela 7: Local de procedência dos entrevistados, de acordo com os resultados obtidos da pesquisa realizado pela autora (2012).

A etapa de concretização do Processo de Concretização do Imaginário pode ser percebida na seguinte pergunta aos entrevistados: “Qual atividade você buscou fazer aqui no parque?”. Esse local de experiência (TUAN, 1983) é composto por equipamentos e serviços, que no caso do Parque são de ecoturismo (SWARBROOKE, 2000; FIGGI, 2001 *apud* WEARING, 2001; OMT, 2002 *apud* Oliveira *et al.*; MICT/MMA, 1994; e WEARING & NEIL, 2001), mas são utilizados tanto por visitantes da cidade de São Paulo quanto por turistas.

Neste sentido, os turistas entrevistados declararam que possuem interesses em realizar atividades de ecoturismo, outros entrevistados afirmaram que já realizam essas atividades e que estavam no Parque em busca disso. O entrevistado 14, residente em São Bernardo do Campo, evidencia que veio até o Parque para:

Conhecer e passear um pouco [...]. (Entrevistado 14)

Já o entrevistado 21, residente no município de Osasco, afirmou que visitou o Parque:

Porque é perto e é gostoso vir aqui e respirar um ar mais puro.
(Entrevistado 21)

Essas declarações podem ser representadas pela figura 36, vista do lago da entrada principal onde é possível observar a fauna e a flora do Parque.

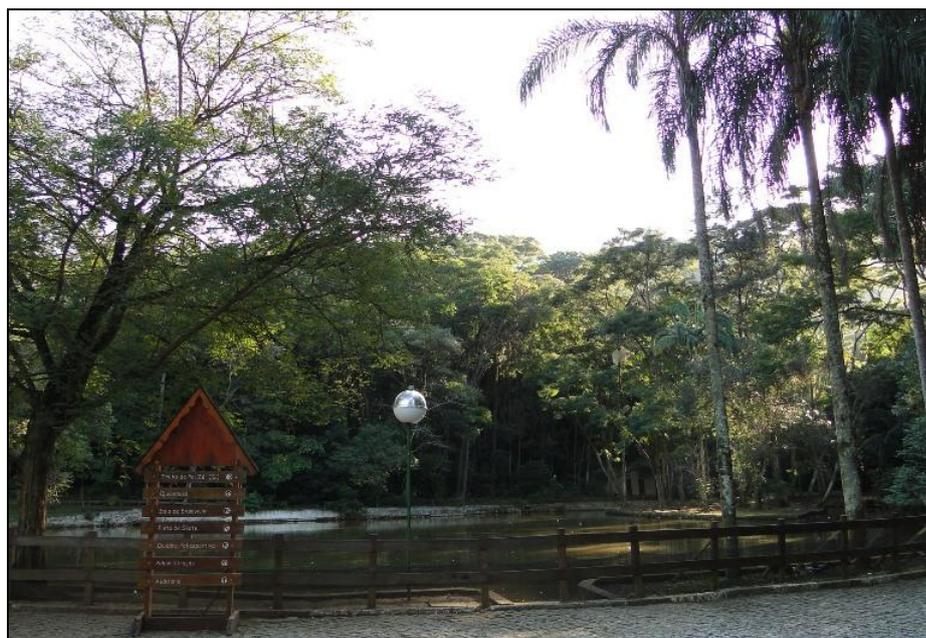


Figura 36: Lago da entrada principal, área de contemplação da fauna aquática

Foto: RP Indicatti (2009)

Quanto ao entrevistado 25, também residente no município de Osasco, declarou que queria conhecer e ainda subir a Trilha do Pai Zé até o Pico do Jaraguá. Vale ressaltar que a Trilha do Pai Zé, com 1600 metros, é a única trilha que disponibiliza acesso até o Pico do Jaraguá e possui um grau de dificuldade alto (FFLORESTAL, 2010):

[...] queria conhecer, ver como que era, se era legal, se era grande, o que tinha e o que não tinha. (Entrevistado 25)

O entrevistado 28, vindo da cidade de Campinas - SP declarou que preferiu visitar o Parque para fazer:

Caminhada e conhecer o Pico, ver a cidade. (Entrevistado 28)

Além dessas declarações, destacou-se a do entrevistado 22 vindo do município de Diadema –SP, para visitar o Parque na busca de contemplação da natureza, ou seja, uma das atividades de ecoturismo existente no PE Jaraguá:

Descanso, paz, independente que o pessoal faz um pouco mais de barulho aqui, mas você consegue dar uma apagada em tudo isso e deixar só o barulho dos pássaros e sentir até o som dos gaviões e das andorinhas. Eu não venho aqui para ficar ouvindo música, ficar falando, crianças chorando, o legal é ouvir o macaquinho chamando. (Entrevistado 22)

Ao serem questionados sobre qual atividade buscou fazer aqui no parque, os entrevistados residentes no município de São Paulo, responderam que buscavam natureza, beber água da nascente, ver a paisagem, caminhar nas trilhas, observar a cidade, ver os animais e ir até o Pico do Jaraguá pela trilha ou de carro pela Estada Turística do Jaraguá. As respostas a seguir merecem destaque, pois de maneira geral englobam as outras respostas dos demais entrevistados:

A gente faz trilha, e sobe, pega água, as crianças brincam. (Entrevistado 3)

Eu venho aqui para ver São Paulo. (Entrevistado 17)

Fazer caminhada, subimos no Pico, andar, ver os macacos. (Entrevistado 21)

Subir até o Pico. (Entrevistado 30)

As respostas dadas pelos entrevistados reforçaram o uso dos equipamentos e serviços de ecoturismo que são usados pelos turistas e pelos moradores da cidade de São Paulo.

Finalizando o Processo de Concretização do Imaginário temos a Consequência, que se configura como o auge do processo, o indivíduo finalmente obtém o resultado do que foi materializado na concretização. Neste sentido, podemos identificar que são as experiências, que segundo Tuan (1983) geram os sentimentos que tornam um espaço em lugar, no caso o PE Jaraguá.

A pergunta realizada para finalizar o processo foi “O que você sente ao entrar aqui no parque?”. O entrevistado 2 declarou que ao entrar no Parque sente:

Paz, Harmonia, alegria. (Entrevistado 2)

O entrevistado 5 afirmou:

Muito agradável, você sente a sensação de livre, agradável o ambiente, uma sensação boa, muito boa! (Entrevistado 5)

Já o entrevistado 14, que estava visitando o parque pela primeira vez, declarou que sentiu:

Achei bom, gostei. Uma vista bonita, o ar também é muito bom.
(Entrevistado 14)

Vale destacar a declaração do entrevistado 19 que explicou que via o Pico de longe há mais de 30 anos, e que sempre ouvia falar desse local, mas nunca tinha tido a oportunidade de visitá-lo e ao concretizar o imaginário declarou:

Muita alegria, muito bom! Até que enfim conheci, gostei mesmo. Fiquei maravilhado. (Entrevistado 19)

Nesta declaração, observa-se o que Tuan (1983) explicou com relação ao espaço se tornar um lugar com sentimentos e, ainda segundo Le Goff (1994) é o imaginário que alimenta o homem e cria forças para se agir, estimulando a concretização.

Na resposta dada pelo entrevistado 8 identificou-se que o PE Jaraguá pode ser considerado uma extensão da casa do visitante, pois segundo sua declaração se sente bem ao morar próximo.

É muito gostoso ainda ter um pedaço de floresta preservado aqui pertinho da gente. Eu me sinto bem por morar aqui perto, por que na cidade não tem mata nativa e sim alguns pequenos parques. Eu adoro floresta, a Mata Atlântica. (Entrevistado 8)

A declaração do entrevistado 12 também reforça a teoria apresentada por Tuan (1983), tudo a nossa volta começa como espaço indiferenciado que ao longo do tempo vai se transformando em lugar à medida que conhecemos melhor e o dotamos de valor.

Estando aqui, eu sinto uma paz muito grande! Uma paz de espírito, uma paz incrível e só sente a pessoa que costuma frequentar. Você vem uma vez, você não quer deixar de vir nunca. Uma paz muito gostosa, uma paz de espírito. Uma Calma no seu interior... Estava falando isso para minha esposa. Algo maravilhoso.

Ainda segundo Tuan (1983) podemos considerar que as respostas dadas pelos entrevistados em relação ao Parque demonstram os sentimentos que sentem pelo lugar e seus pensamentos em prol da sua conservação como declarado pelo entrevistado 18.

Eu me orgulho de morar por aqui, porque quem mora em São Paulo não tem acesso, sempre metrópole. Nos temos uma regalia de ter um lugar desse. (Entrevistado 18)

Outra pergunta relevante que complementa a análise foi “Você procura avistar o Pico de outros lugares da cidade?”, essa pergunta confirma que até os dias de hoje o Pico do Jaraguá continua sendo um ponto de referência para a cidade.

Olha, eu estou trabalhando ultimamente em Osasco e é impossível não olhar para cá e não ver ele. É bem visível... Até uma coisa bem engraçada, se esta perdido em algum lugar e quer se localizar... Cadê o Pico? Ai você olha e já sabe em que direção ir. (Entrevistado 9).

Quando eu subi lá (Prédio do Banespa) a primeira coisa que eu pergunte foi “Cadê o Pico?”. Quando vou falar para alguém e a pessoa não conhece eu falo “O Pico! Seu desenformado. O Pico do Jaraguá! Como você não conhece?”. Da muita raiva, porque você fala em Pirituba e o pessoal acha que é interior... (Entrevistado 16).

La de Osasco da pra ver. Eu sempre olho pra cá. Eu gosto! Quando a gente passa na Rodovia Bandeirantes a gente sempre fala “Olha o Pico” (Entrevistado 21).

A figura 37 apresenta o Pico do Jaraguá em relação à cidade de São Paulo, também reforçado seu uso como ponto de referência.



Figura 37: Foto aérea do Pico do Jaraguá e abaixo a cidade de São Paulo.

Foto: Sidnei Raimundo (2005)

A partir dessas declarações averiguou-se que o visitante concretizou seu imaginário em relação ao contato com a natureza, pois em todas as respostas dadas observou-se que havia uma satisfação em estar nesse local que possibilita o contato com a natureza.

Todas as declarações, em todas as etapas do Processo de Concretização do imaginário, deixaram evidente o desejo e os sentimentos positivos envolvendo a natureza, além do tempo livre dedicado ao lazer que está diretamente voltado para esse tipo de atividade.

Motivado pelo desejo de escapar das obrigações diárias e da rotina dos grandes centros urbanos, os moradores vão à busca de novas experiências, não basta estar no lugar, o indivíduo quer fazer parte daquela situação, ou seja, segundo Gaeta (2010) não quer mais ser um expectador. As pessoas querem ter a sensação de que viveram um momento único não captado pelas lentes de uma câmera. Sendo assim, o espaço se torna um lugar (TUAN, 1983).

Neste sentido, o imaginário relacionado com o contato com a natureza vem a tona e motiva a busca pelo contato e por experiências em relação as áreas naturais, no caso nas UCs de proteção integral.

Como conceituado no Capítulo 1 é por meio do lazer e da atividade turística, mais especificamente o ecoturismo, que as pessoas conseguem ter acesso a esses espaços naturais, como no caso do PE Jaraguá. Neste sentido, o Parque oferece uma ambientação, equipamentos e atrativos para sanar esses anseios ligados ao contato com a natureza, como a

infraestrutura básica e turística e atrativos (trilhas, mirantes, *playgrounds*, área para piquenique, fauna e flora). Vale ainda comentar que o Parque Estadual do Jaraguá possui funcionários qualificados para atender a demanda, mesmo que isso não foi comentado pelos entrevistados sabe-se que é um fator de importância para atender á demanda.

Portanto, o lazer permitido no PE Jaraguá é algo buscado no mundo contemporâneo, em especial pelas pessoas dos centros urbanos, que deve ser valorizado por todos. Sendo assim, o imaginário é o que torna esse tempo livre ainda mais satisfatório no sentido de concretizar seus anseios em relação ao contato com a natureza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa aproximou o estudo do imaginário com a busca pelo contato com natureza, tendo como objeto de estudo o PE Jaraguá, uma Unidade de Conservação de Proteção integral, que possui infraestrutura para atender a demanda de visitação pública.

As UCs a cada dia recebem mais visitantes, principalmente aquelas localizadas nos grandes centros urbanos, como no caso do Parque, que se localiza na região metropolitana da cidade de São Paulo uma das maiores do mundo, oferece aos seus frequentadores área com churrasqueiras, *playgrounds*, trilhas, áreas para piquenique, lanchonetes, banheiros, auditório, concha acústica. Assim como possui funcionários qualificados (monitores, seguranças, equipe de manutenção, portaria e limpeza) para atender á demanda. Além de auxiliar nas práticas de lazer, o PE Jaraguá, contribui para o equilíbrio ambiental da região sendo um refúgio de fauna e flora da Mata Atlântica.

Todavia, em muitos casos observa-se que os parques, incluindo o PE Jaraguá, não conseguem atender á crescente demanda dos finais de semana e feriados, como visto anteriormente. Mesmo assim, a partir das entrevistas realizadas pôde-se verificar a satisfação e as consequências positivas vindas das experiências em contato com a natureza dos entrevistados. Neste sentido, infere-se que o Parque é um local em meio urbano que proporciona satisfação e cumpri o seu papel em conservar sua área e proporcionar atividades e equipamentos de lazer.

A partir das pesquisas realizadas pôde-se identificar, também, que o uso das áreas naturais para atividades de lazer e turismo estão sendo discutidas e se revelam como uma preocupação e denotam atenção tanto no meio acadêmico como entre visitantes e turistas. Essas preocupações surgiram em decorrência das discussões em relação à sustentabilidade que vem sendo empregada nas atividades de lazer e do turismo. Vale relembrar que a sustentabilidade envolve todas as ações da sociedade em função do equilíbrio do uso dos recursos naturais, com relação ao turismo sustentável não é diferente, porém o segmento turístico que mais aplica esse conceito é o ecoturismo.

Neste sentido, entende-se por sustentabilidade, entre outros aspectos, as ações praticadas pelo homem sem destruir os recursos naturais para que as próximas gerações também tenham acesso (água, florestas, minerais, animais, entre outros). Esse conceito foi aplicado nas atividades de lazer e turismo beneficiando-as e contribuindo para a conscientização dos participantes mesmo estando no tempo livre. Assim as atividades de ecoturismo são desenvolvidas para aliar o contato com a natureza, o mínimo impacto e o uso

das áreas para a diversão, desta forma, proporciona experiências positivas aos participantes em contato com a natureza e ainda demonstra por meio de ações de educação ambiental, que a conservação desses ambientes é fundamental.

Logo, a busca pelo contato com a natureza é estimulada pelo imaginário, pois o homem sempre buscou saber o que existia nesses ambientes, ou seja, o imaginário em relação à natureza sempre existiu, por diversos motivos e estímulos que se modificaram ao longo do tempo, fato que pode ser observado no decorrer desta pesquisa. Assim, o modo de vida contemporâneo transformou a concretização desse imaginário por meio de atividades controladas (pessoal treinado, equipamentos de segurança, áreas demarcadas e sinalizadas), uma situação diferente daquela vivida pelos antigos exploradores, pois não tinham informações concretas sobre os recursos naturais que os cercavam, os mitos e as lendas eram motivos para adentrar nas matas ou fugir dela. Além disso, os diversos meios de comunicação disponíveis transmitem as informações cada vez mais rápidas, os avanços nas pesquisas científicas, tecnologia e a precisão de informações excluem muitos receios em relação a natureza, como tinham os primeiros exploradores e viajantes.

Em virtude disso, a presente pesquisa discutiu o seguinte objetivo geral: compreender o imaginário do visitante como um motivador para a visita ao Parque Estadual do Jaraguá, e como ocorre essa experiência. Assim como, os objetivos específicos: a) Compreender o imaginário do visitante em relação ao Parque Estadual do Jaraguá; b) Entender a relação do imaginário com a motivação para a visita ao Parque Estadual do Jaraguá, que está atrelada ao contato com a natureza, à superação de limites e à fuga do cotidiano dos grandes centros urbanos; c) Compreender a relação entre o imaginário e a concretização da experiência do visitante no Parque Estadual do Jaraguá. Nota-se, pelo decorrer do textual teórico apresentado que a percepção destes objetivos foi alcançada com satisfatório êxito.

Neste sentido levantaram-se os seguintes questionamentos: O imaginário do visitante/turista é um motivador para a visita ao Parque Estadual do Jaraguá? E, como se dá a experiência do visitante/turista ao visitar o Parque Estadual do Jaraguá?

Para compreender o imaginário e sua relação com lazer e a natureza foi proposto, com base nos estudos e teorias apresentadas, o Processo de Concretização do Imaginário, foco central das discussões apresentadas no Capítulo 01, que esquematiza como esse processo ocorre e permite visualizar e entender as relações entre as etapas do Processo: imaginar, planejar, concretizar, e as suas consequências.

Logo, a primeira pergunta foi respondida, mas o resultado revelou que o imaginário é o motivador, porém está relacionado a qualquer área natural, ou seja, à natureza como um

todo, e não exclusivamente ao PE Jaraguá. Todavia a visita a esse determinado Parque pode ser entendida por sua localização no meio urbano, que pode ser um dos facilitadores para a busca do contato com a natureza, assim como a sua importância histórica e sua relevância como maior local de altitude da cidade de São Paulo.

Em todas as entrevistas, demonstradas e analisadas no Capítulo 03, observou-se que o turista/visitante possui motivação em conhecer o parque, pois seu imaginário está associado ao contato com a natureza que para os entrevistados proporciona paz, harmonia, alegria, bem estar e principalmente fugir da rotina diária, mesmo que por algumas horas. Neste sentido, o PE Jaraguá proporciona experiências e sensações positivas, diferentes do que no dia a dia as pessoas vivenciam.

Observou-se, principalmente pelas análises apresentadas no Capítulo 02, que PE Jaraguá com as suas características naturais, atrai muitos visitantes/turistas que buscam um espaço de lazer com atividades em meio a natureza. Vale esclarecer que o distanciamento do homem em relação à natureza pode ser um dos fatores que levam à contemplação e a um estado de idolatria das áreas naturais. Isto fica evidente a partir das respostas dadas pelos entrevistados.

Assim sendo, é na sociedade contemporânea que o imaginário vem a tona, nos estimulando a visitar essas áreas naturais e buscar experiências novas através da prática de atividades de lazer e ecoturismo. Todavia, identificou-se também que essas experiências em contato com a natureza possuem data e hora para acontecer, devido às obrigações e tempo de trabalho, e que os riscos são controlados e minimizados tanto pelos próprios equipamentos quanto pelos serviços dos profissionais qualificados para prestar assistência necessária.

A contemplação, a idolatria e a busca crescente pelo contato com espaços naturais, indicam que os moradores dos grandes centros urbanos desejam e necessitam de mais contato com a natureza. O resgate desse contato traz consequências e sensações positivas para os visitantes e turistas, e também traz benefícios para as áreas naturais. Já que as atividades e experiências vividas nessas áreas despertam o interesse em conservar e preservar esses espaços, que deixam de ser um simples espaço e se tornam um lugar por ser revestido de memórias e experiências, assim são lugares naturais que participam efetivamente da vida dessas pessoas.

Deste modo, o primeiro pressuposto foi parcialmente confirmado, visto que o imaginário do turista/visitante é um fator motivador que se manifesta em função da busca do contato com a natureza, mas não necessariamente em relação ao local pesquisado.

Quanto à experiência do turista no PE Jaraguá identificou-se que ela ocorre a partir das atividades de ecoturismo: contemplação da fauna e da flora e caminhada nas trilhas. Sendo que essas experiências ocorrem em diversas áreas, como na trilha do Pai Zé, trilha do Silêncio e trilha da Bica, os mirantes do Pico do Jaraguá, as áreas para piquenique, nos *playgrounds* destinados as crianças, e áreas de churrasqueiras. Vale ressaltar que o PE Jaraguá é em primeiro lugar uma área de lazer para os visitantes da cidade de São Paulo, principalmente para os moradores do seu entorno, mas também é frequentado por pessoas não moradoras da cidade de São Paulo. Isso o caracteriza também como um atrativo turístico. Assim sendo, tanto os turistas quanto os visitantes praticam as mesmas atividades e utilizam os mesmos equipamentos em meio à natureza.

Logo, o segundo pressuposto foi confirmado, pois a sensação de fuga do cotidiano e da rotina dos centros urbanos foi comprovada nas entrevistas, nas quais os turistas/visitantes destacaram que a partir das experiências vivenciadas no PE Jaraguá em contato com a natureza, conseguiram concretizar o imaginado tendo como consequência sensações positivas de paz, harmonia e da fuga da rotina.

Infere-se que o imaginário participa constantemente da vida e do cotidiano, pois ele pode ser considerado um dos fatores que levam a busca por alguma experiência ou atividade, que pode trazer sensações positivas para a vida do homem. Assim sendo, pode-se pensar que o imaginário é um fator essencial na vida humana, sem o imaginário a vida não tem cor e não tem emoção.

Como visto anteriormente, o PE Jaraguá merece atenção por parte de pesquisadores, devido a sua biodiversidade, suas características geológicas, sua importância como opção de lazer em contato com a natureza, sua contribuição para a manutenção da qualidade ambiental no município e sua importância histórica. Logo, sua importância e suas características que são reveladas pelos visitantes e turistas também devem ser consideradas a partir dos conceitos de sustentabilidade. Assim, o PE Jaraguá pode continuar e vir a ser para novos visitantes e turistas um local em meio urbano que possibilita o contato com a natureza pelo acesso aos equipamentos de lazer e ecoturismo, na medida em que aflore a importância da preservação e conservação dessa área para São Paulo.

O presente trabalho contribui para estudos e pesquisas futuras sobre o imaginário, lazer, turismo e áreas naturais, em especial os Parques Estaduais em áreas urbanas. Assim como, marca a importância e necessidade de estudos futuros mais aprofundados acerca do proposto Processo de Concretização do Imaginário e suas etapas, em especial a etapa de planejamento que não foi contemplada na presente pesquisa. A presente pesquisa também

pode servir de base para o poder público quanto ao planejamento e á sustentabilidade em vista das consequências positivas para os visitantes e turistas, e também para a área natural por meio da importância, atenção, conservação e preservação das áreas naturais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGENDA 21. Secretaria do Meio Ambiente. **Agenda 21: Conferência das Nações Unidas sobre o meio ambiente e desenvolvimento**. São Paulo: Secretaria do Meio Ambiente, 1997.
- BACAL, Sarah. **Lazer e o Universo dos possíveis**. São Paulo: Aleph, 2003.
- BARROS, José D'Assunção. **História, imaginário e mentalidades: delineamentos possíveis. Conexão Comunicação e Cultura** - Revista de Comunicação da Universidade de Caxias do Sul, UCS, Caxias do Sul, v-6, n. 11, jan/jun. 2007. Disponível em: <www.ucs.br/portais/cecc/documentos/4365/download/> Acesso em: 27 de janeiro de 2012.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- BENI, Mario Carlos. **Análise Estrutural do Turismo**. 6 ed. São Paulo: Senac, 2001.
- _____. **Políticas e planejamento do turismo no Brasil**. São Paulo: Aleph, 2006.
- BLANGY, Sylvie, WOOD, Megan Epler. **Desenvolvendo e implementando diretrizes ecoturísticas para áreas naturais e comunidades vizinhas**. In: LINDBERG, kreg, HAWKINS, Donald E. *Ecoturismo: Um guia de planejamento e gestão*. 3. ed. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2001.
- BOO, Elizabeth. **O planejamento ecoturístico para áreas protegidas**. In: LINDBERG, kreg, HAWKINS, Donald E. *Ecoturismo: Um guia de planejamento e gestão*. 3. ed. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2001.
- BRASIL, **Código Florestal. Lei nº 4.771 de 15 de setembro de 1965**. Ministério do Meio Ambiente. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/estruturas/sbf2008_dap/_legislacao/149_legislacao12012009045054.pdf> Acesso em: 10 de janeiro de 2012.
- BRASIL, **Constituição da República Federativa do Brasil, 1988**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm> Acesso em: 09 de janeiro 2012.
- CAMURRA, Luciana & BATISTELA, Claudia Cristina. **A entrevista como técnica de pesquisa qualitativa**. Revista Psicopedagogia On Line, 2009. Disponível em: <<http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=1135>> Acesso em: 08 de fevereiro 2012.
- CARNEIRO, Celso Dal Ré. **Cavas de ouro do Jaraguá: o que resta para se preservar?** Revista Brasileira de Geociências, 2011. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/rbg/article/viewFile/17092/16710> Acesso em: 20 de janeiro de 2012.
- COSTA, Patrícia Côrtes. **Unidades de Conservação: Matéria prima do ecoturismo**. São Paulo: Aleph, 2002

COUTINHO, Leopoldo Magno. **O conceito de Mata Atlântica**. In: LOPES, Márcia Inês Martins Silveira, KIRIZAWA, Mizue, MELO, Maria Margarida da Rocha Fiuza de. Patrimônio da Reserva Biológica do Alto da Serra de Paranapiacaba: a antiga Estação Biológica do Alto da Serra. São Paulo: Instituto de Botânica, 2009.

DALMO, Dippold Vilar. **Histórico do Parque Estadual do Jaraguá**. São Paulo, 2003.

DEAN, Warren. **A ferro e fogo: A historia e a devastação da Mata Atlântica brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo**. São Paulo: Futura, 2000.

_____. **Pesquisa empírica em ciências humanas (com ênfase em comunicação)**. São Paulo: Futura, 2002.

_____. **Pesquisa em Turismo: planejamento, métodos e técnicas**. São Paulo: Futura, 2007.

DIAS, Genebaldo Freire. **Educação Ambiental: Princípios e Práticas**. 9 ed. – São Paulo: Gaia, 2004.

DIEGUES, Antonio Carlos Sant'Ana. **O mito moderno da natureza intocada**. 2 ed. São Paulo: Editora HUCITEC, 1996.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

ESPIG, Márcia Janete. **Ideologia, mentalidades e imaginário: cruzamentos e aproximações teóricas**. Anos 90 – Revista do Programa de Pós- Graduação em História da Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, n.10, dezembro de 1998. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/anos90/article/view/6220>> Acesso em: 27 de janeiro de 2012.

FFLORESTAL, Fundação para a Conservação e a Produção Florestal do Estado de São Paulo. **Plano de Manejo do Parque Estadual do Jaraguá**. Núcleo de Planos de Manejo. Secretaria do Estado de Meio Ambiente, 2010.

_____. **Unidades de Conservação – Parques Estaduais**. São Paulo. Disponível em: <http://www.fflorestal.sp.gov.br/parquesEstaduais.php>. Acesso em: 16 de janeiro de 2012.

G1, **População mundial chega a 7 bilhões de pessoas**. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2011/10/populacao-mundial-chega-7-bilhoes-de-pessoas-diz-onu.html>. Acesso em: 21 de novembro de 2011.

GAETA, Cecília. **Turismo de Experiência e novas demandas de formação profissional**. In: NETTO, Alexandre Panosso; GAETA, Cecília. Turismo de Experiência. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2010.

GAMBARÉ, Bárbara. **Análise do perfil do visitante do Parque Estadual do Jaraguá**. Anais do 38º Encontro Nacional de Estudos Rurais e Urbanos. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011.

GASTAL, Susana. **Turismo, imagens e imaginário**. 1 ed. São Paulo: Aleph, 2005.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOLDENBERG, Miriam. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. 10 ed. – Rio de Janeiro: Record, 2007. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=kyUPBO-tfYQC&oi=fnd&pg=PA81&ots=OapQtc7e_l&sig=0WITVeYRClbaSOWfvQQpMqndbPY#v=onepage&q&f=false> Acesso em: 08 de fevereiro de 2012.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Mapa dos países mais populosos em 2005**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/atlasescolar/mapas_pdf/mundo_069a_populacao_total.pdf> Acesso em: 30 de janeiro de 2012.

_____. **Vocabulário Básico de Recursos Naturais e Meio Ambiente**. 2 ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2004. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/vocabulario.pdf>> Acesso em: 06 de fevereiro de 2012.

IGNARRA, Luiz Renato. **Fundamentos do Turismo**. 2 ed. 2003.

KEATING, Vallandro, MARANHÃO, Ricardo. **Caminhos da Conquista: A formação do espaço brasileiro**. 1 ed. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2008.

KINKER, Sonia. **Ecoturismo e conservação da natureza em parques nacionais**. Campinas, SP: Papyrus, 2002.

LE GOFF, Jacques. **O imaginário medieval**. Tradução Manuel Ruas. Portugal: Editorial Estampa, 1994.

MAFFESOLI, Michel. **O imaginário é uma realidade**. Revista FAMECOS, nº 15. Porto Alegre/RS, 2001. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3123/2395>> Acesso em: 11 de janeiro de 2012.

MARINHO, Alcyane (org.), BRUHNS, Heloisa Turini (org.). **Turismo, lazer e natureza**. Barueri, SP: Manole, 2003.

MARTINS, Edilson. **Chico Mendes um povo da floresta**. Rio de Janeiro: Garamond, 1998. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books?id=3vFVtztaxkgC&printsec=frontcover&dq=chico+mendes&hl=pt-BR&sa=X&ei=pzwMT8SgOOX40gGA7I3mBQ&ved=0CDQQ6AEwAA#v=onepage&q=chico%20mendes&f=false>> Acesso em: 10 de janeiro de 2012.

MICT/MMA, Ministério da Indústria, do Comércio e do Turismo, Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal. **Diretrizes para uma Política Nacional de Ecoturismo**. Brasília, DF: Brasil Governo Federal, 1994.

MTUR, Ministério do Turismo. **Conteúdo Fundamental: Turismo e Sustentabilidade**, 2007. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/conteudo_fundamental_turismo_e_sustentabilidade.pdf> Acesso em: 01 de janeiro de 2012.

_____. **Turismo sustentável e alívio da pobreza no Brasil: reflexões e perspectivas / Ministério do Turismo**. – Brasília, DF, 2005. MTUR, Ministério do Turismo. Turismo no Brasil 2011-2014. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Turismo_no_Brasil_2011_-_2014_sem_margem_corte.pdf> Acesso em: 01 de janeiro de 2012.

O GLOBO. **Trabalhador quer mais tempo livre para não pensar em trabalho**. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/emprego/trabalhador-quer-mais-tempo-livre-para-nao-pensar-em-trabalho-4375734> Acesso em: 28 de março de 2012.

OLIVEIRA, Anna Carolina Lobo de, MATHEUS, Fabrício Scarpeta, SANTOS, Roney Peres dos, BRESSAN, Tatiana Vieira. **Educação Ambiental – Ecoturismo**. São Paulo: SMA, 2010 (Caderno de Educação Ambiental, 5). Disponível em: <<http://www.ambiente.sp.gov.br/municipioverdeazul/DiretivaEducacaoAmbiental/ECoturismo/CadernoECOTURISMO-2.pdf>> Acesso em: 30 de dezembro de 2011.

PANOSSO NETTO, Alexandre; GAETA, Cecília. **Turismo de Experiência**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2010.

PHILIPPI JR, Arlindo, RUSCHMANN, Doris Van de Meene. **Gestão ambiental e sustentabilidade no turismo**. Barueri, SP: Manole, 2010.

PIRES, Paulo dos Santos. **Turismo e Meio Ambiente: Relação de Interdependência**. In: PHILIPPI JR, Arlindo, RUSCHMANN, Doris Van de Meene. **Gestão ambiental e sustentabilidade no turismo**. Barueri, SP: Manole, 2010.

PNT, **Plano Nacional do Turismo 2003/2007**. Ministério do Turismo. Brasil. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/plano_nacional_turismo_2003_2007.pdf> Acesso em: 01 de janeiro de 2012.

PNT, **Plano Nacional do Turismo 2007/2010**. Ministério do Turismo. Brasil. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o_ministerio/plano_nacional/downloads_plano_nacional/PNT_2007_2010.pdf> Acesso em: 01 de janeiro de 2012.

PORTUGUEZ, Anderson Pereira. **Consumo e espaço – turismo, lazer e outros temas**. São Paulo: Roca, 2001.

PROGRAMA DE PARCERIAS. **Decreto nº 57.401 de 06 de outubro de 2011**. São Paulo/SP. Disponível em: <<http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/2011/decreto%20n.57.401,%20de%2006.10.2011.htm>> Acesso em: 11 de fevereiro de 2012.

SÃO PAULO, **Constituição do Estado de São Paulo**. 05 de outubro e 1989. Disponível em: <<http://www2.senado.gov.br/bdsf/bitstream/id/70452/8/SP-EC-32.pdf>> Acesso em: 09 de janeiro de 2012.

SEABRA, Giovanni de Farias. **Ecos do turismo: O turismo ecológico em áreas protegidas**. Campinas, SP: Papirus, 2001.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2002. 22 ed.

SILVA, Juremir Machado da. **Tecnologias do imaginário: esboços para um conceito**, 2003. Disponível em: <<http://ensino.univates.br/~clenz/tcc/GT12TB5.pdf>> Acesso em: 28 de janeiro de 2012.

SMA, Secretaria do Meio Ambiente. **Conhecer para conservar: as unidades de conservação do Estado de São Paulo**. São Paulo: Terra Virgem, 1999.

_____. **Atlas das Unidades de Conservação Ambiental do Estado de São Paulo**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

SMVMA, **Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente. Programa 100 parques**. Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/meio_ambiente/parques/programa_100_parkes/index.php?p=22322> Acesso em: 16 de janeiro de 2012.

SNUC, **Sistema Nacional de Unidades de Conservação**. 18 de julho de 2000. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9985.htm> Acesso em: 28 de dezembro de 2011.

SWARBROOKE, John. **Turismo sustentável: conceitos e impacto ambiental**, vol. 1 (tradução Margarete Dias Pulido). – São Paulo: Aleph, 2000.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **A viagem como experiência significativa**. In: NETTO, Alexandre Panosso; GAETA, Cecília. **Turismo de Experiência**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2010.

TEIXEIRA, Elizabeth. **As três metodologias: acadêmica, da ciência e da pesquisa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

WEARING, Stephen, NEIL, John. **Ecoturismo: impactos, potencialidades e possibilidades**. 1 ed. Barueri, SP: Manole, 2001.

WUNENBURGER, Jean-Jacques. **O Imaginário**. Tradução Maria Stela Gonçalves. Edições Loyola. São Paulo, Brasil, 2007.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: A Perspectiva da Experiência**. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

ANEXO 1

ROTEIRO DA ENTREVISTA COM OS VISITANTES

Sexo:

Masculino Feminino

Idade:

16 à 20 21 à 25 26 à 30
 31 à 35 36 à 40 41 à 45 46 à
 50 51 à 55 56 à 60 61 à 65
 acima de 65.

Estado Civil:

Casado(a) Solteiro(a)
 Divorciado(a) Viúvo(a)

Você mora em São Paulo?

sim não

Caso more perguntar a região?

Norte Sul Leste Oeste

Qual bairro? _____

Caso não more em São Paulo perguntar a cidade?

Grau de escolaridade:

Analfabeto Fundamental incompleto
 Fundamental completo Ensino
médio incompleto Ensino médio
completo Superior incompleto
 Superior completo Pós-Graduação
 Mestrado Doutorado.

Sendo morador de outra cidade perguntar o que está fazendo em São Paulo?

Como tomou conhecimento do Parque Estadual do Jaraguá?

Por que escolheu visitar o Parque Estadual do Jaraguá?

De modo geral o que o Pico do Jaraguá representa para você?

Qual atividade você buscou aqui no Parque?

Você procura avistar o Parque de outras localidades da cidade? Por quê?

O que você sente ao percorrê-lo?